



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
MESTRADO EM HISTÓRIA

JORGE SANTANA BISPO JR.

**CONSTRUINDO A MASCULINIDADE NA ESCOLA:
O COLÉGIO ANTONIO VIEIRA (1911-1949)**

Salvador
2004

**T/UFBA
305.23
B621
Consulta - Mestrado -
História**

T/UFBA 305.23 B621

Autor: Bispo Júnior, Jorge Santana
Título: Construindo a masculinidade



928640
142605

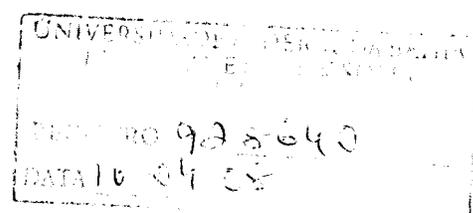
**CONSTRUINDO A MASCULINIDADE NA ESCOLA:
O COLÉGIO ANTONIO VIEIRA (1911-1949)**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em História, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Valdemir D. Zamparoni

JORGE SANTANA BISPO JR.

Salvador
2004



TERMO DE APROVAÇÃO

JORGE SANTANA BISPO JÚNIOR

CONSTRUINDO A MASCULINIDADE NA ESCOLA:
O COLÉGIO ANTONIO VIEIRA (1911-1949)

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História. Universidade Federal da Bahia, pela seguinte banca examinadora:

Ismênia de Lima Martins _____

Doutora em História Social. Universidade Federal Fluminense.

Valdemir Donizete Zamparoni– Orientador _____

Doutor em História Social. Universidade Federal da Bahia.

Lina Maria Brandão de Aras _____

Doutora em História Social. Universidade Federal da Bahia.

AGRADECIMENTOS

A

Meus saudosos pais, Jorge e Luíza, responsáveis pela minha formação moral.

Meus nove irmãos, pela amizade e pela torcida.

Josélia, esposa querida, sempre compreensiva e dedicada.

George e Nanda Vitória, filhos queridos, nossa fonte de alegria.

A Deus, energia eterna e imutável, por ter me concedido a graça de viver e de ser capaz de realizar a obra aqui consubstanciada.

A Valdemir Zamparoni, prezado orientador, sempre disposto a contribuir para a qualidade e o bom andamento da minha pesquisa.

Ao Departamento do Mestrado em História da UFBA, pelo apoio, pela estrutura disponibilizada e pela importante colaboração dos seus Professores, Pesquisadores e Funcionários.

A toda comunidade do Colégio Antonio Vieira, pela solicitude e boa vontade para o andamento da pesquisa.

Ao amigo e funcionário do Colégio Antonio Vieira, Carlos Bahia, pelas inestimáveis contribuições.

Aos meus queridos colegas de turma, pela convivência amigável e solidária.

A bibliotecária do Mestrado Marina, pela presteza e bom humor.

Enfim, a todos os amigos e incentivadores que, de uma forma ou de outra, contribuíram para a concretização desta importante etapa da minha vida acadêmica.

O macho adulto branco sempre no comando
Riscar os índios
Nada a esperar dos pretos
É chegada a hora da reeducação de alguém
Do pai
Do filho
Do espírito santo
Amém.

Caetano Veloso. *Estrangeiro* 1992.

RESUMO

Esta dissertação constitui-se numa análise do processo da construção identitária do gênero masculino ocorrido no Colégio Antonio Vieira, subordinado a Ordem dos jesuítas, entre 1911-1949. Através de pesquisas realizadas nos Arquivos e na biblioteca da referida instituição, na biblioteca da Faculdade de Medicina da Bahia, da revisão bibliográfica e da realização de entrevistas, buscou-se entender a construção da masculinidade entre os jovens a partir de suas relações com o gênero feminino, e em sua interação com as representações de gênero encetadas naquele tempo-espaço, concluiu-se que a identidade masculina construída pelos alunos do colégio esteve mais próxima do modelo leigo que do modelo religioso.

Palavras-chave: Masculinidade; Representações de gênero; Educação; Jesuítas, Igreja Católica; Colégio Antonio Vieira; Sexualidade.

ABSTRACT

This dissertation is an analyse the process of identity construction of masculine gender in School Antonio Vieira, subordinate a Jesuit's Order, among 1911-1949. By means researches, interviews, looked for understand the masculinity amongst youngs in your relation with feminine gender then age, concluded that masculinity identity built-up by students standed more next of lay model at religious.

KEY-WORDS: Masculinity; Gender's representations; Education: Jesuits, Catholic church. School Antonio Vieira: Sexuality

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Projeto da nova sede do CAV no bairro do Garcia, 1932	39
Figura 2 – Gráfico de residência dos alunos externos do CAV Década de 1910	74
Figura 3 – Gráfico de residência dos alunos externos do CAV Década de 1920	75
Figura 4 – Gráfico de residência dos alunos externos do CAV Década de 1930	76
Figura 5 – Gráfico de residência dos alunos externos do CAV Década de 1940.	77
Figura 6 – Alunos menores na 1 comunhão, anos 20.	89
Figura 7 – Alunos menores, 1926.	91
Figura 8 – Alunos maiores, 1920.	92
Figura 9 – Alunos do time de futebol, anos 20	101
Figura 10 – Alunos do time de futebol, anos 40.	102
Figura 11 – Alunos em treinamento com bastão, anos 20.	103
Figura 12 – Alunos praticando ginástica, anos 20.	104
Figura 13 – Dormitório do CAV, anos 20.	108
Figura 14 – Congregado Marianos, anos 20.	116
Figura 15 – Imagem de Santa Maria da Capela do CAV, anos 20, 30.	119

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	8
INTRODUÇÃO	10
1- CAPÍTULO 1	
CONTEXTOS HISTÓRICO E REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO	20
1.1 Contexto Histórico	20
1.2 O Ambiente Educacional	24
1.3 Breve História do Colégio Antonio Vieira	35
1.4 Considerações em torno do gênero	41
1.5 Algumas representações de gênero nos meios intelectual e católico	46
2- CAPÍTULO 2	
OS PROFESSORES E OS ALUNOS	58
2.1. Os Professores	58
2.2. Os Alunos	65
3- CAPÍTULO 3	
EDUCANDO CORPOS E MENTES	83
3.1. A Arte de Educar os Corpos	83
3.2. A Transmissão dos Valores	110
4- CONSIDERAÇÕES FINAIS	127
5- REFERÊNCIAS	130
6- ANEXOS	134

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo estudar o processo da construção do modelo de masculinidade entre crianças e adolescentes, através do estudo da educação ministrada no Colégio Antonio Vieira (CAV), entre os anos de 1911 a 1949, para tanto procurei analisar as transformações do projeto pedagógico jesuíta ao longo desse período, bem como identificar o perfil social do alunado.

Este estudo se justifica, diante da carência de pesquisas históricas sobre escolas privadas enquanto parte de um mecanismo de difusão das relações de poder. Conforme aponta Déa Fenelon “*A guinada dada pela historiografia brasileira na segunda metade dos anos 80, voltou-se, sobretudo, para os estudos de família, gênero, crianças e jovens pertencentes aos setores subalternos da sociedade.*”¹

Apenas a partir do final da década de 1980 e sobretudo, nos anos 90, é que a “educação da elite” passou a ser objeto de estudo e, mesmo assim a maioria está mais afeita às preocupações da história da educação do que a construção identitária do gênero masculino numa perspectiva estritamente histórica.

Explorar aspectos relativos à construção de “*identidades e o lugar social de homens e mulheres, são hoje questões que se colocam com preemência em quase todas as sociedades.*”² Acreditando na hipótese de que as instituições de ensino refletem de alguma maneira as estratificações sociais de determinada realidade histórica, bem como reforçam as representações tidas como padrão, entre determinada classe social, proponho-me a investigar o processo de construção da identidade de classe/raça e gênero que teve lugar no CAV no período indicado.

Razão adicional está associada à própria importância ocupada pelo CAV em Salvador, que tem mais de noventa anos de atividade dedicados à educação de crianças e jovens. Até o momento, a instituição só foi estudada mais profundamente, por Stela Borges de Almeida.³

¹ FENELON, Déa Ribeiro. “Cultura e história social: historiografia e pesquisa” In: *Projeto história*, n. 10 p. 25, 1993, e LEITE, Mirian L. Moreira. “A infância no século XIX segundo memórias e livros de viagem”. In: FREITAS, Marcos C. de (org.) *História social da infância no Brasil*. S. Paulo: Cortez, 1997.

² ALMEIDA, Miguel Vale de. *Senhores de si, uma interpretação antropológica da masculinidade*. Lisboa: Fim do Século, 1995.

³ ALMEIDA, Stela Borges de. *Educação, História e Imagem: Um estudo do Colégio Antonio Vieira através de*

que trabalhou as representações da elite na instituição. Seu trabalho é o único estudo acadêmico sobre o CAV, voltado à História da Educação, tem como principal fonte a coleção fotográfica de negativos em vidro dos anos 20 e 30 do século passado.

Seu texto está dividido em cinco capítulos, com exceção do primeiro, os restantes sempre trazem, ao final de cada tópico, uma coleção de fotos referentes ao tema tratado. No capítulo inicial, Stela Almeida busca “*encontrar uma metodologia adequada à pesquisa, afim de traçar um roteiro de interpretação das imagens*”⁴ para narrar a história do CAV. através das coleções de imagens, Almeida se utiliza de quatro entrevistas: duas concedidas por superiores jesuítas que trabalharam no colégio e outras duas, fornecidas por Thales de Azevedo (ex-aluno e mais tarde professor do CAV) e Pierre Verger. No final do capítulo Almeida afirma ter encontrado um caminho inicial para trabalhar com as fotografias da instituição.

No segundo, Almeida procura pintar um quadro sobre a paisagem física de Salvador, entre as décadas de 1910 e 1920, com destaque para as modernizações encetadas no governo Seabra e, a seguir analisa a estrutura social, a ênfase recai sobre o final do século XIX e início do século XX. Conclui esse capítulo convicta de que o colégio “destina-se aos filhos das camadas brancas e detentoras do poder.”⁵

O terceiro capítulo do trabalho destina-se à análise do espaço escolar, propriamente dito. Nesta parte do texto é discutida a fundação do CAV, inclusive com a elaboração de uma cronologia dos principais acontecimentos ocorridos no colégio entre 1911 e 1932. Além disso, esboça um quadro geral acerca da situação educacional em Salvador, listando os principais estabelecimentos escolares particulares e públicos que se encontravam em funcionamento à época da fundação do Vieira. Com isso a autora prepara o leitor para adentrar no cotidiano do colégio, que é descrito no capítulo seguinte.

Já o quarto capítulo “Grupos Fotograficos” encontra-se dividido em seis tópicos. O primeiro retrata os professores e alunos, com ênfase para os internos.- Em relação aos alunos externos, a autora, preocupa-se apenas em construir uma tabela na qual figura o total dos mesmos matriculados entre 1911 e 1932. Mais adiante, Almeida, citando uma passagem do Diário do CAV, afirma serem os alunos externos de 1911 “*todos de mt. boas familias*. Nesse mesmo tópico são discutidos os princípios do método pedagógico jesuíta, destacando um de

uma coleção de negativos em vidro dos anos 20/30. Salvador, UFBa, 1999 (tese de doutoramento).

⁴ ALMEIDA, p.32

⁵ Idem 1999, p. 66

seus fundamentos que é o de promover “a educação para aqueles que tivessem posses e condições sociais, sob a alegação de que, educando-se os contingentes das classes privilegiadas na sociedade, estes educariam os de menos condições.”⁶

No mesmo tópico, Almeida refere-se à disciplina e hierarquia existente no colégio, bem como destaca as impressões do Superior Jesuíta Manuel Madureira sobre os resultados da pedagogia da Companhia de Jesus (inclusive os resultados do CAV), para a década de 1920. Almeida realça a preocupação dos padres com relação à necessidade de desenvolver o espírito clássico literário e o rigor científico entre os alunos.

Com o objetivo de comprovar as preocupações científicas dos professores jesuítas do CAV, Almeida dedica todo o segundo tópico do capítulo 4 a este assunto, enfatizando o grande volume de fotografias que dizem respeito às pesquisas científicas dos professores do colégio. Tomando como base as fotografias sobre os “naturalistas” (professores do CAV que se dedicavam aos estudos de Biologia) e os artigos publicados na *Revista Científica Brotéria*, a autora evidencia a importância dada aos conhecimentos botânicos no ensino do CAV.

No terceiro tópico do quarto capítulo, Almeida enfoca a relação do colégio com a sociedade, através do estudo da Congregação Mariana Acadêmica (agremiação de ex-alunos estudantes das Escolas Superiores). Essa agremiação tinha entre suas atividades: “os estudos da Mocidade Acadêmica, o Gabinete de Leitura [...] Relações Sociais e Festas, Catequese, Instrução e Assistência às crianças pobres, Assistência aos enfermos em hospitais, Aulas Noturnas”.⁸ Nesse tópico é realçada a posição privilegiada que o aluno Anísio Teixeira, futuro Diretor da Instrução Pública da Bahia, ocupa nas fotografias devido ao seu destaque nos estudos.

Os escoteiros foram estudados no quinto tópico deste capítulo. A autora, pautando-se nas fotografias e numa entrevista concedida pelo fundador do escotismo na Bahia, procura descrever aspectos do cotidiano (acampamentos, indumentária, passeios pela cidade, etc.) dessas patrulhas mirins, levantando também uma hipótese bastante interessante acerca do escotismo dos anos 30, qual seja, a sua ligação com simpatizantes do nazi-fascismo: “o

⁶ Idem, pp. 125-126.

⁷ Segundo ALMEIDA, 1999 p. 151: “Essa revista foi fundada em 1902, pelos jesuítas naturalistas Joaquim Tavares, Cândido de Azevedo e Carlos Zimmermann (professor do CAV)...Lançada em Lisboa, vai obtendo relevo... Em 1907, a Revista Brotéria passou a circular em duas seções especializadas – Botânica e Zoologia – e uma mais geral – a de Vulgarização Científica... Em 1913, passa a circular com o título de *Revista Científica Luso-Brasileira*, em 1925, a série de vulgarização científica passa a denominar-se *Fé, Ciências e Letras*.”

⁸ Idem, p. 185

movimento de escoteiros na Bahia e sua história há que se investigar, com mais rigor, principalmente suas ligações com os partidos nazi-fascistas."⁹ Em várias fotografias, os escoteiros aparecem encenando saudações nazistas, o que levou Almeida a formular tal hipótese.

No sexto tópico do extenso quarto capítulo, a autora se detém no estudo dos esportes, atividade privilegiada para: *"o desenvolvimento do caráter e formação dos alunos [...] A ênfase dada a educação física como condição de fomentar na juventude o espírito de iniciativa, competição, virilidade e para ocupar os impulsos da libido, como nos lembrou em entrevista Eduardo Hoonaert."*¹⁰ A autora destaca também o caráter festivo que envolvia as competições esportivas, o que fica evidenciado nas fotografias através de algumas poses mais descontraídas dos alunos.

No último capítulo, intitulado "Outras Imagens", Almeida analisa as poses fotográficas. No primeiro tópico são estudadas as várias formas de comportamento dos grupos ao serem fotografados e destaca que:

Não se encontram por toda a coleção, imagens que retratem gestos de afetividade que poderiam ser esboçados no toque entre corpos, em mãos colocadas sobre os ombros dos companheiros, em abraços, apertos de mãos ou outros que revelassem maior aproximação entre os alunos retratados.¹¹

Este comportamento denota um tipo de comportamento baseado em esquemas disciplinares e hierárquicos, calcados nos cânones típicos da masculinidade hegemônica. Os segundos e terceiros tópicos do quinto capítulo são relativamente curtos, se comparados aos outros. Tratam, respectivamente das viagens do corpo docente e discente do CAV ao interior da Bahia e das imagens que não conseguiram se encaixar em nenhum dos eixos temáticos elaborados pela autora.

Em ambos os tópicos são analisados aspectos técnicos da fotografia (enquadramento, foco, técnicas de revelação). As fotografias divergentes das demais e que não puderam ser elencadas em nenhum dos grupos anteriores, reforça a tese de que a iconografia fotográfica vale mais que mil palavras.

Assim, no seu trabalho, a documentação escrita encontrada no CAV, é trabalhada enquanto aporte secundário da pesquisa para fundamentar suas conclusões, elaboradas a partir das imagens. A história social dos alunos é estudada de maneira tímida, reduzindo-se a demonstrar que os alunos internos pertenciam a uma "elite", oriunda das diversas

⁹ ALMEIDA, 1999, p. 252

¹⁰ Idem, p. 250-251

microrregiões do estado baiano. Minha proposta é aprofundar a história social, inclusive avançando para a década de 1940.

Deste modo, creio que o presente trabalho, ao propor uma análise detida da documentação escrita, poderá desvelar aspectos sobre a composição social dos alunos do CAV que não puderam ser percebidos a partir das análises das fotografias e que não mereceram atenção da autora. Acredito ser indispensável uma história social destes jovens que foram submetidos à orientação pedagógica dos Jesuítas, inclusive no que diz respeito a uma análise mais acurada acerca da (re)elaboração dos papéis masculinos e aos ritos de iniciação à masculinidade que têm na adolescência, um papel fundamental.¹²

Segundo alguns estudiosos, o modelo de masculinidade hegemônico foi típico das sociedades vincadamente patriarcais.¹³ Nesse modelo, os comportamentos do homem e da mulher estavam bem definidos e o poder derivava-se também dos papéis atribuídos aos gêneros. Partindo do pressuposto de que esse foi o modelo que se gestou na Bahia, durante a primeira metade do século XX, procurarei entender como o mesmo se reproduziu ou se reelaborou na instituição pesquisada, e como isto foi lido pela ordem dos jesuítas e seu ideal de formação do homem católico. Justifica-se, assim, a opção pelas balizas temporais, pois entendo ser este o espaço de tempo em que teve lugar o processo educativo de formação de um “*modelo de arquétipo viril*”¹⁴.

No CAV, a educação baseava-se na longa tradição do método pedagógico dos jesuítas, o *Ratio Studiorum*, que esteve presente nas principais universidades européias entre os séculos XV e XVI: “*Coimbra, Salamanca, Madrid e Paris. O primeiro plano de estudos foi compilado em 1548, na cidade de Messina, Itália. Além desse plano metodológico, existiram várias versões do Ratio. A versão final materializou-se em janeiro de 1599*”¹⁵. A partir de 1906, os inicianos admitem não mais impor um código comum a todas às Províncias

Historicamente foi no *Ratio Studiorum* que se basearam tanto a organização como a atividade docente dos vários colégios da Companhia de Jesus. Segundo Gabriel Codina, “o

¹¹ Idem, p. 265

¹² Segundo BADINTER, Elisabeth. *XY sobre a identidade masculina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993, pp 75-77: “o jovem conquista a masculinidade ao final dum processo que não é natural, mas sim educativo [...] Nas sociedades ocidentais os ritos de iniciação ao mundo masculino se dão principalmente na adolescência, sendo a escola um lugar privilegiado neste processo.”

¹³ Com relação a essa questão ver, dentre outros, os trabalhos de ALMEIDA, Manuel Vale de. *Senhores de si*. Lisboa: Fim de Século, 1995 e OLIVEIRA, Pedro Paulo de. “Discursos sobre a masculinidade” In: *Estudos Feministas*, Vol. 6, nº 1. Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, 1998

¹⁴ SARDÁ, Maria M. *O androcentrismo*. Barcelona: Editora Icaria, 1991, p.94

¹⁵ CODINA, Gabriel “A *Ratio Studiorum*: quatrocentos anos (1599-1999)”. In: *Revista CEAP*, S. Paulo, 1999, p 76.

*plano de estudo dos inacianos foi instituído oficialmente em 1599, mas passou por várias reformas a fim de adaptar-se às realidades locais e temporais dos países escolhidos para sediarem colégios jesuítas [...] Em 1832 o código pedagógico sofreu uma reforma desse tipo. Em 1906, conferiu-se aos Provinciais o critério de como aplicá-lo.*¹⁶ Esta era a orientação, em termos pedagógicos, quando se inaugurou o colégio inaciano da Bahia em 1911.

O aumento do número de escolas e a reestruturação do sistema escolar brasileiro era uma das bandeiras do programa de governo dos republicanos, segundo Maria Hilsdorf: *“a questão da escolarização permaneceu como um fator de extrema importância para as oligarquias que estiveram no poder durante a Primeira República.”*¹⁷ Assim sendo, o caso do CAV, possui ainda uma complexidade especial uma vez que havia o interesse estatal em formar, em termos educacionais, a camada dirigente,¹⁸ tendo em vista que na Bahia o sistema de ensino era um dos mais atrasados do país. O único estabelecimento escolar considerado modelo, que seguia as normas do Colégio D. Pedro II do Rio de Janeiro, era o Ginásio da Bahia no qual eram ministrados cursos que atualmente corresponderiam aos do Ensino Médio. Esta instituição não conseguia atender à demanda por matrículas oriunda das camadas mais abastadas da população. Não conseguindo o Estado dar conta do sistema educacional, tanto em termos quantitativo quanto no qualitativo,¹⁹ a saída para os mais ricos era apelar ou para a iniciativa privada (escolas leigas) ou para as escolas confessionais, se quisessem para os seus filhos um ensino de melhor qualidade. Assim sendo, a instalação de um colégio que se predisponha a trabalhar com alunos de tais camadas, nas séries iniciais de ensino (chamado na atualidade de Fundamental), era uma idéia bem vinda, na medida em que serviria para melhor preparar os filhos da elite econômica para o prosseguimento dos estudos.

Apesar de serem bem-vindos aos olhos do governo baiano, os jesuítas não podiam fugir da fiscalização republicana às instituições escolares, fossem elas públicas, privadas ou confessionais.²⁰ Ao longo de sua história, a Companhia de Jesus, sempre teve o ensino como uma atividade relevante, uma avaliação sobre o reinício desta atividade no século XX, num contexto de adaptações, permite o entendimento de como se implantou e se expandiu um

¹⁶ Idem, p. 77

¹⁷ HILSDORF, Maria Lúcia S. *História da educação brasileira*. S. Paulo: Thomson, 2003, p. 71

¹⁸ Ver a esse respeito CARVALHO, José M. de *A construção da ordem e teatro de sombras*. Rio de Janeiro: UFRJ/Relume Dumará, 1996.

¹⁹ Ver a esse respeito o estudo de COSTA E SILVA, Maria Conceição B. *O Ensino Primário na Bahia: 1889/1930*. Salvador, UFBA, 1999 (tese de doutoramento).

²⁰ AGUIAR, Antonieta Nunes de. “Política Educacional na Bahia por Ocasão da República.” In: *Revista Estudos Acadêmicos*. Fac. Rui Barbosa, Salvador, 2000.

empreendimento educacional que veio a colaborar na configuração do “novo homem” republicano brasileiro.

Levando-se em conta o fato de que os jesuítas foram expulsos de Portugal com a proclamação da República, em 1910,²¹ busquei entender também o tipo de relação que os jesuítas estabeleceram com as autoridades republicanas brasileiras, no que diz respeito às normas para colocar em funcionamento o colégio.

Além de explorar aspectos da história social dos alunos – locais de residência, ocupação e gênero de seus responsáveis, destino após o término do curso -, este trabalho visou compreender aspectos históricos relativos ao comportamento e às relações entre grupos sociais em Salvador, pois o colégio ministrava educação diferenciada para os alunos oriundos dos diferentes setores da sociedade baiana e tinha por princípio, pelo menos entre as décadas de 10 e 20, não aceitar alunos negros.

De acordo com Aníbal José Mendes “*enquanto local de seleção, armazenamento e transmissão de informação, a escola teve sempre subjacente à idéia de correção do Homem, construindo um saber, definido externamente pelo poder e imposto internamente pelo mestre.*”²² Em se tratando de um espaço voltado para a formação de jovens pertencentes às camadas mais ricas, isto é um grupo amplo e heterogêneo que na estrutura social da Bahia estariam acima dos setores médios, neste grupo encontram-se médicos, juristas, grandes comerciantes, altos funcionários públicos, fazendeiros. Ou seja, pessoas que tinham poder aquisitivo alto, mas que nem sempre traziam em sua formação uma educação esmerada ou detinham, necessariamente poder político.²³ A compreensão deste aspecto, isto é, como esse amplo grupo social procurou preparar seus futuros representantes para ingresso nas camadas dirigentes, é um dos aspectos que investiguei.

Segundo Pierre Bourdieu, a escola tem um papel fundamental na construção do “habitus”²⁴ das classe sociais, pois é nela que se dá oficialmente a busca do capital simbólico. Em um colégio confessional masculino, esse fato ganha uma matização especial na medida em que, além de reforçar as posições dos indivíduos na estrutura social, ajuda também a sedimentar os papéis de gênero, apoiando-se nos dogmas da religião em determinado

²¹ FOLQUIER, Joseph H. *Jesuítas no Norte: segunda entrada da Cia. de Jesus (1911-1940)*. Salvador, 1940.

²² MENDES, Aníbal J. *A educação do mundo moderno*. Covilhã, 1998. (tese de doutoramento)

²³ Ver a respeito do conceito de elite: MILLS, C. Wright. *A elite do poder*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

²⁴ “um sistema de disposições duráveis, que funciona praticamente como uma bússola, determinando as condutas razoáveis ou absurdas para qualquer agente inserido numa estrutura.” BORDIEU, Pierre “Uma ciência que perturba” e “Algumas propriedades dos campos”, In: *Questões de Sociologia*. R de Janeiro: Marco Zero, 1983, p. 63

tempo/espaço. Nesse caso têm-se a união de dois poderosos aparelhos ideológicos: a Escola e a Igreja, sendo aquela um lugar privilegiado para o processos de naturalização das categorias de raça, classe e gênero, pois é no interior das instituições escolares que muitas representações e papéis sociais são “aprendidos”.

Este trabalho consta de três capítulos. No primeiro, discuto as principais representações que se associavam ao gênero na Bahia, tomando como base a cidade de Salvador, entre as décadas de 1910 a 1940. Para desenvolver o mesmo, utilizei as seguintes fontes:

a) Artigos das revistas *A Paladina do Lar* (revista católica feminina que circulou na capital baiana entre 1910 e 1918). Os textos selecionados nesse periódico, tratam de alguns papéis masculinos tais como, paternidade, trabalho e casamento, mas a maioria é, sobretudo, constituída por artigos que retratam a condição feminina, porém revelaram-se importantíssima fonte para esta pesquisa na medida em que procurarei analisar a construção do masculino de forma relacional com o feminino.

b) Teses de doutoramento da antiga Faculdade de Medicina da Bahia, escritas nas décadas de 1920 e 1940. Esses trabalhos²⁵ se ocupam da educação escolar, educação sexual, família, aspectos do casamento e caracteres psicológicos masculinos e femininos. O texto de Orlando Santos, defendido na Cátedra de Higiene da Faculdade de Medicina da Bahia, aborda aspectos relativos aos papéis de gênero e à educação. Nesse texto, o autor tece inúmeras considerações que podem iluminar o nosso objeto de estudo. Já a dissertação de Ítala de Oliveira, é mais enfática na parte biológica que o primeiro autor citado. Mesmo assim, consegui extrair trechos que atendem aos nossos propósitos. Vivendo num universo acadêmico dominado por homens (como era o caso do curso de Medicina na época), a autora procura se justificar o tempo todo para explicar sua opção por um tema pouco discutido como era o caso da sexualidade. Desse trabalho as informações mais interessantes para a minha dissertação, encontram-se na parte introdutória e na conclusão.

c) Artigos do jornal *A Tarde*, dos anos 30 e 40 que versam sobre direito de voto nas eleições, deveres do esposo, postos de trabalho exclusivos para homens. Esta fonte se revelou bastante esclarecedora, pois retrata em seus artigos, primeiramente a posição de uma elite intelectual e machista (posicionamento que o jornal parece compactuar, devido ao destaque dado a artigos desta estirpe) e segundo retrata a posição das feministas pertencentes às classes

²⁵ SANTOS Orlando Tiago dos. *Considerações em torno da Família e suas relações com a escola*. Salvador: Faculdade de Medicina da Bahia, 1924. (tese de doutoramento) e OLIVEIRA, Ítala. *Da sexualidade à educação sexual*. Salvador: Faculdade de Medicina da Bahia, 1928. (tese de doutoramento)

economicamente privilegiadas, revelando as representações destas próprias mulheres em relação aos papéis do gênero feminino.

d) Teses de Doutorado da Faculdade de Medicina encontradas na Biblioteca Pública do Estado da Bahia algumas fazem uma espécie de Sociologia dos bairros da cidade de Salvador e outras tratam de questões ligadas a higienização dos corpos, abordando temas como a castidade e doenças venéreas.

Nesta primeira parte do trabalho, procurei focar o ambiente externo ao colégio, ou seja, as representações que estavam fora do universo da instituição e que tinham “força” na mentalidade coletiva da sociedade baiana. A partir disso o leitor poderá mensurar em que medida tais representações de gênero vão influenciar o cotidiano do CAV.

Para o contexto histórico foram utilizadas duas fontes primárias (Relatórios Estatísticos sobre o ensino brasileiro e um livro de memória sobre o ensino baiano) além de bibliografia diversa sobre educação e a situação política e sócio-econômica do Brasil e da Bahia.

No segundo capítulo retrato o cotidiano do colégio, os mestres e alunos. Nele analisei as condições exigidas para o ingresso dos alunos no colégio, tracei o perfil social destes além de identificar a formação dos professores. Para tanto usei os livros de matrícula, os *anúários do CAV*, as fichas individuais de matrícula, o *Regulamento dos Alunos do Colégio Vieira*, as *Constituições da Companhia de Jesus* e as *Conferências pedagógicas de 1921 e de 1940* e os depoimentos de um ex-professor e de um ex-aluno da instituição.

No derradeiro capítulo, estudei a formação dos corpos e mentes no CAV. Para dar conta desta tarefa fiz uso também das entrevistas, da tradução da *Ratio Studiorum*, dos *Anúários do Colégio Vieira*, dos *Diários do CAV vol. I e II*, do *Regulamento dos Alunos*, das *Conferências pedagógicas* e de vários artigos encontrados na *Revista Brotéria de Fé, Ciências e Letras*, de 1928 a 1949, principalmente os que tratam dos valores da família, do casamento, da paternidade, da relação dos esportes com a castidade e do crescimento do socialismo. Neste último capítulo, discuti a transmissão dos valores morais, a grade curricular e o papel da educação física e dos esportes coletivos na formação dos alunos.

Pensando na transmissão de valores do CAV, sob a lente da categoria de análise de gênero, recorri às leituras que tratassem do processo de construção da masculinidade. Destaco o trabalho de Iole Vanin²⁶ e mais algumas outras obras que serão comentadas ao longo do meu trabalho. O primeiro, por tratar do processo da construção da masculinidade entre os

²⁶ VANIN, Iole Macedo. *Ginásio de São Bernardo: a construção da masculinidade (1939-1969)*. Salvador:

jovens a partir das relações sociais desenvolvidas num colégio confessional masculino, descerrou valiosas informações acerca das representações de gênero na Bahia. Assim, optei por comentá-lo neste preâmbulo.

Na sociedade brasileira contemporânea, a naturalização das diferenças de gênero está muito influenciada pela questão da construção da identidade sexual dos sujeitos e nesse sentido, a participação da escola, enquanto um dos principais mecanismos para sedimentar esta naturalização, é de fundamental importância. Partindo deste pressuposto, Vanin estuda o Ginásio de São Bernardo, subordinado à ordem dos Cistercienses, discutindo como num ginásio de orientação vocacional, as representações do gênero masculino dessa ordem religiosa que administrava o colégio, vai se relacionar com as representações existentes na região da Chapada Diamantina.

Vanin conclui seu trabalho afirmando que o principal objetivo do colégio: formar homens castos, não foi logrado, uma vez que nenhum dos discentes que concluiu os estudos pela instituição, seguiu a carreira eclesiástica.

Terminada esta introdução, cabe registrar a atenção permanente que esta pesquisa tem exigido no que diz respeito a deixar claro seus objetivos, uma vez que por tratar da história social de um colégio, o mesmo poderia inscrever-se no campo da História da Educação, porém embora tangenciando o campo educacional, não é meu propósito realizar um trabalho desta alçada. A principal meta deste trabalho é compreender aspectos das relações de gênero, qual seja, a construção da masculinidade e sua relação com os papéis sociais em voga no cenário de Salvador, durante a primeira metade do século XX.

1. CONTEXTO HISTÓRICO E REPRESENTAÇÕES EM TORNO DO GÊNERO

1.1 O Contexto Histórico:

No final do período imperial, o Brasil possuía dois partidos dominantes, o Conservador e o Liberal. O segundo se subdividia em duas tendências: uma mais voltada para a defesa dos interesses agrários e a outra defendendo os interesses urbanos. No ano em que o Império brasileiro deixou de existir, havia “pelo menos três correntes que disputavam a definição da natureza do novo regime: o liberalismo à americana, o jacobinismo à francesa, e o positivismo. As três correntes combateram-se intensamente nos anos iniciais da República, até a vitória da primeira delas, por volta da virada do século”²⁷

Instalado o republicanismo no Rio de Janeiro, formou-se o Governo Provisório, tendo Deodoro da Fonseca como líder. Benjamin Constant (Ministro de Estado) telegrafou no dia 15 de novembro para Manuel Victorino, narrando o episódio da tomada do poder, além de comunicar que ele fora indicado para governador do estado da Bahia. Depois de alguma hesitação e de vários outros telegramas, finalmente ocorreu a aclamação da República na federação baiana, aos 17 de novembro de 1889, em frente ao Forte de São Pedro, na cidade de Salvador. Apesar de ser um fato consumado, o novo regime não significou, em hipótese alguma, uma verdadeira mudança, pois pouco alterou o quadro político-social da Bahia.

De qualquer forma, uma arrumação política foi encetada e colocada em prática no ano de 1890, na qual nomes de políticos monarquistas foram lembrados para a composição do governo republicano local, deixando evidente que o cerne da questão era muito mais os interesses regionais e muito menos a posição teórico-ideológica dos envolvidos.

Do ponto de vista institucional, o advento da República não significou mudanças generalizadas, mas fomentou a necessidade de acomodação das antigas instituições à nova ordem. A Igreja Católica passou por certa crise nos primeiros anos republicanos. Esse conflito se verificava, de fato, desde o final do Império. Entretanto, acabou por se encaixar, não sem dificuldades, ao horizonte republicano. Apesar de ser um precioso instrumento para manutenção da ordem, a Igreja perdeu parte do seu antigo prestígio, a começar pela sua separação oficial do Estado.

É praticamente impossível se ter uma compreensão da história brasileira dos anos de 1910-1930, sem passar em revista o papel peculiar que a Igreja Católica ocupou nesse

contexto. É fato que a sua relação com o Estado, foi ora conflituosa ora de apoio irrestrito. A proclamação da República assinalou a separação formal entre Igreja e Estado, assim sendo, a Igreja Católica brasileira passou, ao alvorecer da República, por uma crise de lassidão, especialmente depois da I Guerra Mundial, isso se refletia no campo educacional:

Havia uma dissociação entre a Igreja e o século, entre a religião e as forças vivas da sociedade [...] as vocações sacerdotais cada vez mais raras que eram colhidas no seio da família brasileira, isoladas e encerradas nos seminários, já não partilhavam das vidas dos outros estudantes.²⁸

Diante deste quadro a Igreja reagiu, no final dos anos de 1920, quando, por exemplo, renovou seus movimentos de ação social, sobretudo o culto à Santa Maria, procurando mostrar a sociedade brasileira que ainda tinha poder. Mesmo sendo destituída da aliança com os governos federal e estadual, a Igreja não perdeu sua influência sobre a população brasileira e era a ela que as famílias mais ricas recorriam para educar seus filhos.²⁹ O novo ativismo da Igreja³⁰ era radical e englobava também setores leigos para tentar reavivar o entusiasmo da religiosidade nacional:

O novo catolicismo militante vai buscar o que havia de radicalmente mais conservador e ultramontano no pensamento da Igreja: a defesa da ordem, da hierarquia, da autoridade religiosa, da educação guiada pelos princípios religiosos e controlada pela autoridade eclesiástica, o ataque aos ideais do liberalismo do individualismo e da liberdade de pensamento e também do poder do Estado, quando desprovido da supervisão da Igreja [...] a nova militância surge em um contexto de reafirmação do poder e direção de Roma sobre sua Igreja.³¹

Na início da década de 1930, o combate às idéias socialistas e de reformas mais radicais no ensino levaram a Igreja a se aproximar do governo provisório de Vargas. No CAV isso refletiu de uma maneira especial: o escudo do colégio passou a ter o Brasão Nacional na sua parte superior, numa clara demonstração de que a instituição assimilava os ideais de patriotismo e civismo difundidos pelo novo governo. Essa postura refletia o acordo entre o Governo Provisório e a Igreja Católica no sentido de garantir as condições necessárias para a subida de Vargas ao poder sem a necessidade de grandes rupturas.³²

Veremos a seguir o ambiente sócio-político vivido na cidade de Salvador no início do republicanismo. Os trabalhos consultados que tratam de aspectos sociais da capital baiana,

²⁷ CARVALHO José M. de *A formação das almas*. R de Janeiro: Cia das Letras, 1995, p. 17

²⁸ SCHWARTZMAN, Simon "A política da Igreja e a educação: o sentido de um pacto" In: *Religião e sociedade*. Rio de Janeiro: FGV, 1986, p.116

²⁹ Idem. pp. 116-117

³⁰ Esse novo ativismo vai ser marcado pela atuação da *Ação Católica*, movimento que analisarei melhor no capítulo 3, devido a sua influência na transmissão de valores no CAV.

³¹ SCHWARTZMAN, 1986, p. 117

³² HILSDORF, Maria Lúcia S. *História da educação brasileira*. S. Paulo: Thomsom, 2003. p.93

durante a Primeira República, não aprofundam a composição das classes sociais de Salvador.³³ Normalmente estes textos registram a existência de duas grandes classes: a) um estrato inferior, uma classe normalmente não eleita para ocupar cargos políticos, composta em sua maior parte por negros e seus descendentes; b) um estrato superior, que possuía em seu quadro representantes de cargos políticos, geralmente formada por elementos considerados “brancos”.

Para os estudos que se ocupam de realidades posteriores à Primeira República, nota-se que os registros começam a apresentar uma divisão mas bem elaborada³⁴ acerca da composição das classes em Salvador, inclusive se preocupando com a caracterização do que seria uma classe média. Analisando a composição social da cidade de Salvador no início dos anos 40 do século passado Thales de Azevedo afirma que:

Em traços esquemáticos a população baiana possui uma classe superior da qual fazem parte os descendentes da aristocracia, os grandes proprietários e comerciantes, os intelectuais e profissionais liberais como advogados, médicos e engenheiros, oficiais das Forças Armadas, políticos, professores universitários e os poucos industriais. A classe baixa, constituída da gente mais pobre, de profissões modestas braçais e manuais. Existe também um estrato que não se poderia rigorosamente chamar de classe média, com os médios funcionários públicos e comerciantes³⁵

Quanto à economia baiana na Primeira República, Mário Augusto Santos afirma que:

A característica dominante da economia da Bahia na Primeira República foi sua permanência agro-mercantil, sem que se tornasse viável as perspectivas de industrialização. A atividade industrial era incipiente: a capital contava com três tipos de unidades industriais: a fábrica; a pequena indústria, e a oficina.³⁶

As indústrias que funcionavam em Salvador na Primeira República produziam principalmente bens de consumo imediato e com baixo emprego de mão-de-obra.

Para entender a infra-estrutura e economia de Salvador durante o período em estudo, utilizei diversos trabalhos³⁷ que revelaram aspectos importantes, tais como a modernização da

³³ Ver a esse respeito: AZEVEDO, Thales. *As elites de cor: um estudo de ascensão social*. São Paulo. Companhia Editora Nacional, 1955; SANTOS, 1996; SANTOS 1982 op.cit.

³⁴ LINS Eugênio de Ávila. *Preservação no Brasil - a busca de uma Identidade*. Salvador: UFBA, 1990 (dissertação de mestrado); AZEVEDO, Thales de *Elites de cor numa cidade brasileira* Salvador: Edufba, 1996.

³⁶ (SANTOS, op. cit.1982, p. 33-50).

³⁷ ALMEIDA, Maria. do Carmo. Baltazar E. A Vitória na Renascença Baiana, Salvador: UFBA, 1997 (tese de mestrado); LEITE, Rinaldo César N. E a Bahia Civiliza-se: Ideais de Civilização e Cenas de Anti-civilidade em um Contexto de Modernização Urbana Salvador 1912/1916. Salvador, UFBA, 1996 (dissertação de mestrado); SANTOS, Mário Augusto da S. Sobrevivência e Tensões Sociais, Salvador (1890-1930), S. Paulo e “Novas e Velhas Ocupações na Salvador Republicana” In: Cidade e História, Salvador: UFBA, Fac. De Arquitetura, 1992.

cidade, promovida pelo governador J.J. Seabra e a distribuição populacional, a partir dessas informações foi possível identificar os bairros onde se concentravam a classe média, os que abrigavam as pessoas mais ricas, bem como os distritos ocupados majoritariamente pelas camadas mais pobres da cidade. Isso me ajudou na análise dos dados sobre os alunos externos do CAV.

Assim, foi possível concluir que as áreas habitadas pela maioria da clientela vieirense, correspondiam àquelas dos mais ricos e da classe média. Por outro lado, poucos alunos habitavam os bairros onde se concentrava a população de baixa renda. Analisando o espaço urbano de Salvador, durante as duas primeiras décadas do século XX, Mário Augusto da S. Santos informa que:

Parte da Freguesia de São Pedro tornou-se praticamente de negócios e de residências degradadas, os primeiros ampliavam-se e as residências tinham de ceder-lhes lugar. Alguns privilegiados puderam abandonar o centro e, passaram a construir seus palacetes na Freguesia da Vitória (sobretudo, Barra, Corredor da Vitória, Campo Grande, Barra Avenida e Graça). Nas Freguesias de Santana e Nazaré, os negócios se limitavam ao ³⁸pequeno comércio retalhista, principalmente de gêneros alimentícios.

Segundo Ana Fernandes e Marco Gomes, o processo de modernização de Salvador, durante as duas primeiras décadas do século passado, *“revelava sua nova face: segmentado e polarizado, ele não consegue atingir, em seu padrão de sincronia, todos os espaços da cidade.”*³⁹ A direção do CAV estabeleceu-se na área central da cidade, Freguesia de São Pedro, local que abrigava, até a década de 1920, as famílias mais ricas da cidade. Nos anos 30 a sede seria transferida para o Distrito da Vitória, onde funciona até hoje. Esse aspecto será melhor analisado no tópico que trata da história do CAV.

Entre as décadas de 1910-1940, não só Salvador, mas o estado da Bahia de uma maneira geral, permaneceram na esfera agro-mercantil, ou seja persistiu, durante a Primeira República um atraso industrial marcante e a dependência do comércio das monoculturas para exportação.

Segundo estudiosos do período, somente nos anos 40 ocorreu um certo avanço econômico do setor financeiro que ganhou força consolidando-se, inclusive no cenário nacional. Contudo, a principal base econômica do estado da Bahia ainda girava em torno do capital externo, dos grandes produtores rurais e dos grandes comerciantes, os quais continuavam bastante influentes no campo econômico e político. Esse estado agromercantil,

³⁸ SANTOS, op. cit., 1982 p. 154-157.

³⁹ FERNANDES, Ana e GOMES, Marco A. de Filgueiras. *Idealização Urbana e a Construção da Salvador Moderna: 1850/1920.* In: *Cidade e História*. Salvador, UFBa Fac. De Arquitetura, 1992, p.58-

não oferecia muitas opções em termos de formação intelectual, sobretudo para as mulheres. como veremos mais adiante. Feito este breve panorama dos aspectos sócios econômicos. vejamos então o quadro geral da educação brasileira e baiana.

1.2 O ambiente educacional

No início do período republicano, a educação estava em um terreno movediço e nada fácil de ser administrado. Existia uma luta encarniçada para saber quem assumiria o controle do ensino: de um lado a Igreja Católica e os colégios confessionais das diversas Ordens e, do outro o Estado e vários grupos de protestantes.⁴⁰

A Bahia do final do século XIX e das primeiras décadas do Novecentos, contava com a atuação de vários colégios confessionais que ocupavam um lugar significativo na estrutura do ensino baiano. Até o final da República Velha, as principais instituições educacionais instaladas no estado eram, na sua maioria, pertencentes às ordens religiosas femininas. Como exemplo, destaco “o Colégio Nossa senhora da Soledade, fundado em 1752, dedicado às meninas dos segmentos sociais intermediários; o Colégio Nossa Senhora das Mercês, inaugurado em 1897 e que tinha como finalidade congregar mulheres das classes mais abastadas da cidade; além do Colégio Nossa Senhora da Salete, fundado em 1858, que educava as meninas pobres e órfãs.”⁴¹

Fundado em 1900, o Liceu Salesiano foi o primeiro dos colégios das ordens confessionais masculinas a entrar em funcionamento no regime republicano. Essa escola absorvia os alunos pertencentes às camadas médias da população baiana, e seu ensino estava voltado para o aprendizado profissional. Poucos anos mais tarde, 1904, o Colégio Nossa Senhora da Vitória dos irmãos maristas entrou em atividade, cujo público-alvo era principalmente os membros das classes mais abastadas da cidade. Em 1911, fundou-se o Colégio Antonio Vieira, também voltado para os segmentos sociais economicamente mais privilegiados. Essas escolas necessitavam de autorização para o funcionamento e deviam obedecer às normas estabelecidas pelo governo.

Entre 1870 e 1920, a educação, em nível nacional, foi tomada por um fervor ideológico que fazia proliferar debates polêmicos em torno da questão educacional. nesse contexto, intelectuais, padres, políticos, ministros evangélicos, fazendeiros e até representantes das classes populares, discutiam os problemas da educação brasileira.

⁴⁰ GHIRALDELLI JR. Paulo. *História da educação*. São Paulo: Cortez, 1999.

O projeto educacional republicano foi conflituoso, sobretudo no campo pedagógico: de um lado posicionava-se a tendência tradicional, associada ao ensino confessional católico; do outro, a tendência “moderna”, geralmente identificada com o ensino oficial oferecido pelos republicanos.⁴²

Na década de 1920, os conflitos persistiam e na verdade, cresceram devido ao incremento numérico da intelectualidade e dos professores, mas estes últimos ainda eram marginalizados pelo governo republicano. Foi nesse clima que surgiu a Associação Brasileira de Ensino (ABE) que passou a liderar e a promover intensos debates em torno de um projeto educacional para o país que envolvia dentre outras coisas a criação de um Ministério da Educação, aumento da Rede Pública de Ensino e a criação das Secretarias e Diretorias estaduais.⁴³

No final desse decênio, o movimento escolanovista ganhou força, apesar de ser um grupo heterogêneo, que abrigava um time de intelectuais que se destacavam no cenário nacional. Tal grupo defendia a tese de que bastaria modernizar e racionalizar o sistema educacional para resolver os problemas da pobreza, do atraso, do alto índice de analfabetos e da fome que ainda persistiam na sociedade brasileira. Seus principais argumentos baseavam-se nas teorias pedagógicas de influência norte americana que cultivavam a liberdade, o método ativo, o pragmatismo e o não-diretívismo no processo de ensino-aprendizagem, o que significava uma franca oposição ao modelo tradicional de inspiração católica que se aplicava no Brasil, o qual privilegiava a memorização e a passividade do aluno no processo cognitivo. O ponto que causava maior divergência com os setores católicos era a defesa da laicidade no ensino proposta pelos escolanovistas. Em 1931 foi criado o Ministério da Educação e Saúde⁴⁴, mas os católicos já se organizavam para fazer frente ao movimento da Escola Nova.

Em 1932, início da Era Vargas, foi lançado o *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova* que em resumo pregava a laicidade do ensino, a sua organização em nível nacional e a defesa de um Estado centralizado para tocar adiante a política educativa.⁴⁵ A Constituição de 1934 é um espelho da aliança entre a Igreja Católica e o governo de Vargas. Segundo aquela Carta Magna, a educação do país deveria seguir os princípios fundamentais de base católica: o ecletismo pedagógico e o socialismo deviam ser totalmente excluídos das escolas, em contrapartida as humanidades clássicas deveriam ocupar lugar central nos programas das

⁴¹ ALMEIDA, 1999, p 73

⁴² HILSDORF, 2003, pp. 60, 61 e 66

⁴³ SCHWARTZMAN, 1986, pp. 114-115

⁴⁴ Idem p. 120

escolas. A partir de 1935, o ensino da religião católica foi instituído oficialmente nas escolas públicas e as confessionais passaram a ser subsidiadas pelo governo federal.⁴⁶

Entre o final da década de 1930 e meados da de 1940, a educação brasileira sofreu reformas que se diziam modernas, mas que não foram, na prática, tão profundas. O slogan destas reformas era “a educação a serviço da nação”. Segundo Maria Hilsdorf:

“As linhas ideológicas que definem a política educacional do período vão se orientando pelas matizes instituintes do Estado Novo: centralização, autoritarismo, nacionalização e modernização [...] Para reforçar o nacionalismo destacou-se a importância da educação física, do ensino da moral católica e da educação cívica pelo estudo da História e da Geografia do Brasil e das festividades cívicas [...] a modernização deu-se pela implantação do aparelho burocrático-administrativo do setor educacional. [...] a moderna sociedade brasileira precisava tanto de uma inteligência quanto da mão-de-obra qualificada, especializada. Todos os sistemas de ensino foram conformados a esses objetivos mediante as ‘Leis Orgânicas’”⁴⁷

Esse projeto educacional do Estado Novo, não entrava em choque com os pressupostos pedagógicos dos jesuítas, que sempre primaram por uma disciplina exemplar. Essa posição do governo central reforçava os valores e as práticas pedagógicas ministradas no CAV. Um dos vetores de aproximação entre a pedagogia dos jesuítas e o governo dessa época encontrava-se no incentivo à formação religiosa que era estimulada pelo próprio governo republicano.

Depois do Estado Novo, a educação nacional voltou a caminhar na direção do afastamento entre Igreja e Estado, mas a tradicional importância dos colégios confessionais continuou a existir. De qualquer maneira a antiga polarização entre católicos e escolanovistas reacendeu-se em torno das discussões da Lei de Diretrizes e Bases de 1946. E mais uma vez o movimento organizado da Igreja Católica conseguiu fazer com que prevalecessem seus pontos de vista na LDB de 1946⁴⁸. Nas linhas seguintes, voltarei alguns anos nessa pequena “cronologia” educacional brasileira para estudar o funcionamento da educação na Bahia, na época em que os padres jesuítas fundaram e firmaram as atividades do CAV.

No território baiano, o ambiente educacional refletia o processo político social ocorrido no âmbito da educação brasileira, era intenso o debate acerca do projeto educacional que mais se adequasse à realidade nacional, discussão nada fácil tendo em vista a fermentação massiva de ideais educacionais⁴⁹ desenvolvida durante a Primeira República⁵⁰.

⁴⁵ Idem, p. 115

⁴⁶ Idem, p. 122

⁴⁷ HILSDORF, Maria Lúcia S. *História da educação brasileira*. S. Paulo: Thomsom, 2003. pp 99-101

⁴⁸ SCHWARTZMAN, 1986, p. 117

⁴⁹ O modelo educacional republicano paulista, embora tornado hegemônico teve outros contestadores.

Luís Henrique D. Tavares investigou as duas reformas educacionais ocorridas na Bahia durante a República Velha, uma em 1895 e outra 1925. Ele buscou examinar as condições e as circunstâncias em que tais reformas se deram e como ajudaram a configurar o sistema educacional baiano. De acordo com o autor, a Lei de 1895, teve um caráter moderado e centralizador:

Por ela toda a administração educacional ficava a cargo do Governador [...] mantinha-se o antigo esquema [...] consultivo como sempre, o Conselho Superior de Ensino reservava-se à fiscalização da obrigatoriedade e gratuidade do ensino, e a aprovação dos prédios escolares.⁵¹

Na verdade a maior parte dos parlamentares baianos afinavam-se com as idéias mais conservadoras, fosse no campo político ou no educacional, assim a Lei de 1895 refletia tal ideário. Nos anos iniciais do século XX, ocorreram algumas reformas na antiga lei :

Em 1904, aumentava-se a participação do Estado nas despesas com educação, no entanto persistiram as falhas. Vieram então seguidamente, até 1919, leis e decretos que testemunham o redemoinho de idas e voltas em torno da aplicação de princípios.⁵²

Somente depois dessas instabilidades, Anísio Teixeira (ex-aluno do CAV e Diretor da Instrução Pública da Bahia entre 1924-1929) veio “produzir um novo sistema educacional e aperfeiçoar o aparelho escolar baiano.”⁵³ Foi através da reforma de 1925 que o mesmo declarou seu maior objetivo no campo profissional: “educar moral e intelectualmente o homem, tornando-o apto para a vida em sociedade.”⁵⁴ Em resumo esta lei, inspirada no modelo norte-americano de ensino, estimulava a educação integral que cultivasse a orientação vocacional para os alunos. Isso para as séries que atualmente chamamos do ensino Fundamental. (na época, dividido em ensino Elementar e Complementar). O estado teria uma maior participação: tanto com despesas para a manutenção das unidades educacionais já existentes, como na construção de prédios escolares apropriados.

emergentes do interior do próprio grupo de liberais (socialistas, movimento negro e libertário anarquista, por exemplo) HILSDORF, 2003, pp. 71-72

⁵⁰ COSTA E SILVA, Maria Conceição B. *O Ensino Primário na Bahia: 1889/1930*. Salvador, UFBa, 1999 (Tese de Doutorado); TAVARES, Luís H. Dias. *Dois reformas na Educação da Bahia (1895- 1925)* Salvador: Centro regional de Pesquisas Educacionais na Bahia, 1968; REIS FILHO, Casemiro dos *A Educação e a Ilusão Liberal*. São Paulo: Autores Associados, Campinas, 1995 e EBOLI, Maria Therezinha de Melo. *Uma experiência de educação integral*. Salvador: MEC/INEP/CERCR, 1969.

⁵¹ TAVARES, 1968, p. 48

⁵² Idem, p. 49.

⁵³ Idem, p. 52

⁵⁴ Idem, p. 55

Maria. C. Costa e Silva faz um balanço da educação baiana em termos da estrutura, funcionamento e legislação do ensino primário, desde o final do século XIX até os anos iniciais da década de 1930. Quer fosse em termos administrativos ou financeiros, o estado da educação primária na Bahia do início da década de 20, era caótico:

Salários de professores atrasados, instalações escolares inadequadas, não cumprimento da legislação, tudo isso devido ao descaso e má aplicação dos recursos, que lamentavelmente se manifestaram uma prática constante, tanto em nível estadual, como em Salvador.⁵⁵

Maria Costa e Silva, assim como Luis Henrique Dias Tavares, concorda que foi somente no governo Góes Calmon (1924-1929) que o Estado passou a demonstrar maior interesse em encontrar soluções para o problema educacional na Bahia. Segundo ela foi nesse governo que:

A instrução pública não ficou apenas na retórica eleitoral [...] fez crescer significativamente a rede escolar no interior [...] na capital transferiu para prédios adequados vinte e sete escolas situadas em vários distritos, fundou as Escolas Reunidas de Nazaré. O mesmo ocorreu no Garcia e na rua do Passo, uma batalha para dotar o ensino de casas escolares [...] Embora não sendo a situação ideal, representava um avanço considerável.⁵⁶

Mesmo com as melhorias promovidos por Góes Calmon, o terreno para a iniciativa privada e escolas confessionais ainda era bastante promissor: motivos para isso era o que não faltava: o interior da Bahia continuava quase que desassistido em termos de atendimento escolar oficial, os prédios destinados à educação pública, na maioria das vezes, eram impróprios⁵⁷ e para completar, o colégio público considerado modelo, além de oferecer apenas vagas para as séries finais da educação básica (atual Ensino Médio), submetia os candidatos às vagas de seus cursos a um rigoroso exame, sendo que geralmente a preparação eficaz para a tradicional seleção do “Gymnasio da Bahia”, se dava nos conceituados colégios confessionais e da iniciativa privada.

O aumento do número e a reestruturação do sistema escolar brasileiro era uma das bandeiras do programa de governo dos republicanos, segundo Maria Hilsdorf: “*a questão da escolarização permaneceu como um fator de extrema importância para as oligarquias que estiveram no poder durante a Primeira República.*”⁵⁸ Havia, o interesse estatal em formar,

⁵⁵ COSTA E SILVA, 1999, p.73

⁵⁶ COSTA E SILVA, 1999, pp.73-76

⁵⁷ Idem, p. 77

⁵⁸ HILSDORF, Maria Lúcia S. *História da educação brasileira*. S. Paulo: Thomson, 2003, p. 71

em termos educacionais, a camada dirigente.⁵⁹ mas o sistema oficial, apesar dos esforços, não conseguia atender satisfatoriamente à população.

O Estado não conseguia tornar eficiente o sistema educacional, tanto em termos quantitativo quanto qualitativo.⁶⁰ A saída para os mais ricos que queriam para os seus filhos um ensino de melhor qualidade era apelar ou para a iniciativa privada (escolas leigas) ou para as escolas confessionais, a instalação de um colégio que se predispunha a trabalhar com alunos das camadas mais abastadas era uma idéia bem vinda, sobretudo porque o Vieira atendia às séries iniciais de ensino (chamado na atualidade de Fundamental do 1º Ciclo). Assim, os filhos dessas camadas podiam contar com uma boa educação de base o que facilitaria, mais tarde, o ingresso dos mesmos no Ensino Superior.

Embora com a Revolução de 1930, o ensino brasileiro tenha experimentado uma melhor organização, os dados estatísticos desta década e do final da década de 1940 demonstram acentuadas diferenças impostas às pessoas por conta do gênero. Na Bahia, o ensino particular⁶¹ refletia tais diferenças, vejamos alguns dados estatísticos que revelaram esse aspecto:

Classificação dos estabelecimentos particulares de ensino* do estado da Bahia quanto ao gênero dos alunos

(Tabela 1)

ANO	MASCULINOS		FEMININOS		MISTOS		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
1933	62	12,5	103	20,7	332	66,8	497	100
1937	43	10,2	77	18,2	302	71,6	422	100
1945	79	15,2	109	21,0	331	63,8	519	100

Fonte: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE. *O ensino no Brasil*, 1933, 1937e 1945.

⁵⁹ Ver a esse respeito CARVALHO, José M. de *A construção da ordem e teatro de sombras*. Rio de Janeiro: UFRJ/Relume Dumará, 1996.

⁶⁰ Ver a esse respeito o estudo de COSTA E SILVA, 1999.

⁶¹ O MEC considerava pertencente a esta categoria as escolas leigas e confessionais que não eram públicas. Ver a esse respeito: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE. *O ensino no Brasil*. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do Ministério da Educação e Saúde, 1939; MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE. *O ensino no Brasil*. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do Ministério da Educação e Saúde, 1937 e MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE. *O ensino no Brasil*. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do Ministério da Educação e Saúde, 1945.

* Esses dados são referentes aos Ensinos Elementar e Médio da época, que hoje equivaleriam aos Ensinos Fundamental (1ª a 8ª séries) e Médio (1º ao 3º ano).

Classificação dos estabelecimentos oficiais de ensino do estado da Bahia quanto ao gênero dos alunos**

(Tabela 2)

ANO	MASCULINOS		FEMININOS		MISTOS		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
1933	186	15,8	154	13,2	830	71,0	1170	100
1937	185	13,0	194	14,7	1049	73,1	1428	100
1945	168	8,8	164	8,5	1589	82,7	1921	100

Fonte: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE. *O ensino no Brasil*. 1933, 1937e 1945.

Como se pode observar no ensino particular e mais acentuadamente no ensino oficial da Bahia dessa época, prevaleceu a Coeducação entre os sexos, uma das bandeiras mais entusiasticamente defendida pelos liberais, sobretudo pelos escolanovistas que viam esse aspecto como um dos princípios primordiais para a formação do homem integral. O CAV com sua educação voltada estritamente para o gênero masculino, pode ser considerado uma das “ilhas” de resistência à educação mista no cenário educacional baiano dos anos de 1930/40: isso se devia à própria orientação geral da Igreja Católica, ao contrário dos liberais, via a proximidade de gêneros distintos como um perigo para a boa formação moral e intelectual dos educandos. Tratarei melhor desse assunto no tópico sobre as representações de gênero. Contudo vejamos como estava a situação das matrículas por gêneros nas redes particular e oficial da época:

Matrículas nos estabelecimentos particulares de ensino* do estado da Bahia quanto ao gênero dos alunos

(Tabela 3)

ANO	MASCULINAS		FEMININAS		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
1933	12292	51,8	11455	48,2	23747	100
1937	13190	54,7	13033	45,3	28756	100
1945	15890	51,3	15113	48,7	31003	100

Fonte: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE. *O ensino no Brasil*. 1933, 1937e 1945.

* Esses dados são referentes aos Ensinos Elementar e Médio da época, que hoje equivaleriam aos Ensinos Fundamental (1ª a 8ª séries) e Médio (1º ao 3º ano).

** Dados referentes aos Ensinos Elementar e Médio da época, oferecidos pelas esferas Municipal, Estadual e

Matrículas nos estabelecimentos oficiais de ensino do estado da Bahia quanto ao gênero dos alunos**

(Tabela. 4)

ANO	MASCULINAS		FEMININAS		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
1933	39334	49,5	40092	50,5	79426	100
1937	42577	48,1	45854	51,9	88431	100
1945	60416	49,1	62554	50,9	122970	100

Fonte: MINISTERIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE. *O ensino no Brasil*. 1933, 1937 e 1945.

As famílias baianas que matriculavam seus filhos na rede particular apostavam um pouco mais na educação masculina que na feminina; já na rede pública os pais preferiam matricular as filhas e estas abriam uma pequena vantagem em relação ao contingente masculino.

De um maneira geral, o acesso às escolas do Ensino Elementar e Médio era equitativo, pois os números apontam para um certo igualitarismo entre os gêneros no acesso a esta etapa escolar. esse equilíbrio demonstra que as mulheres estudavam de maneira significativa até a idade nubente, mais ou menos dezesseis anos, a partir daí seu futuro, geralmente era casar e ter filhos, sem, no entanto, aprofundarem os estudos no nível superior.

A realidade vivida pelo gênero feminino no campo educacional piorava na medida em que o grau de instrução aumentava. O acesso ao Ensino Superior era muito menos igualitário que nos Ensinos Elementar e Médio. Neste último nível do ensino, o acadêmico, sobretudo nos cursos de maior prestígio social (Medicina, Direito e Engenharia), a diferença entre a presença masculina a feminina era esmagadora em favor da primeira:

Federal.

* Esses dados são referentes aos Ensinos Elementar e Médio da época, que hoje equivaleriam aos Ensinos Fundamental (1ª a 8ª séries) e Médio (1º ao 3º ano).

** Dados referentes aos Ensinos Elementar e Médio da época, oferecidos pelas esferas Municipal, Estadual e Federal.

**Ingresso em Cursos de Ensino Superior do estado da Bahia
quanto ao gênero dos alunos:**

1933

(Tabela 5)

CURSOS	HOMENS		MULHERES		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
C. JURÍDICAS	286	95,7	13	4,3	299	100
MEDICINA	883	97,1	26	2,9	909	100
POLITÉCNICO	136	100	0	0	136	100

1937

C. JURÍDICAS	294	93,3	21	6,6	315	100
MEDICINA	888	96,9	28	3,1	916	100
POLITÉCNICO	116	98,3	2	1,7	118	100

1945

C. JURÍDICAS	291	92,7	23	7,3	314	100
MEDICINA	520	92,2	44	7,8	564	100
POLITÉCNICO	244	98,4	4	1,6	248	100

Fonte: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE. *O ensino no Brasil. 1933.1937 e 1945.*

Apesar de o contingente masculino ser absolutamente maior que o feminino nos cursos de nível superior, a presença feminina, com o avançar dos anos começou a aumentar, sobretudo nas áreas médica e jurídica, já para os cursos politécnicos ocorreu uma tendência contrária, ou seja, aumentou-se o predomínio masculino. Possivelmente o aumento do número de mulheres no Ensino Superior ocorreu por causa das pressões exercidas pela luta do movimento feminista no Brasil e no mundo, bem como pela própria dinâmica da economia capitalista.

Através desta breve visita aos dados estatísticos dos tempos da Era Vargas, pôde-se perceber que a escola brasileira acentuava as diferenças de gênero, afastando-se da ilusão liberal de entender a escola como um instrumento eficaz para apagar as diferenças de classe/gênero/raça, na verdade ela (re)produzia tais diferenças.

Nesse sentido, a escolarização dos jovens e crianças brasileiras perpetuavam os lugares definidos pelos papéis de gênero e estes eram bem claros e definidos: aos homens o poder material que muitas vezes é sustentado pelo capital simbólico, às mulheres o papel secundário ou complementar ao dos homens. Até os Ensinos Fundamental e Médio, as mulheres tinham acesso aos estudos de maneira eqüitativa em relação aos homens, a partir daí o ingresso das mesmas passou a ser bastante inferior, ora as mulheres eram “preparadas” para desempenhar a função de esposas educadas e não para disputarem o comando intelectual e econômico da sociedade com os homens.

Pequenos reflexos da estrutura de poder econômico no que diz respeito à esfera do gênero, puderam ser captadas pelas análises das fichas de matrícula dos alunos do CAV, tendo em mente esse aspecto, procurei identificar o sexo dos responsáveis pelo pagamento da matrícula dos alunos externos, números expressos na tabela abaixo:

Gênero dos responsáveis pelos alunos externos do CAV em cada década

(Tabela 6)

DÉCADA	HOMENS		MULHERES		TOTAL	
	N ^o	%	N ^o	%	N ^o	%
1910	272	90,4	29	9,6	301	100
1920	539	84,4	100	15,6	639	100
1930	682	86,7	105	13,3	787	100
1940	375	79,3	98	20,7	473	100

Fonte: Livros de Matrículas do CAV, 1911, 1913, 1917 e Anuários do CAV,

1921, 1925, 1929, 1931, 1933, 1939, 1941, 1944.

As mulheres responsáveis pelos alunos foram sempre minoria, mas, ao longo das décadas a sua participação aumentou, sobretudo na década de 1940. Apesar disso, no somatório geral, a maioria absoluta de responsáveis por alunos ainda era do sexo masculino denotando que o poder econômico, mesmo com o aumento da participação das mulheres, ainda concentrava-se nas mãos dos chefes de família homens.

As notas nos livros de matrícula sugerem que as mães podiam ser viúvas ou mães solteiras (há casos em que as mães ou avós fazem questão de não registrar nas fichas o nome do pai do aluno), em outros casos, alunos que em determinado ano, foram matriculados pelo pai, passaram a ter como responsáveis, em anos posteriores, a mãe, as quais faziam questão de registrar nas fichas sua condição de viúva.

O colégio Antonio Vieira foi inaugurado na década de 1910 e encontrou um cenário sócio-econômico e educativo dominado pelos homens. Nos anos 20, já era possível visualizar o seu intuito em encaminhar seus alunos para uma das carreiras acadêmicas de maior prestígio, masculinas. Uma dessas carreiras era a da Medicina, para tanto exigia uma boa formação na área das ciências física e biológica:

O estudo das ciências físicas e naturais tem fama de ser no Colégio Vieira, o mais completo até agora ministrado por institutos de ensino particular na Bahia. Dispõe o colégio de um gabinete de Física, um laboratório de Química e um museu de História Natural bem providos.⁶²

A importância dada às Ciências Biológicas (História Natural) no CAV é ratificada pelo grande número de exemplares da *Revista Científica Brotéria*, produzida pelos professores jesuítas portugueses com a colaboração de outros cientistas e intelectuais da época, encontrada na biblioteca do colégio. De acordo com Madureira “graças a esse periódico, muito conceituado na Europa, tornaram-se conhecidos no estrangeiro as riquezas da fauna e da flora brasileiras.”⁶³ O fato é que, se os responsáveis pelo CAV, pretendiam aumentar mais o prestígio da instituição junto à comunidade baiana, cabia-lhes modernizar o colégio e atender às exigências da clientela.

No início da década de 1910, apesar de serem bem-vindos aos olhos do governo baiano, os jesuítas não podiam fugir da fiscalização imposta pelos republicanos às instituições escolares, fossem elas públicas, privadas ou confessionais.⁶⁴ O CAV chegou às terras baianas ao mesmo tempo aclamado (por instituições católicas e alguns intelectuais) e odiados (por setores leigos, sobretudo os poucos donos de colégio particulares, e alguns grupos protestantes). No tópico seguinte abordarei de maneira sucinta a história do colégio jesuíta da capital baiana.

⁶² MADUREIRA, José M. A Liberdade dos índios: a Cia de Jesus sua pedagogia e seus resultados. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1929 p.626

⁶³ Idem p. 624

⁶⁴ AGUIAR, Antonieta Nunes de. “Política Educacional na Bahia por Ocasão da República.” In: *Revista Estudos Acadêmicos*. Salvador: Faculdade Rui Barbosa, 2000.

1.3. Breve história do Colégio Antonio Vieira

A história da saga pedagógica dos jesuítas e do colégio Antonio Vieira já foi tratada por diversos autores⁶⁵, por isso não me detive de maneira mais acurada neste aspecto, tendo em vista a minha opção pelo estudo da construção da masculinidade e identidade de gênero na referida instituição .

No CAV, a educação baseava-se na longa tradição do método pedagógico dos jesuítas, o *Ratio Studiorum*, que esteve presente nas principais universidades européias entre os séculos XV e XVI. A partir de 1906, os inicianos admitem não mais impor um código comum a todas as Províncias. Historicamente foi no *Ratio Studiorum* que se basearam tanto a organização como a atividade docente dos vários colégios da Companhia de Jesus. Segundo Gabriel Codina,

O plano de estudo dos inicianos foi instituído oficialmente em 1599, mas passou por várias reformas a fim de adaptar-se às realidades locais e temporais dos países escolhidos para sediarem colégios jesuítas [...] Em 1832 o código pedagógico sofreu uma reforma desse tipo. Em 1906, conferiu-se aos Provinciais o critério de como aplicá-lo.⁶⁶

Esta era a orientação, em termos pedagógicos, quando se inaugurou o colégio iniciano da Bahia em 1911. Em 1910, a comunidade jesuítica portuguesa se estabeleceu na Bahia e, um ano após, o CAV entrou em funcionamento. Coube ao padre Alexandro Castello (Superior da Missão na Bahia) a tarefa de encontrar um imóvel adequado, o que só ocorreu depois de muita procura. A primeira sede do colégio foi na Rua do Sodré, número 43, local do antigo Colégio Florêncio. O prédio foi arrendado e os móveis comprados. *“tudo ficou aceite por 4 contos.”*⁶⁷ A instituição, de início, não exigia uma farda específica para que os alunos freqüentassem as aulas, apenas que os alunos usassem *“um fato da mesma cor com o distintivo do colégio.”*⁶⁸ Esse distintivo traz algumas mensagens simbólicas que merecem um comentário.

⁶⁵ Ver dentre outros: CODINA, Gabriel. “A Ratio Studiorum: Quatrocentos Anos (1599-1999)”. In Revista CEAP, S. Paulo, 1999. FRANCA; Leonel. *O Método pedagógico dos jesuítas: introdução e tradução da “Ratio Studiorum”*. Rio de Janeiro: Agir, 1959; MADUREIRA, José M. A Liberdade dos índios: a Cia de Jesus sua pedagogia e seus resultados, Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1929; FOLQUIER, Joseph H. Jesuítas no Norte, segunda entrada da Cia. de Jesus (1911-1940). Salvador, 1940. AZEVEDO, Ferdinand. A Missão Portuguesa da Cia. de Jesus no Nordeste (1911- 1936), Recife: FASA, 1986.

⁶⁶ Idem, p. 77

⁶⁷ Diário do CAV Vol. 1, 1911, p. 30

⁶⁸ Idem, p. 26

Do lado direito, inscrito num campo vermelho, búzios do tipo Vieira que além de ser o símbolo da família homônima, significa também o despertar, um instrumento da percepção intelectual;⁶⁹ do lado esquerdo, num campo azul, inscreve-se as iniciais de *Jesus* em grego, estando as mesmas acima de três pregos, “*para lembrar o sacrifício:*”⁷⁰ no campo amarelo, localizado baixo dos outros dois, encontra-se a figura da pomba branca (símbolo do amor e da velocidade), trazendo em seu bico um ramo (rebento, vida nova que desperta, o reencontro com Deus).⁷¹ Em resumo o escudo do CAV representava a busca do conhecimento pelos jovens de maneira otimizada e renovada através das práticas piedosas, tendo como maior exemplo o sacrifício exemplar de Jesus Cristo.⁷²

No início de 1912, o colégio jesuíta de Salvador teve sua sede transferida para o local do antigo Colégio Sete de Setembro, na rua Coqueiros da Piedade. Nesta época o aumento do número de alunos já era bastante visível

Anos Letivos e Total de Alunos Matriculados

(Tabela. 7)

ANOS	ALUNOS
1911	69
1912	163
1913	347
1914	425
1915	352
1916	303
1917	269
1918	252

Fonte: Livros de Matrícula do CAV 1911 A 1918

No ano posterior ao que se iniciou a I Guerra Mundial (1915), ocorreu uma diminuição no número de matrículas, permanecendo assim até o ano em que o conflito mundial se encerrou. Provavelmente a diminuição no ingresso de alunos no CAV se explica por causas exógenas (carestia de gêneros alimentícios e outras dificuldades associadas à guerra), tanto é que a partir dos anos 20 as matrículas retomam à sua curva ascendente.

⁶⁹ CHEVALIER, Jean e CHEERBRANT, Alain. *Dicionários de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1998, p. 149.

⁷⁰ Informações gentilmente fornecidas pelo Pe. Carlos Breschianni, jesuíta da Província Italiana, responsável pelo COHIBA e ex-professor do CAV.

⁷¹ CHEVALIER e CHEERBRANT, 1998, pp. 188 e 203.

⁷² O sacrifício tanto era associado ao gênero feminino (dor do parto, educação da família e outros) como ao gênero masculino (labor, sustento da família, suportar dores físicas.)

A direção do CAV procurou acompanhar os ventos do processo de modernização da cidade, cada vez mais melhorando as suas instalações. Isso acabou criando a necessidade de ampliação da sede do colégio que se localizava na Rua Coqueiros da Piedade, freguesia de São Pedro. Segundo os próprios professores da época: “o nosso laboratório de Física carece de maior ventilação e algumas salas de aula são pouco arejadas.”⁷³ A questão da mudança de sede acabou envolvendo a participação de políticos da cidade, como informa o *Diário do CAV* em junho de 1925:

Hoje foi apresentado nas Câmaras um Projecto de Lei que considera a Associação Nacional de Ensino de utilidade pública e auctorizando o Governo a desapropriar todas as casas de nossa rua que forem precisas para a construção do novo Collegio.
[...] Na Câmara dos Deputados, foi rejeitado por unanimidade o projecto de Lei de que se falou no dia 18 desse mês.⁷⁴

Em sinal de protesto, a direção do colégio promoveu uma espécie de boicote aos políticos da cidade, não comparecendo aos tradicionais desfiles cívicos do Dois de Julho (data da Independência da Bahia) e de Sete de Setembro.⁷⁵

Diante da realidade desconfortável, a solução foi procurar terrenos que provavelmente seriam encontrados fora da Freguesia de S. Pedro. Os padres buscavam um local não muito distante da localização antiga, tendo em vista manter a clientela já conquistada, mas que reunisse condições de abrigar as novas instalações do CAV. O terreno, encontrado ainda na década de 1920, ficava (e ainda fica) no bairro do Garcia (Distrito da Vitória) e, segundo Raymundo Gouveia, local de maioria populacional de poucos recursos econômicos:

A Suburbana Próxima Zona possui residências de proletários, onde mora a grande massa do operariado.
Aí vive a pobreza, em plena mostra de suas necessidades [...] habitações rústicas de chão batido ou cimentado. Esta zona compreende os arredores da cidade: [...] Fazenda Garcia, Pituba, Nordeste e outros lugares menos extensos.⁷⁶

Mesmo localizando-se no Distrito da Vitória, o Garcia não era o logradouro “ideal” para a nova sede do CAV, pois tratava-se de uma área basicamente rural e que concentrava uma população de maioria humilde e negra. Todavia o terreno atendia às necessidades do colégio; os registros do *Diário do CAV* dão conta de vários elogios ao novo local, sobretudo pela paz, ar puro e grandes áreas verdes. Essa transferência solucionava um problema

⁷³ Conferências pedagógicas, 1921, p.76

⁷⁴ *DIÁRIO DO CAV* vol. 1, 1925, p. 276

⁷⁵ *DIÁRIO DO CAV*, Vol. 1, pp. 276-277

⁷⁶ GOUVEIA, Raymundo Nonato de A. Puericultura social- natimortalidade, mortalidade neonatal e fenômenos correlatos, fatos demográficos, médicos sócio-econômicos e culturais, na cidade do Salvador- Bahia- 1940-46. Salvador: Imprensa Oficial da Bahia, 1947. (tese de doutoramento) p. 26

importante para a comunidade vieirense: o das instalações, que como vimos já não atendia às necessidades do colégio.

Por outro lado, sair do distrito de São Pedro rumo ao da Vitória, era um símbolo de status, uma vez que se estaria mais próximo das regiões para onde os mais ricos estavam se mudando.

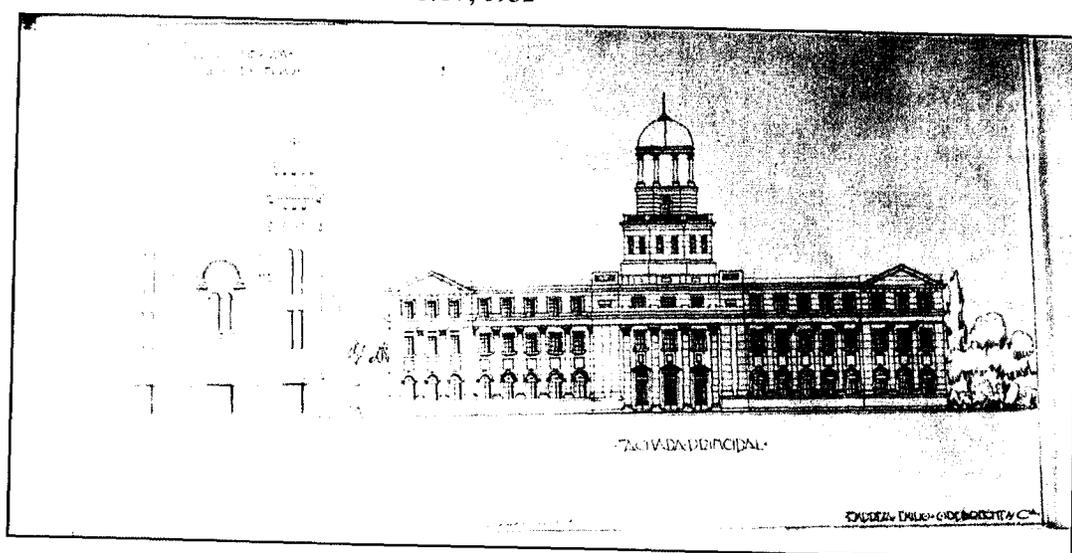
Em 1933, o colégio passou a funcionar na sua atual sede do Garcia, já contando com grande reconhecimento junto à comunidade soteropolitana. A construção desse novo prédio (Fig 1), assinalou um ganho de status na medida em que a comunidade baiana pôde perceber a punjança econômica da instituição, que se tornou um dos maiores proprietários de terras do bairro.

Segundo Maria Almeida “as freguesias da Vitória, Santo Antonio e Brotas foram as áreas de maior adensamento populacional. O Garcia foi o setor da Vitória que mais cresceu durante toda a Primeira República. Nos primeiros anos do Novecentos, intensificou-se a ocupação da antiga fazenda. Nos anos 20 esta ocupação já estava consolidada.”⁷⁷ Foi desta forma que ocorreu solidificação das bases da empreitada pedagógica dos jesuítas na sua volta a Bahia.

Foi justamente neste período que o número de alunos no colégio apresentou um crescimento bastante razoável. Esse aumento deveu-se ao prestígio crescente do CAV junto à sociedade baiana e também à verdadeira aliança estabelecida entre o Governo Federal e a Igreja Católica. Nos anos 40, o colégio viveu um período de adaptações frente ao novo dinamismo da sociedade, nesse ínterim os educadores realizaram outra jornada pedagógica para discutir as questões mais emergentes.

⁷⁷ ALMEIDA, 1997, pp.128-129

(Fig. 1) Projeto da nova sede do CAV, 1932



Tratava-se de um colégio que primava, além da formação moral e religiosa, pelo intelectualismo. A biblioteca era bastante organizada, trazendo títulos em latim, francês, alemão, inglês e grego. O maior destaque destas foi a coleção de enciclopédias, em sua maioria de origem francesa.⁷⁸ Os livros de História aparecem também em grande número, alguns fazem críticas ferrenhas às figuras históricas portuguesas e defendem a causa republicana de maneira enfática.⁷⁹ Outros, por sua vez defendem de maneira apaixonada os ideais monarquistas.⁸⁰

O livro de História do Dr. Luis Maia (lente catedrático do Ginásio Nacional) adotado pelo CAV durante a década de 1910, possui encadernação de luxo e em sua páginas se vê pouco material iconográfico. Segundo nota do editor esta obra era considerada como “o melhor compêndio de História do Brasil até hoje publicado, sendo recomendado para uso dos estabelecimentos de ensino secundário.”⁸¹ Na década de 1920, esse livro foi substituído por uma obra menos luxuosa de autoria de Frei Vicente do Salvador e organizado por Capistrano de Abreu.⁸²

Nas décadas de 30 e 40, diminuiu a quantidade de livros em língua estrangeira da biblioteca, porém os mesmos, sobretudo os em inglês, ainda ocupavam um espaço razoável no acervo da instituição. O Dr. Edivaldo Boaventura (ex-aluno da década de 40, ex-Secretário da Educação e ex-diretor do Jornal *A Tarde*, assim se referiu a biblioteca da instituição:

O Vieira representava para nós que morávamos em outros municípios, um acesso a cultura. Eu me lembro que a primeira biblioteca que vi na minha vida foi a do colégio, tinha livro em português, inglês, francês... em latim, não muitos, mas tinha. Eu nunca tinha visto nenhuma biblioteca com livros em língua estrangeira. Em Feira de Santana tinha uma Biblioteca Pública e as das casas de algumas pessoas [...] quando cheguei ao Vieira eu encontrei uma verdadeira biblioteca [...] além de ser enorme.⁸³

Devido ao aumento da influência cultural norte-americana, a partir da década de 30, a biblioteca do CAV, além de aumentar o número de livros de língua inglesa, passou a contar com vários títulos de Psicologia e Educação Física⁸⁴, essa influência de início foi combatida

⁷⁸ Como exemplo têm-se uma coleção do século XIX: LAROUSSE, Pierre *Larousse's grande dictionare universal du XIX siècle francaise*, Paris, 1890, 17 vol.

⁷⁹ MAUL, Carlos *História da Brasil* 2 vol. S/d de publicação

⁸⁰ JESUS, Raphael de *História da guerra entre Brasil e Holanda*. Paris: J.P.Aillaud, 1844. e MAIA, Luis de Queirós M. *Lições de História do Brasil*. Niteroi:Tipografia Amerina, 1908.

⁸¹ MAIA, Op. cit. p. 3

⁸² ABREU, J.Capristano de. *História do Brasil*. Salvador: Typografia Beneditina, 1918

⁸³ Dr. Edivaldo Boaventura em entrevista concedida ao autor em 12/01/2004

⁸⁴ ZWEIG, Steffan. *Freud*, Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1933; SANTOS, Theobaldo M. *Noções de psicologia experimental*, S. Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945; WOODWORT, R e MARQUIS, D. *Psicologia*, S. Paulo: Companhia Editora Nacional, 1947; NEUMANN, A. *A disciplina da juventude através*

pelos educadores católicos, mas a partir dos anos 40 a pedagogia dos jesuítas tornou-se menos rigorosa que nas décadas anteriores. Finalizo aqui o aspecto educacional, para discutir no tópico seguinte as representações de gênero na sociedade baiana do período.

1.4. Considerações em torno do gênero

Começo estas considerações fazendo uma revisão teórica de alguns trabalhos usados nesta pesquisa, os quais discutem as representações de gênero. O objetivo deste tópico é analisar as principais representações⁸⁵ de gênero entre os católicos a partir dos papéis atribuídos a homens e mulheres. Para tanto utilizei alguns artigos publicados na revista *Brotéria: Fé, Ciências e Letras*⁸⁶, publicados entre as décadas de 30 e 40 do século passado.

A partir dos textos relacionados procurei entender como, em um colégio confessional masculino, ocorria a naturalização dos papéis de gênero e de que forma processava-se a conformação dos corpos e mentes para enquadrar crianças e jovens, um determinado modelo de masculinidade.

Além do estudo de outras fontes primárias (regulamentos, anuários e livros da época), procurei subsídios teóricos numa bibliografia específica sobre a masculinidade e representações dos papéis de gênero⁸⁷.

As pesquisas na área de gênero ajudaram os estudiosos e a sociedade como um todo, a refletirem acerca das universalidades presentes no discurso historiográfico, sobretudo no que tange às posições ocupadas por homens e mulheres na história. Isso catalisou uma necessidade latente: historicizar-se os conceitos e categorias analíticas, relativizando, desta maneira, pretensas “verdades históricas”. De início essa reavaliação privilegiou os estudos

dos esportes. Coimbra: Editora Kat Néveles, 1931

⁸⁵ Entendida aqui a partir de uma das modalidades elaboradas por Roger Chartier: “formas institucionalizadas e objetivadas graças aos quais os representantes (coletivos ou singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, da classe ou da comunidade” CHARTIER, R. *A história cultural*. Lisboa: Difel, 1990. p.30

⁸⁶ Vários números desse periódico foram encontrado na Biblioteca do CAV, segundo ALMEIDA, 1999 p. 151: “Essa revista foi fundada em 1902, pelos jesuítas naturalistas Joaquim Tavares, Cândido de Azevedo e Carlos Zimmermann (professor do Colégio Antonio Vieira.)... Lançada em Lisboa, vai obtendo relevo... Em 1907 a Revista Brotéria passa a circular em duas seções especializadas – Botânica e Zoologia – e uma mais geral – a de Vulgarização Científica... Em 1913, passa a circular com o título de *Revista Científica Luso-Brasileira*. em 1925, a série de vulgarização científica passa a denominar-se *Fé, Ciências e Letras*.

⁸⁷ PASSOS, Elisete Silva. *Palcos e platéias, as representações de gênero na Faculdade de Filosofia*. Salvador: FFCH/UFBA, 1999; BADINTHER, Elisabeth. *XY sobre a identidade masculina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993 e ALMEIDA, Miguel Vale de. *Senhores de si uma interpretação antropológica da masculinidade*. Lisboa: Fim de Século, 1995.

feministas. mas hoje em dia a mesma extrapolou os limites do movimento das mulheres e enveredou pelo caminho dos *men's studies*.

Ainda nos anos 70, os anglo-saxões se preocuparam com esse novo campo. inicialmente derivado dos estudos feministas. porém nos países latinos, tal preocupação é mais recente. A necessidade de resgate do homem nos estudos de gênero brasileiros é de suma importância. pois segundo Maria Matos, "*ainda são raros os estudos na produção historiográfica brasileira sobre as masculinidades.*"⁸⁸ O emergir dos estudos específicos sobre o homem enquanto um dos desdobramentos dos estudos de gênero, fez com que surgissem. pelo menos três estilos de entender e escrever a masculinidade.

Alguns autores, a exemplo de Pedro Paulo Oliveira. subdividem os estudos sobre a masculinidade em várias vertentes: "*o discurso vitimário, o psicologizante, o crítico e o hegemônico*".⁸⁹ Segundo Miguel Vale de Almeida os *men's studies* ou são revanchistas em relação ao feminismo ou defendem a vitimização dos homens.⁹⁰ A maioria dos estudiosos consideram que existem, basicamente, três discursos sobre a masculinidade: "*os que denunciam os abusos de poder masculinos (masculinidade hegemônica); os que destacam o peso do "ser homem" e os conflitos da masculinidade (discurso vitimário) e; aqueles que questionam, dentre outras coisas, a naturalidade da heterossexualidade e procuram entender o caráter específico das masculinidades.*"⁹¹

Dentre esses três discursos acerca da masculinidade, o hegemônico, tendo em vista os traços notadamente patriarcais da sociedade soteropolitana para a época que propus investigar. parece-me o mais viável para se entender as relações de gênero neste estudo. Como disse anteriormente, a escola ocupa papel central nos processos de naturalização das categorias de raça e gênero. No interior das instituições de ensino:

Os gestos, movimentos, sentidos são produzidos e incorporados por meninos e meninas [...] os mais antigos manuais já ensinavam aos mestres os cuidados que deveriam ter [...] a partir de mínimos traços era possível dizer se determinada jovem foi normalista, se um rapaz cursou o colégio militar ou que outro estudou num seminário.⁹²

⁸⁸ MATOS, Maria Izilda. "História das sensibilidades: em foco, a masculinidade." *História. Questões e debates*. Ano 18, n.º 34, jan./jun. 2001. Curitiba: APAH/UFPR p. 46

⁸⁹ OLIVEIRA, Pedro Paulo de. "Discursos sobre a masculinidade" In: *Estudos feministas, Vol. 6, nº 1*. Rio de Janeiro: IFCS/UF RJ, 1998..

⁹⁰ ALMEIDA, Miguel V. "Flores do colonialismo: masculinidade numa perspectiva antropológica" In: BESSA, Karla Adriana M. (Org.) *Cadernos Pagu nº 11*. Campinas: Ed. Unicamp, 1998, p 207

⁹¹ MATOS. Op. cit. pp 46-47

⁹² LOURO. Guaracira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação*. Petrópolis: Vozes, 2001, pp. 61-62.

A dita superioridade masculina nas sociedades ocidentais (notadamente a de cunho intelectual), encontra raízes pelo menos desde o Iluminismo e a instituição escolar, indubitavelmente, ajudou a cunhar tal preconceito.

A tão propalada superioridade do gênero masculino em relação ao feminino, ganha, em meados do século XIX, um novo aliado: a ciência produzida pelo racismo científico. Ela justificava, através de suas pesquisas que a superioridade do homem branco em relação às mulheres e negros se caracterizava como algo incontestável.

Como nos informa Heloísa B. de Hollanda: “*as mulheres e as raças inferiores eram consideradas impulsivas por natureza, emocionais, mais imitadoras que originais e incapazes do raciocínio abstrato e profundo do homem branco.*”⁹³ Em resumo, o processo de naturalização que aproxima raça e gênero, teve na ciência e nas escolas, seus principais catalisadores para estabelecer a hegemonia do macho, adulto e branco. Passarei então para a breve revisão bibliográfica das obras tidas como base para a construção do trabalho ora proposto. Estas serão comentadas nas linhas que se seguem.

Começemos com *XY sobre a identidade masculina* de Elisabeth Badinther, obra bastante densa, bem ao estilo francês de produzir conhecimento. Badinther divide seu texto em um prólogo e duas partes. A primeira subdivide-se em quatro capítulos e a segunda em dois. Em termos metodológicos, adota a análise qualitativa associada à uma vasta pesquisa de campo. A autora imprime um forte sentido antropológico, sem descuidar dos aspectos históricos. Discute desde os rituais de iniciação masculina entre povos da Oceania, passando pela análise dos rituais masculinos do Mundo Clássico, das sociedades industriais do Ocidente, até chegar a estas mesmas na atualidade, destacando os conflitos e as angústias de “ser homem na contemporaneidade.”

O que mais me interessou nesta obra, diz respeito à questão dos ritos de iniciação masculina encetados nas sociedades industrializadas do Ocidente – com destaque para França e EUA - que segundo Badinther reportam a construção de identidade masculina através de um processo educativo no qual a escola ocupa um lugar privilegiado, sobretudo na ênfase dada aos esportes coletivos, no início do século XX, época em que, segundo ela, a masculinidade estava em crise nos Estados Unidos. Ao que parece a autora adota o discurso sobre a masculinidade que os estudiosos chamariam de crítico.

O livro de Miguel Almeida, *Senhores de si uma interpretação antropológica da masculinidade*, divide-se em sete capítulos, e assim como o de Badinther, é construído a partir

⁹³ HOLLANDA, Heloísa B. de. *Tendências e impasses*. Rio de Janeiro, Rocco, 1994, p. 74.

do prisma antropológico, porém com uma maior ênfase no aspecto cultural e na linguagem simbólica, denotando aí uma influência de Sahlins e Geertz. Segundo Vale de Almeida:

A masculinidade hegemônica é um modelo cultural ideal que não sendo atingível por praticamente nenhum homem, exerce sobre todos eles um efeito controlador [...] A masculinidade é um processo construído, frágil, vigiado como forma de ascendência social que pretende ser.⁹⁴

Assim não precisamos nos esforçar muito para entender que Vale de Almeida toma o discurso da masculinidade hegemônica enquanto lastro para as suas conclusões, inscrevendo dessa forma os seus estudos no quadro da teoria social antropológica, afinal como afirma o próprio: *“não se pode vitimizar os homens, quando eles estão socialmente no poder.”*⁹⁵

O texto de Vale de Almeida apóia-se no método comparativo esboçado a partir dos estudos de caso e é escrito de maneira interpretativa. O próprio ressalta que *“a interpretação não é leviandade, mas uma responsabilidade [...] Além de narrativa, a Antropologia tem que ser crítica e o que se critica tem que ser social.”*⁹⁶

Apesar de notadamente narrativo, o texto não deixa de remeter-se a aspectos históricos da construção da identidade masculina, sobretudo no seu terceiro capítulo, até porque, seu objetivo é investigar *“a relação entre a construção do gênero e as mudanças sociais, econômicas, laborais, de modernização e ligação à globalidade, aos discursos e as práticas que no cotidiano reproduzem a masculinidade hegemônica.”*⁹⁷

Vale de Almeida, apesar de não adotar o referencial teórico feminista propriamente dito, apresenta-se simpático em alguma medida a tal perspectiva. Essa posição pode ser justificada na medida em que a comunidade tomada enquanto objeto de estudo pelo autor nesse trabalho, circunscreve-se numa sociedade tida como de modelo patriarcal. Esse estudo foi de fundamental importância para, entre outras coisas, chamar nossa atenção para o fato de que para se estudar a construção da masculinidade em determinado tempo/espaço, necessário se faz, a análise dos vários paradigmas que estão presentes nos diversos níveis do social, tais como, classe social, raça, linguagem, etc., os quais são sempre lembrados nas análises do autor em questão.

Depois dos resumos acerca de duas obras que analisam realidades históricas distintas da sociedade soteropolitana que pretendemos estudar, passemos então para um livro que

⁹⁴ ALMEIDA, 1995, p.17

⁹⁵ ALMEIDA, 1998, P. 207

⁹⁶ ALMEIDA, 1995, p. 18

⁹⁷ Idem, p. 19

retrata as representações de gênero no cenário baiano: *Palcos e platéias* de Elisete Passos. tal obra está dividida em seis capítulos que, intercalados, procuram mostrar como as representações de gênero vigentes na sociedade entre as décadas de 1940-1970. influenciaram na composição de uma maneira própria pela qualos universitários da Faculdade de Filosofia da UFBA significaram suas posições dentro daquela Escola. Enquanto opção metodológica. a autora adota o estudo de caso ancorado no prisma da “teoria cognitiva feminista.”⁹⁸ Uma das suas preocupações é articular dialeticamente. as representações em evidência na instituição com as representações vigentes na sociedade soteropolitana como um todo.

O que mais me interessou nessa obra. foram os capítulos que analisam contextos mais amplos. isto é. que tratam das representações fora da Faculdade de Filosofia. tendo em vista se tratar de um estudo de caso. Assim privilegiei nesse texto, aqueles capítulos que tratam da construção da identidade de gênero e suas representações, espaços masculinos e femininos.

Passos parte. assim como Miguel Almeida. do pressuposto de que o trabalho de interpretação é por natureza especulativo. assim traduzido em sua fala: “o que aqui apresenta-se como resultados, são interpretações. ‘leituras’ que fizemos dos dados e. como tal não deixam de ser interpretações subjetivas.”⁹⁹ Essas leituras realizadas por Passos. levam-na a concluir que na Faculdade de Filosofia o que prevalecia eram as representações que traduziam os “*palcos e platéias*”, isto é. os homens construíam sua masculinidade. na maioria dos casos. pautando-se nas representações da fortaleza, racionalidade e competição - representações que avalizavam competência para o espaço público – portanto. os homens estariam destinados os “palcos da vida.”

Por outro lado as mulheres. para construir suas representações. pautavam-se pela emotividade. moralidade e instinto de maternidade, portanto. relegadas ao papel de espectadoras. que “passivamente” assentavam-se nas platéias. Para Passos. “um dos elementos importantes para a consolidação do sentimento de identidade é o jogo dialético entre a semelhança e a diferença.”¹⁰⁰ Com isso, a contribuição mais significativa desvelada pela autora para o este trabalho, foi justamente a sua sinalização para que o pesquisador do campo do gênero se preocupe em entender a construção da masculinidade em alteridade. de maneira dialética com a feminilidade e vice-versa.

Segundo Raquel Soihet, o final do século XIX constituiu-se num período de crescimento para o movimento feminista tanto nos EUA quanto na Europa. A posição do

⁹⁸ PASSOS. 1999 p. 19.

⁹⁹ Idem, p.22

clero católico com relação à participação feminina na vida social e política da mulher, porém ainda estava longe de ser democrática:

Na sociedade ocidental cristã, as mulheres estão relativamente aos homens em estado de real de inferioridade? São condenadas à permanente tutela? Por acaso o casamento e, sobretudo a maternidade as não emancipam? No seio da família de que são o centro, não têm sobretudo, ao seu redor, uma força moral que as eleva acima da fraqueza física que lhes é inata? Não é na esfera conjugal e maternal consagrada pelo respeito geral, que elas exercem seus incontestáveis direitos e seus deveres? ¹⁰¹

Os papéis de gênero são aqui entendidos enquanto “regras arbitrárias que uma sociedade estabelece para seus membros e que definem seus comportamentos, seus modos de se relacionar ou de se portar.”¹⁰² A dinâmica de gênero, e os papéis a ele atribuídos, são socialmente construídos e a escola é um dos locais privilegiados para a construção tanto da identidade de gênero como da identidade sexual.

De acordo com tais pressupostos teóricos procurarei analisar os conteúdos encontrados nas fontes primárias supracitadas. Nas linhas seguintes dedico-me a investigar as representações de gênero nos meios acadêmico e católico, respectivamente.

1.5. Algumas representações de gênero nos meios intelectual e católico.

No início do século XX a Igreja católica brasileira vivia alguns problemas desestruturantes, aliás, mesmo antes do republicanismo ser instalado. Uma das questões problemáticas era a diminuição de fiéis, na verdade anterior ao advento da República no Brasil. Na década de 1910, essa instituição passava por um processo de modernização, com o objetivo de se adaptar às mudanças impostas pela República. Nesse ínterim (ainda de certa diminuição do contingente de católicos praticantes brasileiros), as mulheres representariam peças-chave para a estratégia de uma (re)orientação religiosa da família, pois os cuidados e educação dos filhos era entendida como um das funções mais salutares do sexo feminino. É isso que evidencia o discurso de um padre, professor do colégio Antonio Vieira, durante sua palestra nas Conferências Pedagógicas de 1940: “*Nesses últimos 50 anos, em que a República separou a Igreja do Estado a maior parte da juventude brasileira se tornou laica.*”¹⁰³

¹⁰⁰ PASSOS, 1999, p. 100

¹⁰¹ O Apóstolo, 02/08/1880. Apud SOIHET, Raquel. “Violência simbólica: saberes masculinos e representações femininas.” In: *Estudos feministas*. Vol. 5, no. 1, 1997. Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ. p. 7

¹⁰² LOURO, 2001, p.24

¹⁰³ BAECHER, Luís G. “A instrução religiosa” In: *Conferências dos professores da Baía e Recife*. Salvador: Tipografia Beneditina, 1940, p. 23

Falar das representações de gênero no meio católico, nos remete ao *Gênesis* bíblico - mito fundador da espécie humana mais difundido nas sociedades ocidentais – que teve na Igreja católica sua maior divulgadora e defensora. De acordo com o mesmo, a mulher e homem ocupam posições hierárquicas bem definidas e imutáveis: ao homem, o comando tendo em vista o domínio pronunciado da razão em sua personalidade; à mulher, a submissão evidenciada pela sua maior emotividade no agir.

Segundo Miguel Almeida, o homem é definido no mito fundador, como superior e toma para si a missão “sacrificante” do trabalho, a mulher deve obediência ao primeiro e é estigmatizada pela sua função reprodutiva. Ainda segundo este autor, “*a expulsão do paraíso pode ser interpretada como a fundação da vida em sociedade [...] ela nasce com a divisão sexual, e na linguagem de hoje, com a definição de dois gêneros.*”¹⁰⁴

O papel da mulher/orientadora, “educadora por excelência”, nas décadas de 1910-1920, passou a ser mais valorizado enquanto pilar necessário para o bem-estar da família. Nesse sentido, “*a mulher servia como linha de frente no combate às idéias materialistas que estavam se expandindo pelo país, resgatando o sentimento religioso católico*”.¹⁰⁵ Em Salvador têm-se, inclusive a circulação de um periódico católico, voltado exclusivamente para as mulheres. *A Paladina do Lar*:

Verdadeiro manual de comportamento feminino, esta revista foi publicada mensalmente na Bahia durante oito anos de 1910 a 1917, sob a égide do mosteiro de São Bento. Este periódico partiu da iniciativa da Liga Católica das Senhoras Baianas, que tinha como principal função, tomando como base outras ligas desse gênero existentes na Europa e em alguns países da América Latina, difundir a moral católica para toda a sociedade baiana por meio de conferências, congressos e de leituras específicas: livros revistas centrados no catolicismo.¹⁰⁶

No Brasil, entre as décadas de 1910 e 1920, a mulher passa a ser vista não apenas sob a égide da inveterada pecadora e falsária Eva (portanto condenada à submissão e à dominação do homem), mas começa a se configurar uma imagem mais sublime do ser feminino. Esta é uma posição que fica evidenciada tanto no meio católico quanto no meio laico.

Os jornais e revistas desse período passam a alimentar essa visão um tanto quanto redentora dos “pecados” da mulher, uma vez que a antiga visão extremamente estigmatizante

¹⁰⁴ ALMEIDA, 1995, p. 70

¹⁰⁵ A Paladina do Lar 10/12/1913 apud OLIVEIRA, Aline Paim de. *A Paladina do Lar: escrita feminina baiana (1910-1917)*. Salvador: Ufba, 2000, p.9 (Dissertação de Mestrado)

¹⁰⁶ OLIVEIRA, Aline Paim de. *A Paladina do Lar: escrita feminina baiana (1910-1917)*. Salvador: Ufba, 2000, p.12

não mais interessava à realidade dos fatos para a Igreja. Desta forma o gênero feminino passa a ser “defendido”, o que estava mais de acordo com os interesses eclesiásticos. Assim passa a ser veiculada, ou melhor, a ser construída uma imagem feminina inspirada muito mais pelo “prisma mariano” - que destaca as facetas de mãe redentora, amorosa e companheira do gênero masculino - que pelo prisma do mito fundador.

A posição da Igreja católica em relação ao matrimônio, aos papéis de gênero na família foi regulada pelas Encíclicas Papais que circularam em vários países, destacarei aqui quatro desses documentos entre os anos de 1880 a 1931. A encíclica de 1880 enfatizava o casamento:

Desde 1880, que Leão XIII, na Encíclica *Arcanum*, tinha levantado a questão da indissolubilidade do matrimônio da sua finalidade e deveres, da desautorização da mulher e do caráter nocivo do casamento civil, para preservar a sociedade da tentação do divórcio [...] está escrito na encíclica que o divórcio é herança de práticas depravadas que, como prova a experiência, abre caminho a uma corrupção crescente dos públicos e privados [...] havia igualmente posto o problema do regresso da mulher ao lar.¹⁰⁷

Em 1891, novamente publicada por Leão XIII mais uma Encíclica foi publicada, esta com caráter mais político-ideológico que a anterior:

Na famosa encíclica *Rerum Novarum* ‘contra o comunismo como fonte de empobrecimento, pela defesa da família e do Estado e a propósito do trabalho operário,’ ele [Leão XIII] declarava: A natureza destinou antes a mulher aos trabalhos domésticos que protegem eficazmente a honestidade do seu sexo fraco e encontram a sua justa compensação na criação dos filhos e no bem-estar do lar. A *Rerum Novarum* voltava ao princípio intangível do poder paterno, direito que é necessário reconhecer o homem como chefe de família.¹⁰⁸

O ideal de valorizar o papel da mulher enquanto dona de casa e educadora dos filhos que ganhou eco no Brasil dos anos 10-20 era fruto dessa orientação maior da Igreja católica formulada e documentada no final do século XIX. A regulamentação dos papéis de gênero continuou com a edição de mais duas Encíclicas, a *Casti Conubi* de 1930, inspirada na *Rerum Novarum* e que se ocupava do matrimônio cristão e, a *Quadragesimo Anno*, de 1931 esta última destacava a questão do trabalho das mulheres “é necessário repor a ocupação da mãe de família. Que certas mães cheguem a procurar, por causa do fraco salário do chefe de família, uma remuneração fora do lar, eis um erro nefasto.”¹⁰⁹

¹⁰⁷ MACCIOCCI, Maria Antonieta “As mulheres e a travessia do fascismo” In: *Elementos para uma análise do Fascismo*. Lisboa: Bertrand, 1977 p.107

¹⁰⁸ MACCIOCCI, Maria Antonieta “As mulheres e a travessia do fascismo” In : *Elementos para uma análise do Fascismo*. Lisboa: Bertrand, 1977 pp.107-108

¹⁰⁹ Idem p. 108

Na biblioteca dos padres do Colégio Vieira, encontrei uma versão mais moderna da encíclica *Casti Comubis*.¹¹⁰ Nela podem ser observadas aspectos relevantes para compreender as relações de gênero. Um dos aspectos enfatizados por essa encíclica era o papel de provedor do homem e sua autoridade absoluta que garantiriam uma ordem natural das coisas de Deus:

Ligada, enfim, com o vínculo desta caridade a sociedade doméstica, florescerá necessariamente aquilo que Santo Agostinho chama a ordem do amor. Essa ordem implica de um lado a superioridade do marido sobre a mulher e os filhos, e de outro a pronta sujeição e obediência da mulher, não pela violência, mas como a recomenda o Apóstolo com estas palavras: "Sujeitem-se as mulheres aos seus maridos como ao Senhor; porque o homem é cabeça da mulher, como Cristo é cabeça da Igreja". (Ef 5, 22-23). Tal sujeição não nega nem tira à mulher a liberdade a que tem pleno direito, quer pela nobreza da personalidade humana, quer pela missão nobilíssima de esposa, mãe e companheira, nem a obriga a condescender com todos os caprichos do homem.¹¹¹

Sob a influência dessas idéias divulgadas pela Igreja Católica vai se configurar um verdadeiro "pacto social" quanto aos papéis comumente atribuídos aos homens na sociedade baiana, durante as três primeiras décadas do século XX, destacavam-se os de chefe e provedor da casa: "*o papá é a força da casa é ele em geral pelo menos na aparência, que durante a vida vai em busca da presa necessária para a alimentação do bebê e da sua mamãe.*"¹¹² o de símbolo da racionalidade, da força de vontade e da disciplina. Assim, o homem encarnaria o líder, sendo portanto mais dado ao mundo das coisas públicas e apto para tomar as decisões mais importantes. Desta forma refere-se Orlando Santos às virtudes notadamente masculinas:

As virtudes do homem com efeito são a força, a bravura, o trabalho forçado, a direcção social da família, a coragem de arrostar os elementos, a criação na Philosophia, nas artes, nas sciências [...] Seu empenho e brilho exterior são notáveis.¹¹³

Além das boas qualidades e virtudes, ao homem também se atribuía um comportamento mais instintivo, enfim mais grosseiro que o da mulher:

A coragem inata, daí o perigo da grosseria nos gestos, da violência nas paixões, da precipitação nos atos, das lutas intestinais, dos ódios mortais, dos cegos interesses materiais, da pornografia, da indistinção moral [...] faz atirar com muitos á prostituição [...] que ainda obriga a alma do homem a partir-se em duas personalidades de que à família cabe uma.¹¹⁴

¹¹⁰ PAULO VI. Carta Encíclica "Humanae Vitae", São Paulo: Paulinas, 1968

¹¹¹ Idem, p. 20

¹¹² OLIVEIRA, 2000, p. 60. Grifo meu. A autora também destaca a ironia do termo sublinhado.

¹¹³ SANTOS Orlando Tiago dos. *Considerações em torno da Família e suas relações com a escola*. Salvador: Faculdade de Medicina da Bahia, 1924. (Tese de Doutorado) pp. 25-26

¹¹⁴ Idem, pp. 25-26

A partir das pistas deixadas na imprensa escrita e em algumas teses da época, podemos resgatar algumas representações femininas, muitas delas mostram que o próprio movimento feminista alimentava determinadas posturas machistas.

Os artigos de periódico *A Tarde*, revelaram também aspectos que ilustram o outro lado da moeda: mulheres que se rebelavam, optando, por exemplo, por não se casarem, o que quebrava uma das tradições mais vivas da sociedade baiana da época. Vejamos o ataque mordaz contra as solteiras, emitido pelo escritor Gustavo Barroso, influente membro da Academia Brasileira de Letras e integrante do movimento Integralista brasileiro. A opinião está expressa num longo artigo publicado no ano de 1931:

O que se vai ler está no capítulo 196 de *Clio*, o primeiro livro de história de Heródoto: Anualmente tinham um dia destinado ao leilão das moças em estado de casar [...] Neie se reuniam todas as donzelas núbéis numa praça, de maneira que os homens podiam examiná-las à vontade [...] Tal método protegia as solteironas e nem Maomé com a poligamia e seus preceitos de que nenhuma mulher deve morrer à sombra da espada do Islã, conseguiu melhores resultados. Como estamos numa época de fabricação por atacado de decretos e leis, bem poderíamos promulgar uma semelhante à dos venetos-ilírios, que teria o apoio incondicional de todas as mulheres feias, a maioria, portanto e que, se não tivesse o das bonitas, pelo menos não despertaria a sua oposição. Seria excelente meio de acabar para sempre com as feministas, as sufragistas, as neurastêmicas, as coxixadeiras, as beatas, as filhas de Maria, algumas literatas e algumas diseuses horríveis espécies femininas nascidas da classe imensa, descontente, vingativa e audaz das solteironas.¹¹⁵

Como se pôde observar as representações de gênero dos anos 30 ainda repousavam nos tradicionais cânones atribuídos a homens e mulheres pelo catolicismo. Desta forma não era de se estranhar que um veículo tradicional da imprensa escrita cedesse espaço para manifestações de grosserias contra determinadas “categorias” de mulheres, demonstrando assim que a questão da relação com o sexo oposto ocupava uma um local privilegiado no imaginário dos representantes da intelectualidade durante o período em questão.

Feito este breve retrospecto acerca das representações de gênero em voga no meio de uma certa parcela intelectualizada da sociedade baiana, durante as duas primeiras décadas do século passado, tentarei delinear o quadro referente aos papéis de gênero no colégio entre os anos 30 e 40. Esse quadro retratará a posição de determinada intelectualidade católica que trabalhava junto ao CAV, formada, sobretudo por sociólogos, médicos, padres e professores, sendo que estes últimos eram representantes da Companhia da Jesus e que por sua vez, lecionavam no colégio Vieira.

¹¹⁵ BARROSO, Gustavo. “Leilão de moças” In: *A Tarde*. Salvador, 11/04 1931 p. 3

De acordo com José Madureira, “*residem neste Collégio vários Padres que, além de ministrar a instrução e educação dos alunos, colaboram na revista científica ‘Brotéria’.*”

¹¹⁶ Tendo alguns membros do quadro docente como colaboradores da revista, a administração do CAV disponibilizava grande quantidade de exemplares para a biblioteca do colégio, superando o de qualquer outra publicação da época. Tal fato sugere que, no mínimo, a direção do estabelecimento fazia gosto em permitir que tanto alunos quanto professores tivessem acesso a tal leitura. Até mesmo porque outros periódicos, que não os aprovados pela instituição, eram proibidos de serem lidos ou de circularem nas dependências da mesma.

Para esboçar o panorama proposto anteriormente, consultei vários exemplares do periódico em questão e selecionei um total de trinta e oito exemplares da *Brotéria de Fé, Ciências e Letras* (1930 a 1949). Dentro deste universo, optei por 25 artigos os quais deixavam clara algumas representações acerca do gênero. Por se tratar de um periódico importado, que circulava apenas nos colégios, e ter seus artigos assinados por médicos, cientistas e professores de renome, entendi que tais representações eram comuns entre a intelectualidade católica.

O que não descarta a hipótese de que as mesmas tivessem repercussão entre uma parcela mais significativa da sociedade. Bom que se diga que nem todos os artigos serão, necessariamente, citados neste texto. Para efeito didático, dividi os mesmos em tópicos assim sumariados: psicologia feminina, psicologia masculina, casamento e educação-sexualidade. Chamo a atenção do leitor para o fato dos artigos normalmente se referirem às atribuições e características das mulheres, mas isso não impede as análises, pois pretendo construir a caracterização do “ser” masculino em relação e em alteridade ao que seria o “ser” feminino.

Antes de iniciar as análises dos artigos achei necessário fazer uma breve elucidação acerca da semântica dos termos: homem, mulher, masculino e feminino. Para cumprir tal tarefa, utilizei alguns dicionários encontrados no acervo do colégio. Vejamos, inicialmente os conceitos de homem e mulher dispostos no *Diccionario práctico ilustrado luso-brasileiro* de Jaime Séguier, editado em 1913 e encontrado na seção de livros raros do colégio:

Homem: s.m. Ser humano do sexo masculino: o homem e a mulher. Aquelle que chegou a idade viril: passar de criança a homem. Em geral a espécie humana, a humanidade. [...] Soldado, operário.[...] Indivíduo denodado. Aquelle de quem se fala de quem se precisa.[...]

¹¹⁶ MADUREIRA, José M. *A Liberdade dos Índios A Cia de Jesus Sua Pedagogia e Seus Resultados*. Vol 2 Rio de Janeiro. Imprensa Nacional, 1929, p. 624

Mulher: s.f. pessoa do sexo feminino: o homem e a mulher. Pessoa do sexo feminino já depois da puberdade. Pessoa do sexo feminino pertencente às classes populares, por opor-se a senhora. Espôsa. Fig. Homem effeminado, mulherengo.

Feminino: adj. Relativo ou pertencente às fêmeas. Relativo ou pertencente às mulheres. Gram. Gênero feminino, gênero atribuído aos substantivos femininos.[...]

Masculino: adj. Relativo ao varão ou ao macho. Fig. Varonil, másculo, próprio do homem. Gram. Gênero masculino. ¹¹⁷

O *Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa*, de Gustavo Barrozo¹¹⁸ e Hildebrando Lima, de 1947, também encontrado na biblioteca do colégio traz os seguintes conceitos:

Homem: s.m. Animal racional, bípede e mamífero que ocupa o primeiro lugar na escala zoológica; ser humano, a humanidade; pessoa adulta do sexo masculino; (fam.). O marido ou amante; soldado, operário, indivíduo corajoso; (fem.): mulher [...] (Sociol.): indivíduo que vive em duas culturas em conflito, [...] ficando a margem das duas culturas; (pron.) alguém.

Mulher: s.f. pessoa do sexo feminino depois da puberdade; espôsa: [...] (pop.) do mundo, errada, perdida, pública, vadia; (v. Meretriz)

Feminino: adj. Que diz respeito ao sexo caracterizado pelo ovário nos animais e nas plantas; próprio de fêmea; designativo do gênero gramatical a que pertencem os seres fêmeos ou considerados como tais.

Masculino: adj. Que é do sexo dos animais machos, relativo a macho; (fig.) varonil, enérgico; (gram.) designativo das palavras ou nomes que pela terminação e concordância designam seres masculinos ou que como tais se consideram. ¹¹⁹

¹¹⁷ SÉQUIER, Jaime de *Diccionario práctico ilustrado luso-brasileiro*. Rio de Janeiro: Jornal do Commercio, 1913. p.568, 762, 482 e p.714

¹¹⁸ LIMA, Hildebrando de e BARROSO, Gustavo. *Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa*. Rio de Janeiro. S. Paulo e Bahia: Civilização Brasileira, 1947.

¹¹⁹ LIMA, Hildebrando de e BARROSO, Gustavo. *Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa*. Rio de Janeiro. S. Paulo e Bahia: Civilização Brasileira, 1947. p. 651, 836, 551 e p. 789

Tanto na década de 1910 como na de 1940, o conceito de *homem*, além de designar genericamente o gênero humano, podia ser associado à qualidades louváveis (coragem, energia moral, proteção) como nos mostra os dicionários. O termo *mulher*, por sua vez, aparece associado justamente à falta de qualidades (homem sem energia), podendo também designar pessoas pertencentes aos estratos sociais menos favorecidos.

O mesmo fato observado para o termo *homem* em relação ao termo *mulher*, verifica-se para *masculino* em relação a *feminino*. Ou seja, o primeiro associa-se a algumas qualidades (vigoroso, forte, heróico), sendo que o mesmo não ocorre com o segundo vocábulo.

Utilizando esta breve elucidação da semiótica, fica evidente que os termos que dizem respeito ao gênero *masculino*, ajudavam a reforçar, uma distinção assimétrica baseada nas diferenças sexuais. A significação dos vocábulos, numa sociedade onde a tradição escrita é a que prevalece, realçava o nível de preconceito, na medida em que associava apenas a condição masculina às virtudes.

Psicologia feminina:

Nos artigos da *Brotéria*, em geral, a mulher tinha sua figura associada a muitas virtudes. “mulheres moralmente fortes”¹²⁰, diria Elisete Passos, além disso e por esse motivo, as mesmas tenderiam a ser naturalmente mais dóceis, resignadas, sociáveis e, sobretudo, mais emotivas que os homens. Estes argumentos estão evidenciados em vários dos textos selecionados, como o que veremos abaixo:

A mulher representa na ordenação providencial da vida o elemento afectivo. Parece que Deus, ao formar a mulher, junto com a costela, levou o coração do homem [...] e quando a mulher pensa é o coração que fala, pensa com o coração. Esta sensibilidade da mulher é toda a sua realza. A modéstia feminina é uma das principais forças do seu apostolado social. Em muitos aspectos, difere da constituição somática e psíquica do homem [...] no tipo original feminino tem-se uma harmonia expressa na transcendente espiritualidade [...] é um instrumento divinizado a serviço do espírito [...] vôos de sacrifício exemplar, de dedicação sublime, de ternura e de amor que são poderíamos dizer, a espiritualizarão da força...da maior de todas as forças, a força divina da mulher.¹²¹

¹²⁰ PASSOS, Elisete Silva. *Mulheres moralmente fortes*, Salvador: IFB, 1933.

¹²¹ LEITE, Serafim. “A formação integral da mulher cristão” In: *Brotéria vol XIV*, 1932, p. 347-350

Quem ha aí, que não tenha observado a mãe e espôsa exempiares, a irmã carinhosa, a enfermeira infatigável nessas regiões do espiritual, no domínio de uma vontade apostada a servir [...] é a explosão incondicionais do amor sucinto.¹²²

A regra geral, a abstração não atrai a mulher, ela é mais capaz de elaborar idéias particulares que idéias gerais, a sua atenção cai mais naturalmente, sobre os pormenores que sobre as grandes linhas dos objetos: é mais intuitiva que discursiva [...] a vontade feminina é mais débil [...] a sua afetividade é muito mais aguda que a do homem.. as mulheres julgam pôr amor [...] quanto à sensibilidade, ela predomina na mulher em suas formas representativa, afetiva e apetitiva, pôr causa de sua especial constituição física e menor equilíbrio nervoso. A imaginação exerce um predomínio pronunciado.¹²³

Pelo conteúdo dos artigos, fica evidenciado que na visão dos católicos existia uma predisposição da mulher para o raciocínio curto e para “amar” o próximo de maneira incondicional. Piedosas por natureza, as mulheres seriam também responsáveis pela manutenção da atmosfera espiritual entre os homens, tendo em vista que o elemento feminino era representado envolto nessa auréola etérea.

Dessa maneira, o clero e seus simpatizantes, defendiam a tese de que, como no princípio das leis da Física, o que as mulheres perdiam em matéria, ganhavam em energia sutil.

Psicologia masculina:

Enérgico, mais inteligente, emocionalmente mais equilibrado e fisicamente mais forte, eis um resumo do caráter masculino entre os católicos. A superioridade psicológica e física masculina seria uma verdade incontestável, principalmente por se respaldar nas teses acadêmicas da época.

A pretensa superioridade viril garantiria aos varões a “*verdadeira autoridade moderada*”.¹²⁴ segundo a Igreja, não uma autoridade tirana, mas sublimada pela presença “sutil e digna” da mulher, à qual, antes de tudo, o homem devia respeito. Assim eram representados os aspectos psicológicos dos homens:

¹²² CALADO, B. Jorge. In: *Brotéria* vol. XXVIII, 1939, pp 156-161

¹²³ SANTOS, Gomes dos. “Coeducação II” In *Brotéria*, vol. XXX, 1940, pp 460-462

¹²⁴ HONORÉ, Luís. “O matrimônio cristão” In: *Brotéria* vol. VII, 1928, p. 112

Platão afirma ser o homem todo cabeça, isto é, cabeça sem coração. E então segue-se, quando o homem sente, é a cabeça que sente [...] sente com o pensamento [...] na verdade o homem é a cabeça.¹²⁵

O homem é egocentrista, isto é, tende a fazer tudo de si mesmo, do seu interesse, das suas alegrias e das suas ocupações o centro do mundo em que vive [...] o homem é mais resistente a esforços intelectuais prolongados e intensos [...] possuem uma vontade resistente [...] obedecem aos impulsos das determinações da vontade [...] o varão é mais cerebral, sendo mais enérgico que a mulher [...] ele indica toda a disposição para o esforço físico [...] o fundo intelectual eqüitativamente repartido entre o varão e a mulher está modificado no primeiro pelo impulso (função excretora genésica) e pela energia (função córtico-supra-renal ou viriliógena que predomina no homem). Os homens julgam por princípios [...] o espírito masculino é construtor.¹²⁶

Todos sabem o quanto é notória a fraqueza de resistência do homem forte, musculoso, robusto, à primeira contrariedade moral ou física que o perturbe [...] o homem é a matéria, o homem é o acto.¹²⁷

O homem seria o elemento “investido por Deus na posição de líder da sociedade”, devia manter perante o público uma postura mais rígida e mais racional que a mulher, tal postura não seria algo socialmente construído, mas um reflexo que estava de acordo com a sua tendência natural: lidar com os problemas.

Repetidamente encontrei nos artigos, discursos que reafirmavam ser preciso “*respeitar a desigualdade natural entre os sexos, mantendo-se sempre a mulher à subordinação exigida pela vontade de Deus.*”¹²⁸ para o bem da família e sobretudo da nação. Assim, a velha hierarquia entre os sexos, existente desde tempos remotos, continuava a persistir, só que travestida de cumprimento duma missão divina: ao sexo masculino o comando, princípio, agora ratificado pela ciência. Dessa forma, o homem deveria exercê-lo de maneira mais racional e comedida que outrora.

O casamento:

Entendido enquanto um dos pilares mais importantes da sociedade, o contrato matrimonial, nos artigos analisados, é visto como uma complementaridade quase que indispensável para homens e mulheres. O casamento, a priori, garantiria um dos pressupostos

¹²⁵ LEITE, 1932, p.348

¹²⁶ SANTOS, 1940, pp 458-461

¹²⁷ CALADO, 1939, pp 156-174

mais importantes do imaginário católico: a estimulação da função reprodutiva, a qual estava associada à própria essência do casamento. Tornar-se pai ou mãe ajudava a reforçar imagens bastante recorrentes entre as representações de gênero nas sociedades ocidentais: a da mulher-natureza¹²⁹ e a do homem-viril, afinal de contas a paternidade sempre foi vista como algo fundamental para demonstração da masculinidade.

O matrimônio teria ainda uma função controladora dos impulsos sexuais, isto é, funcionaria como um canal para a utilização “comedida” e “equilibrada” da energia genésica. Responsável pelo aparamento das arestas comportamentais indesejáveis dos dois sexos, o casamento seria também o laboratório-mor, no qual os companheiros seriam testados para o exercício dos papéis de gênero tidos como os mais indicados.

Segundo Elisete Passos, no final dos anos de 1920, uma das normas sociais mais presentes era a do casamento.¹³⁰ Para as mulheres, o mesmo seria o coroamento da iniciação feminina na senda de suas “obrigações sociais”. Para os homens, representaria o início de sua batalha enquanto provedor, tendo em vista que matrimônio, pelo menos para os casais sem problemas congênitos na área reprodutiva, significava prole, prova cabal da virilidade masculina e finalidade maior da existência das mulheres.

Uma vez pai de família, caberia ao homem nutrir e defender os que dele dependiam. Como já foi dito anteriormente, tinha-se a idéia de que o casamento funcionava como uma forma de controle social. Para os homens esta função revestia-se de um caráter especial, qual seja, a dissolução da amoralidade latente no elemento masculino. Vejamos o que diz alguns dos artigos sobre o matrimônio cristão ocidental:

Os três bens do casamento, segundo Sto. Agostinho e toda a tradição católica são:

1 - Proles - uma formosa coroa de filhos constitui o mais precioso diadema da mulher casada; 2 - Fidelidade - exclui-se a poligamia, o adultério, desejos e os pensamentos culposos do homem [...] a mulher deve obediência ao marido, mas este deve respeitar-lhe a dignidade, tratando-a não como serva, mas como companheira [...] se ele tem a supremacia do governo ela possui a supremacia do coração; 3 - Sacramento - a indissolubilidade preserva de muitas tentações a castidade conjugal, é necessária para a educação dos filhos. Onde é respeitada, está segura a prosperidade do Estado.¹³¹

¹²⁸ JOMBART, E. “Sobre o casamento” In: *Brotéria* vol. XII, 1931, pp. 235-234

¹²⁹ Termo utilizado para retratar as discussões em torno da questão da gravidez enquanto vetor de aproximação entre as mulheres e a natureza. COSTA, Rosely G. “De clonagens e paternidades: as encruzilhadas do gênero” In: BESSA, Karla Adriana M. (Org.) *Cadernos Pagu*, n.º11. Campinas: Ed. Unicamp, 1998, p 164.

¹³⁰ PASSOS, Elisete S. “Entre a autoridade e o afeto: Anfrisia Santiago e a educação feminina na Bahia” In: *Fazendo gênero na historiografia baiana*. Salvador: FFCH/UFBA, 2001 pp. 105-118.

¹³¹ JOMBART, op. Cit. p.230

A graça do sacramento refreia os instintos brutais da natureza, porque destrói os desregramentos e a corrupção do homem [...] santifica o exercício que verdadeiramente se pode chamar função vital, que é para o gênero humano o princípio da fecundidade [...] a responsabilidade é grande e a cruz não deixa de ser pesada. A mãe é a educadora por excelência, todo o seu ser, aptidões naturais e capacidade fisiológica e moral a predispõe para esta missão, a maternidade é uma honra sublime.¹³²

São obrigações das mulheres casadas: piedade com Deus, fidelidade absoluta, educação dos filhos [...] a mais forte responsabilidade do matrimônio é a preparação dos filhos para a vida terrena e para a geração divina [...] no lar o homem é o princípio da autoridade [...] Deus tirou a mulher da altura do coração do homem, para que o mesmo a olhasse como companheira e igual [...] é certo que as mulheres não desempenham o mesmo papel social que o homem [...] ainda que os rapazes pareçam levianos e se entretendam com raparigas levianas, todavia quando se trata de escolher esposa, são, com raras exceções, inflexivelmente exigentes.¹³³

Tanto ao homem como à mulher, a Igreja impunha a idéia de uma necessidade imperiosa do casamento, sendo que os atributos contraídos nesse ato eram muito mais pesados para o sexo feminino - educação da prole, afazeres domésticos, fidelidade absoluta, zelo espiritual da família, exemplo moral, entre outros.

Cabia ao sexo masculino apenas a providência dos víveres e a supervisão do comportamento dos filhos e da esposa, em resumo daqueles economicamente dependentes de sua esfera de ação. Esses ideais permearam o processo educativo no CAV, influenciando assim a formação de “homens”, mas os valores masculinos defendidos pelos leigos, nem sempre estavam de acordo com os do catolicismo e também influenciariam os alunos. A educação ministrada pelos jesuítas se notabilizou em todo o mundo pela sua organização, essa educação para a castidade e seus conflitos com os valores do mundo.

¹³² HONORÉ, Luís. “O matrimônio cristão” In: *Brotéria*, vol. VII, 1928, p.111-112

¹³³ LEITE, 1932, pp.346-349

3. OS PROFESSORES E OS ALUNOS

3.1 Os Professores

Desde a sua fundação até a década de 1930, a maior parte dos professores eram ligados à carreira religiosa, com exceção dos mestres de educação física, que preferencialmente eram homens ligados à carreira militar.¹³⁴ Esse quadro se manteve no início dos anos 40. Nesta década, a atividade física ainda era ministrada por um sargento, já as outras disciplinas, como matemática, história natural, podiam ser lecionadas por profissionais liberais.¹³⁵ Quase todas as referências escritas nas fontes consultadas convergem para o destaque das qualidades morais necessárias para integrar o corpo docente. Assim se referia um padre e professor com relação ao perfil mais recomendável para um educador de colégio jesuíta:

O professor deve devotar-se de alma e coração ao bem e ao aproveitamento dos alunos, edificando-os com os exemplos de sua vida religiosa, e encaminhando-os com dedicação e empenho para a virtude [...] o mestre cristão deve trazer muitas vezes à consideração a importância do seu cargo, as obrigações que lhe impõe o serviço de Deus, o cuidado dos alunos que lhe encomendaram, o bem do Estado e da cidade onde ensina [...] ensinando-os com o seu exemplo e doutrina¹³⁶

O ideal de virtuosismo, tão presente na seleção dos futuros membros da Companhia de Jesus¹³⁷, parecia se estender na escolha dos professores. As fontes escritas não fornecem dados acerca dos títulos acadêmicos do corpo docente, não revelam também se existia algum tipo de processo seletivo para se ingressar no corpo docente do CAV. Em entrevista concedida, o ex-professor da década de 1940, José Newton de Souza assim referiu-se às qualidades observadas pela direção do colégio em relação ao corpo docente:

Para ser professor do colégio não se levava em conta o prestígio social, por exemplo eu não era detentor disso; mas sim a vida pregressa da pessoa, o seu afinar com a filosofia específica do CAV, sem nenhuma feição ideológica. Procurava-se professores com liberdade crítica diante do fenômeno educativo. Eu tive vários colegas leigos, mas havia também os professores sacerdotes. Entre nós havia uma consciência de que era agradável, proveitoso e honroso ser professor do CAV, porque ele era considerado um educandário, capaz de formar pessoas humanas, integradas no contexto filosófico que a Companhia de

¹³⁴ MADUREIRA, op. cit. p.631

¹³⁵ Nos anuários dos anos de 1941 e de 1944, encontra-se uma lista com os nomes dos professores leigos do CAV, que faz referência também às suas profissões.

¹³⁶ BERNARDO, José "A dedicação dos professores e prefeitos" In: *Conferências pedagógicas*. 1940 p.121

¹³⁷ "O ideal de santidade era de muito maior importância do que a ciência ou os outros dons humanos" BANGERT, William V. *História da Companhia de Jesus*. São Paulo: Edições Loyola/Livraria Apostolado da Imprensa, 1985, p. 57

Jesus levava em conta, baseando-se no lema de Santo Inácio: *tudo para a maior glória de Deus*. Assim eu senti que como professor podia melhor cumprir este desiderato, no qual esforcei-me para que a meus alunos não fosse negado a proclamação da maior glória de Deus. Ali eu encontrei um clima propício para o desenvolvimento dos meus ideais, pois antes de ser professor eu frequentava a Congregação Mariana de Nossa Senhora da Assunção, fundada pelo pe. Mariano Pinho e destinada a receber professores liberais, era uma Congregação para formados, a Acadêmica¹³⁸

Além das qualidades morais elencadas anteriormente, o que pesava na hora da contratação dos professores era a sua afinidade com os ideais cristãos, dessa forma o aspecto doutrinário estaria assegurado, porque mesmo não sendo padres, os mestres deviam comungar com os ideais da doutrina católica.

Informações mais precisas sobre os educadores vieirenses, tais como salário, currículo, documentação exigida para ingresso e contratos de trabalho, não foram encontradas. Acerca do aspecto salarial o Sr. José Newton fez o seguinte comentário:

A remuneração do Vieira no meu tempo, não era objeto de inquietação, nem de demandas exageradas, era aceita como um patamar normal de pagamento pelo trabalho educativo. Não me consta que naquele tempo houvesse muitas lutas de natureza salarial, não era algo que nos preocupasse, até porque nenhum dos professores que conheci ensinava apenas lá... não era um colégio de dedicação exclusiva¹³⁹

Consegui identificar, através dos anuários que, além dos padres, entre os mestres existiam: médicos, engenheiros, cientistas sociais, advogados e mesmo leigos que seguiam a carreira religiosa na Companhia de Jesus. As fontes escritas, por outro lado, retratam uma forte preocupação quanto a seleção para os professores do CAV e membros da Companhia de Jesus: agremiar profissionais que demonstrassem bons exemplos morais. Assim, o corpo docente da instituição tinha um certo perfil, um brilho próprio, não tanto pelos seus títulos acadêmicos, mas pelas suas virtudes:

A impressão que eu tenho era de que os professores eram pessoas bem aceitas na sociedade, na qual integravam-se, digamos como exemplo de bons costumes cristãos... eram pessoas bem aceitas em diversos estabelecimentos de ensino da cidade¹⁴⁰

Alguns professores eram donos de uma produção intelectual bastante intensa e possuíam prestígio também no exterior. Nesse rol destaque os professores Thales de Azevedo, Luiz Gonzaga Cabral, e Camilo Torrend, estes dois últimos, inclusive, com vários artigos publicados¹⁴¹ na revista *Brotéria de fé, ciências e letras* e em outros periódicos portugueses ou mesmo de outros países da Europa.

¹³⁸ Sr. José Newton de Souza em entrevista concedida ao autor em 07/01/2004

¹³⁹ Idem.

¹⁴⁰ Idem

¹⁴¹ De autoria do padre Cabral: "Influência dos jesuítas", vol. 3, 1926; "A educação pelo trabalho em função de

Luiz Gonzaga Cabral (1866-1939), nascido na cidade do Porto em Portugal, faleceu em Salvador em janeiro de 1939, era um homem bastante erudito e eclético; orador dos mais hábeis, professor, pedagogo, filólogo, crítico de arte e de música, bacharel em Direito pela Universidade de Coimbra, filósofo e teólogo.¹⁴²

O Pe. Cabral foi o professor do CAV que mais se destacou perante a sociedade baiana, sendo um dos jesuítas mais requisitados para proferir sermões e palestras públicas em outras freguesias da cidade. Na verdade ele já havia deixado a Europa notabilizado por causa de seus escritos sobre o padre Vieira.¹⁴³ De acordo com José Eduardo Franco:

Partiu para o Brasil em janeiro de 1917, estabelecendo-se na Baía. Ensinou no Colégio Antonio Vieira. Filosofia. Apologética. Língua e Literatura portuguesas e Latinas. [...] que veio a ser considerado um dos melhores estabelecimentos de ensino de todo o continente americano [...] dedicou-se a Congregação Mariana dos Escolares Universitários da Baía, desenvolvendo uma importante actividade de formação religiosa e cultural entre os estudantes.¹⁴⁴

Os escritos de padre Cabral foram muitos, quase sempre voltados para o estudo de questões pedagógicas.¹⁴⁵ Na biblioteca do CAV, encontram-se duas dessas obras: *Inéditos e dispersos*, de 1922 e *Jesuítas no Brasil*, de 1925. Stela Almeida também destaca a importância da produção intelectual deste jesuíta, lembrando que a mesma foi intensa, abarcando desde atividades ligadas ao apostolado, passando pelas literárias e chegando às de cunho cultural mais amplo, sem perder de vista, porém, a meta de formar almas para o sacerdócio.¹⁴⁶

No CAV, ocupou papel de destaque no cotidiano da instituição: Diretor do colégio entre 1930-1933, participou da elaboração do novo projeto do Garcia, ocupando também papel central na vida da Congregação Mariana Acadêmica (fundou o pensionato acadêmico para estudantes das escolas superiores), sendo inclusive um dos padres mais solicitados para posar nos grupos fotográficos do acervo do colégio. Sua obra de maior repercussão internacional foi *Vieira pregador* (1897). Publicou na revista francesa *Études*, uma série de

uma idéia religiosa”, vol. 7, 1928 e “mens nostra”, vol 10, 1930. De autoria do padre Camilo Torrend: “a organização do trabalho intelectual”, vol. 1, 1925; “Qual o melhor método para se ensinar línguas vivas”, vol. 12, 1931. De autoria do padre Tavares: “A cidade da Bahia”, vol. , 1913

¹⁴² FRANCO, José Eduardo. *Brotar educação*. Lisboa: Roma Editorial, 2001.

¹⁴³ ALMEIDA, 2002, p. 189

¹⁴⁴ FRANCO, 2001. pp.400-401

¹⁴⁵ Franco enumera as seguintes obras de autoria deste jesuíta: *Vieira pregador: estudo filosófico da eloquência sagrada*, Porto, 1901; *Ao meu paiz: protesto justificativo a propósito da expulsão dos meus religiosos*, Madrid, 1910; *Como eu conspiro*, Valhadolid, 1911; *As lições do descobrimento da América para aproveitamento da psicologia nacional*, Salvador, 1917; *O amor na educação: a obra salesiana na Baía*, 1917, *Inéditos e dispersos*, Braga, 1922 (8 vol.); *Jesuítas no Brasil: século XVI*, São Paulo, 1925

¹⁴⁶ ALMEIDA, 2002, p. 189

artigos, bem como nos periódicos *Mensageiro do coração de Jesus* e *Nosso Colégio*¹⁴⁷. Padre Cabral circulava pelos estabelecimentos de ensino mantidos pela Companhia de Jesus: Bahia, Rio de Janeiro, S. Paulo e Recife. Nos diários do CAV, encontrei diversas notas que atestam o prestígio do padre Cabral junto a sociedade baiana:

Chegou do Recife o padre Cabral, cheio de merecimentos pelo muito que lá trabalhou [...] Foi visitar o Governador, o padre Cabral.¹⁴⁸

Pregou três sermões o padre Cabral, que agradou como sempre ao numeroso e selecto auditório.¹⁴⁹

Foi o colégio assistir a festa do dia da árvore, indo em dois bondes a mando do Director da Instrução Pública Dr. Anísio Spínola Teixeira, antigo aluno do C^{lgo}., que fez um belo discurso aos colegiais da cidade, repleto de patriotismo e religião [...] no largo da cathedral, todos ouviram às celebridades [...] o Dr Calmon felicitou o padre Cabral pela bela educação dada ao Dr. Anísio.¹⁵⁰

O R.P. Reitor foi com o padre Cabral ao cinema S. Jerônimo a convite do Sr. Governador [...] lá esteve também o arcebispo e alguns poucos convidados.¹⁵¹

Este professor do CAV freqüentava as altas rodas da sociedade baiana, ocupando um espaço que talvez poucos intelectuais da época tivessem acesso. Em terras baianas era o orador oficial das associações portuguesas¹⁵², um ícone no campo da retórica, devido as suas qualidades de exímio orador e um representante empolgado da tradição e cultura lusitanas.

Deixarei por aqui esta breve biografia do padre Luiz Cabral, sob pena de alongar-me por demais nas considerações acerca do mesmo, pois sua produção intelectual é bastante densa, merecendo talvez um texto específico. O acervo do colégio conta com um diário pessoal manuscrito que está disponibilizado na biblioteca da comunidade jesuítica do CAV.

O maior destaque do corpo docente na área das Ciências Naturais do CAV, foi o padre Camilo Torrend (1875-1961): filósofo, teólogo e botânico, nascido em Saint Privat d'Allier, França. Chegou ao Brasil em 1914 com trinta e nove anos e dedicou-se tanto à atividade apostólica como à produção científica até a sua morte, na cidade de Salvador em outubro de 1961.

Sua atividade científica mais intensa ocorreu no quadriênio de 1914-1918, no qual percorreu vários estados brasileiros (Minas Gerais, Ceará, São Paulo, Espírito Santo e Rio de

¹⁴⁷ GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA, Lisboa: s/ editora, 1990, pp. 307-308

¹⁴⁸ DIÁRIO DO CAV vol 1, 1924 p. 262

¹⁴⁹ Idem. p. 262

¹⁵⁰ Idem. p. 264

¹⁵¹ Idem. 1925. p. 264

¹⁵² FRANCO, 2001, p. 401

Janeiro) e alguns municípios baianos (Vitória da Conquista, Juazeiro, Ilhéus, Itabuna e Jequiçá), estudando várias espécies da flora nativa. No ano de 1917, desenvolveu no Sul da Bahia, intensa pesquisa no combate às pragas do cacauzeiro, o que lhe rendeu a publicação de um pequeno livro financiado pelo governo baiano, bem como vários artigos na *Brotéria*.¹⁵³

Entre 1918 a 1928 dedicou-se às pesquisas científicas associada à vida apostólica, foi neste período que o naturalista jesuíta encontrou-se com o Padre Cícero de Juazeiro do Norte. Este simpatizou com aquele e por esse motivo, vários romeiros passaram a presentear e a ouvir as pregações de Torrend; ele estranhava o misticismo dos sertanejos e do próprio Cícero, mas procurou contornar as situações mais embaraçosas. Foi nesse ínterim que o padre Torrend escreveu uma série de artigos sobre a flora e os minérios do sertão nordestino que foram publicados na *Brotéria* em 1920. Daí em diante, dedicou-se mais ao apostolado dedicando-se com afincamento à organização de retiros espirituais com os jovens católicos e na revitalização das Congregações Marianas em vários estados nordestinos. A habilidade do padre Torrend enquanto pedagogo foi muito importante na vida do CAV, sobretudo por ser o mesmo um entusiasta dos esportes. Desde 1900,

O Pe. Torrend procurou educar pela educação física, jogos e ginástica [...] a posição de prefeito dos maiores [do colégio São Fiel, em Portugal] era delicada, pois o mau espírito entre os rapazes da 1ª divisão era notório [...] o isolamento quase o ano inteiro e a facilidade de se formar grupos nos recreios, sem jogos, nem ocupação útil, fazia que o assunto ordinário fosse a crítica aos superiores ou os assuntos sexuais [...] para atalhar estes inconvenientes, o padre Camilo teve um cuidado especial em animar os jogos da bandeira e do futebol e todos os dias obrigava-os a exercícios de alpinismo [...] não se poupava também de demonstrar amizade e dedicação, além de uma vigilância contínua, mas paternal. [...] o Pe. Reitor, em 15 anos, jamais conhecera uma divisão de maiores tão bem comportada.¹⁵⁴

Essa estratégia de aliar esportes à atividade educativa seria largamente utilizada no CAV e encontrou no padre Camilo Torrend um habilidoso educador que procurava aliar no seu ofício o esporte, os conhecimentos acerca da nutrição e as técnicas psicológicas, com o intuito de tornar mais viva e menos enfadonha a austera vida cotidiana dos colégios confessionais por que passou. O seu prestígio e notoriedade na comunidade vieirense podem ser atestados pelas diversas fontes: era um dos professores mais evidentes nos registros fotográficos, muitas anotações nos Diários sobre seu apostolado, vários artigos publicados na revista *Brotéria*.

¹⁵³ TORREND, C. *Alguns dados biográficos*. Salvador, 1948, pp. 29-30

¹⁵⁴ TORREND, 1948, pp. 10-11

Alguns outros educadores do CAV certamente mereceriam ter suas vidas profissionais destacadas, mas o presente estudo não se propõe a esta tarefa. De qualquer maneira segue abaixo, uma tabela com os nomes de alguns professores da instituição que atuaram no período estudado e que tiveram seus nomes registrados nas fontes pesquisadas:

(Tabela 8)

PROFESSORES	FORMAÇÃO	DÉCADA DE ATUAÇÃO
Agenor R. de Almeida	Médico	20 e 30
Antonio Bulcão Sobrinho	Sem referência	20
Antonio de Brito Cunha	Sargento	30
Antonio de Araújo Silva	Matemático	30
Antonio C. de Azevedo	Sem referência	30
Antonio Maria Simas	Padre	10 e 20
Antonio Rodrigues Farias	Padre	20
Aristides Gomes	Médico	40
Armando Costa	Médico	20 e 30
Augusto Chaves Batista	Médico	40
Aurélio Laborda	Maestro	30
Camilo Torrend	Padre	10, 20, 30 e 40
Constantino Cardoso	Padre	20 e 30
Everaldo C. de Almeida	Sargento	30 e 40
Felipe Nery do E. Santo	Cientista Social	30
Floriano Mendonça	Sem referência	40
Francisco Alves Fonseca	Sem referência	40
Francisco Bragança Tavares	Padre	20
Francisco Freire	Padre	20 e 30
Gervásio Laborda	Maestro	30
Gilberto G. Cerqueira Lima	Dentista	30
Joaquim Lima	Engenheiro	30
João Miranda	Padre	10, 20 e 30
José Bernardes	Padre	20 e 30
José da Silva Pereira	Leigo	10 e 20

José Ilhão	Leigo	10 e 20
José Lopes	Leigo	10 e 20
José Pequito	Padre	20 e 30
José Ramos	Maestro	30
José Newton de Souza	Cientista Social	40
Joseph Folquier	Padre	10 e 20
Josias Coelho Jr.	Matemático	20 e 30
Júlio do Rosário	Padre	10, 20 e 30
Luiz Gonzaga Baecher	Padre	20 e 30
Luiz Gonzaga Cabral	Padre	10, 20 e 30
Luiz Gonzaga Mariz	Padre	20, 30 e 40
Luis Rodrigues de Almeida	Advogado	30
Manoel dos Santos	Padre	20
Manoel Ito Rocha	Advogado	30
Manoel Rebimbas	Padre	10 e 20
Mário Menezes	Advogado	30
Maurício Raynal	Sem referência	20 e 30
Oscar Caetano da Silva	Engenheiro Civil	40
Pecantet	Padre	10 e 20
Pedro Garnier	Padre	10, 20 e 30
Pedro T. de Albuquerque	Engenheiro	30
Raul da Costa Sà	Médico	40
Ricardo Vieira Pereira	Cientista Social	30 e 40
Thales de Azevedo	Cientista Social	20 e 30
Ulisses Galvão de Almeida	Matemático	30 e 40
Walmir Maia R. Lima	Sem referência	40
Zacarias Tavares	Padre	10, 20 e 30

Fonte: ALMEIDA. 2002. p. 128; Diários do CAV vol 1. 2 e 3: Anuários do CAV de 1925, 1932, 1935, 1936, 1939 e 1941.

Ficou constatado na pesquisa que o corpo docente do CAV atuante entre as décadas de 1910 a 1940, era constituído em sua maioria por pessoas com formação em nível superior e preponderantemente de padres jesuítas, o que demonstra a preocupação com a formação humanista dos alunos. Os mestres que aparecem na tabela com a denominação de Leigo, eram

os Irmãos da Companhia de Jesus, ou seja, *Coadjuutores Espirituais, que não se destinavam a receber as Ordens. cujo ofício é cuidar das necessidades temporais da Companhia*.¹⁵⁵ O quadro de professores tinha um acompanhamento pedagógico muito intenso. As reuniões com o Padre Diretor, eram quinzenais e nelas se trocavam idéias, impressões sobre o andamento geral dos cursos, além de se discutir o aproveitamento, a aplicação dos alunos¹⁵⁶ e outros assuntos importantes da instituição.¹⁵⁷ Essa preocupação pedagógica pode ser traduzida pela realização de duas Jornadas Pedagógicas organizadas pelo CAV juntamente com o colégio de Recife, nos anos de 1921 e 1940, que tinham como principais metas rever a metodologia aplicada nos colégios, refletir sobre o papel da direção e também discutir as dificuldades enfrentadas por estas instituições de ensino frente às propostas do ensino oficial.

2.2 Os Alunos

Ser aluno do CAV, no período estudado, era algo prestigioso e para isto se concretizar, o colégio exigia dos educando algumas condições tanto para matricular-se na instituição, como para nela permanecerem:

A educação religiosa ocupa o primeiro lugar no CAV [...] o ensinamento da Religião é dado em curso especial orgânico que vai desde os primeiros rudimentos da Doutrina Cristã até a Apologética Científica da Fé [...] as aulas são obrigatórias para todos os alunos [...] terá provas, sabatinas e exames como as matérias do programa oficial [...] se um aluno perder em religião deverá submeter-se ao respectivo exame de segunda época e só poderá continuar no CAV se for aprovado. A assistência à missa quotidiana é obrigatória para todos os alunos internos. Para os externos e semi-externos, todos devem assistir à missa colegial nos dias marcados pela Diretoria. A assistência à missa é condição indispensável para a matrícula e permanência de um aluno.¹⁵⁸

A documentação e outras condições exigidas para ingresso na instituição eram os seguintes: Certidão de Batismo, bom comportamento e aptidão para os estudos, atestados de vacinação e parecer médico confirmando que o aluno não padecia de nenhuma doença infecto

¹⁵⁵ BANGERT, 1985, p. 57

¹⁵⁶ MEYER, Leão "Educação intelectual" In: *Conferências pedagógicas*. Salvador: Typographia Brasil, 1921, p. 123

¹⁵⁷ Nos Diários do CAV, são vários os registros sobre reuniões da direção com os professores, que muitas vezes aconteciam no quarto do Diretor, denotando assim a proximidade entre o corpo docente e o diretivo.

¹⁵⁸ REGULAMENTO DO CAV, 1928, p. 5

contagiosa, ser alfabetizado e dominar os rudimentos de matemática, ter idade mínima de oito anos e concordar com a disciplina e a alimentação oferecidas pelo colégio.¹⁵⁹

Quem eram os alunos do CAV? Onde residiam os mesmos? Pelo que foi possível observar nas fontes, existiam três tipos de alunos nos cursos regulares: os internos eram, em sua maior parte oriundos do interior da Bahia, principalmente da atual Região Metropolitana de Salvador, do Sul cacaueiro e do Recôncavo. Uma parte significativa deles provinha das áreas rurais de outros estados brasileiros.

**Origem dos alunos internos do CAV
quanto às micro-regiões da Bahia**

(Tabela 9)

REGIÕES	DÉCADA DE 1910		DÉCADA DE 1920		DÉCADA DE 1930		DÉCADA DE 1940	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Metropolitana de Salvador*	24	17	113	27	97	21	66	20
Recôncavo	37	25	77	18	68	15	54	14
Nordeste da Bahia	9	6	8	2	18	4	28	8
Sul cacaueiro	25	18	65	15	93	21	79	24
Chapada Diamantina	4	3	29	7	30	7	16	5
São Francisco	4	3	17	3	13	3	8	2
Centro-Oeste	5	4	12	3	41	9	29	9
Não Identificados	5	4	6	3	13	3	26	10
Outros estados	29	20	96	23	78	17	35	10
Total	142	100	423	100	451	100	341	100

¹⁵⁹ *ESTATUTOS DO CAV*, 1931, p. 1

* Vale salientar que o uso do termo Região Metropolitana de Salvador serve aqui apenas para efeitos didáticos uma vez que tal organização espacial foi, de fato, iniciada na década de 50 com a criação da Região Metropolitana de Salvador - RMS, englobando os municípios de Candeias, Lauro de Freitas e Simões Filho. Além destes municípios, fazem parte atualmente da RMS: Camaçari, Dias D'Ávila, Itaparica, Vera Cruz, São Francisco do Conde e Madre de Deus. Neste texto, todos os alunos com endereços nos referidos municípios foram considerados da RMS.

Como se pode observar o Recôncavo era, na década de 1910, a região que mais enviava alunos internos para o CAV, sendo a maior parte destes proveniente dos municípios de Sto Amaro da Purificação, São Félix, Nazaré das Farinhas e Sto Antonio de Jesus, respectivamente. Essa clientela geralmente era filha de fazendeiros e usineiros da região, ou seja, alunos que tinham uma formação familiar marcada pelo patriarcalismo originário dos antigos engenhos de cana-de-açúcar.

Como veremos mais adiante, o modelo de masculinidade construído pela educação doméstica destes alunos, entraria em choque com aquele proposto pelos educadores do CAV. Outros estados da federação, sobretudo Sergipe, Alagoas e Norte de Minas Gerais, aparecem como o segundo maior pólo de alunos internos do CAV, sendo os mesmos também filhos de fazendeiros e usineiros destes estados, o que indica um perfil de modelo masculino parecido com aquele trazido pelo educandos do Recôncavo.

Na década de 1920, os alunos da Região Metropolitana de Salvador tornaram-se majoritários, sendo estes em sua maioria filhos de comerciantes e fazendeiros de algumas áreas mais ou menos próximas de Salvador como Candeias, e de algumas regiões tradicionalmente dedicadas às atividades comerciais como a freguesia do Santo Antonio, aliada a estas aparece a ascendente freguesia da Vitória.

Os alunos de outras federações brasileiras aparecem em segundo lugar, eram estes provenientes dos mesmos locais e das mesmas categorias econômicas descritas no tópico anterior. Como vimos no capítulo primeiro, o modelo de masculinidade predominante na Bahia dos anos 20 era aquele típico da sociedade brasileira patriarcal, assim a maior parte dos educandos do internato vieirense, conviviam com esse modelo fora do colégio, mas diferentemente dos da década de 1910, estes alunos tinham um contato maior com a ação doutrinária da Igreja Católica, tendo em vista que a atuação da mesma se dava de maneira mais efetiva nas maiores cidades dos estados que nas áreas do interior.¹⁶⁰ De qualquer modo o modelo masculino profano muito influenciava a formação familiar dos alunos.

No que tange à matrícula dos alunos internos nos anos de 1930, o Sul do estado passou a dividir a liderança com a Região Metropolitana de Salvador, esses jovens, em sua maior parte, eram filhos de produtores de cacau e, residiam nos municípios de Ilhéus, Itabuna e Canavieiras. Portanto esses alunos também tinham recebido uma educação doméstica calcada nos valores da masculinidade hegemônica, típica das áreas rurais baianas da época.

¹⁶⁰ SCHWARTZMAN, Simon “A política da Igreja e a educação: o sentido de um pacto” In: *Religião e*

Na década de 1940, a liderança da área cacauêira continua, uma das possíveis causas para essa hegemonia no número de matrícula, pode ter sido certa retração das exportações de cacau para Europa e Estados Unidos da América, durante parte do período da Segunda Guerra Mundial.¹⁶¹ Isso não permitiu mais que os coronéis do cacau não mais enviassem seus filhos para estudarem fora do país.

As famílias mais ricas enviavam inicialmente os seus filhos homens para as metrópoles, inclusive, internacionais [anos 30], em seguida as filhas e as esposas [anos 40] e, por fim, o próprio coronel saía da região cacauêira [anos 50].¹⁶² Em decorrência do conturbado cenário mundial a opção de estudar fora do país ficou mais difícil. Uma das opções mais seguras era proporcionar aos filhos uma educação confessional, e o CAV, sendo um dos maiores e mais bem conceituados estabelecimentos de educação religiosa do país, seria uma boa opção. Os jesuítas fizeram a escolha de educar a elite econômica desde o início das suas atividades pedagógicas, no século XV, e isso não foi diferente no território baiano, assim o CAV nasceu com uma proposta: educar os filhos das melhores famílias baianas.

A variação mais significativa em termos de origem geográfica dos alunos internos ocorreu no contingente relativo a outros estados. Na década de 1920, o mesmo chegou a representar vinte e três por cento do total de internos e nos anos de 1940 representava apenas dez pontos percentuais; mas o perfil sócio-econômico continuou a ser de filhos de fazendeiros e comerciantes. Na verdade, esse perfil, ao longo das quatro décadas estudadas, sofreu pequenas variações e prevaleceu sempre um contingente majoritário de filhos de fazendeiros e comerciantes de diversas cidades baianas. O Dr. Edivaldo Boaventura, nascido em Feira de Santana, ex-aluno interno entre 1946-1953, assim se referiu aos seus colegas:

Era muito prestigioso ser aluno do CAV... Quando fui Secretário pela primeira vez com o Dr. Luís Vianna Filho, cinco Secretários tinham sido alunos do Vieira, só para você ver como era isso, eu fui colega de turma de Ângelo Calmon de Sá e de outras pessoas importantes. Agora é bom que fique bem claro que os colegas da chamada alta burguesia estavam lá, mas tinham também alunos pobres que tinham sistema de bolsa que o colégio admitia... esses também freqüentavam o colégio, mas não muito quanto os alunos pagantes...a grande população do colégio era do interior¹⁶³

Desde a década de 1920, o CAV mantinha uma relação com a comunidade carente baseada no trabalho filantrópico, por exemplo, a distribuição de lanches e presentes para crianças pobres do Garcia, bem como aulas de catecismo e patrocínio de festas em louvor de

sociedade. FGV: Rio de Janeiro, 1986, p. 111

161 Idem

162 MAGALHÃES, Joana Fialho. *A relação entre as políticas de cultura e de turismo na cidade de Ilhéus Salvador*. EDUFBA/Projeto Experimental em Comunicação, 2003.

alguns santos católicos com participação de comunidades carentes. Vários são os registros encontrados nos *Diários* e em outras fontes que ratificam essa filosofia da instituição:

Além dos cursos propriamente ditos, mantém o colégio Antonio Vieira algumas aulas gratuitas de primeiras letras e ensino do catecismo para as crianças pobres, aulas regidas por congregados ex-alunos e acadêmicos, que espontaneamente se oferecem para esse caridoso magistério, sob a direção dos padres da Companhia. No ano de 1921, somente em reduções concedidas, faltas de pagamento, cursos e escolas gratuitas, o Colégio Antonio Vieira apresentou o somatório 65:000\$000.³¹

A relação com a comunidade carente do entorno do bairro do Garcia continuou na década de 1940, como afirmou Boaventura:

O Vieira não tinha nenhum curso regular gratuito. À noite funcionava uma escola primária gratuita que, salvo engano, tinha um convênio com a Secretaria de Educação. Isso era para o pessoal do bairro, mas eles não eram considerados alunos do Vieira e sim dessa escola que lá funcionava.¹⁶⁴

A educação jesuítica estimulava entre os alunos e Congregados Acadêmicos a prestação de serviços para o engrandecimento da ação social dos católicos, além dessa escola noturna, os padres afirmavam que um verdadeiro homem cristão devia saber enfrentar a realidade da vida tal como ela é, inclusive com o reconhecimento e a prestação de ajuda aos menos favorecidos economicamente.

Apesar desse trabalho específico, voltado para os setores menos favorecidos economicamente, os negros não podiam ingressar nos cursos regulares do colégio. É o que informa Stela Almeida, citando os escritos do Diário do CAV: “os alunos já chegam a 330, os pretos cá da cidade estão descontentes por nós não querermos cá gente de cor.”¹⁶⁵ Nas raras fotos referentes aos anos de 1910 e nas coleções de fotografias dos anos de 1920/30, identifiquei alguns poucos afro-descendentes, sendo que para os anos de 1940, esse contingente parece ter aumentado um pouco. Assim pode-se dizer que o modelo de masculinidade construído no CAV atingiu pouco os alunos negros, pois era reduzido o número destes na chamada elite econômica baiana, os quais representavam por um lado, a maioria da população local e por outro uma minoria economicamente privilegiada.

¹⁶³ Edivaldo Boaventura em entrevista concedida ao autor em 12/01/2004

³¹ MADUREIRA, op. cit., p. 626-662

¹⁶⁴ Edivaldo Boaventura em entrevista concedida ao autor em 12/01/2004

Estudar a construção da masculinidade em um colégio confessional requer um apuramento dos detalhes do cotidiano dos jovens na instituição: assim procurei investigar se no CAV existia alguma espécie de ritual de boas-vindas, se os alunos mais velhos preparavam trotes para os novatos e constatei que as opiniões em relação a esses fatos não foram uníssonas. Assim se referiu Edivaldo Boaventura:

Nós éramos admitidos com dez, onze anos de idade e éramos bem recebidos, mas não me lembro de nenhuma manifestação, de nenhum trote, nem dos bons, pelo menos nas séries iniciais.¹⁶⁶

O Sr. José Newton de Souza, assim se expressou sobre este assunto:

Se houve teriam sido trotes assimiláveis, eu não diria que fossem rituais de passagem, mas uma prática um hábito para receber o calouro, que logo era integrado na comunidade. Não me consta de ter havido nenhum excesso, o fato de eu ser professor e morar fora, fez com que minha memória não registrasse qualquer apreciação que pudesse ser dita neste momento.¹⁶⁷

Se na década de 1940, segundo os entrevistados, não existia nenhuma manifestação de trote, muito dificilmente as mesmas ocorreram nas décadas anteriores, tendo em vista a austeridade e o rigor disciplinar mais presente nos decênios anteriores de funcionamento do CAV.

Vimos no capítulo primeiro que o meio leigo baiano alimentava representações do gênero masculino bastante influenciadas pelo patriarcalismo, destacava-se entre outras, a preocupação em iniciar cedo os rapazes nas relações heterossexuais, ou seja estimulava-se desde cedo o contato íntimo com o sexo oposto.

A educação ministrada no CAV, pelo contrário pregava, o quanto possível, a castidade, inclusive de pensamentos impuros, vejamos qual a impressão do Dr. Boaventura em relação à educação sexual ministrada no CAV:

A promiscuidade naquela época nem se cogitava, a sociedade ainda era muito fechada. Agora com a masturbação sim, existia uma preocupação, mas isso era feito de uma maneira muito reservada, não era aberto não. O aconselhamento para não se ter relações sexuais com mulheres, isso sim, era feito em explanações. O colégio não era misto, só tinha meninos, era um colégio masculino. Essa preocupação sobre as conseqüências dos atos sexuais, de pegar doenças, de ter relações sexuais, disso sim eu me lembro. Havia toda uma preocupação com a formação sexual, por exemplo, que não se cometessem excessos... em geral, para se evitar as relações com o outro sexo.¹⁶⁸

¹⁶⁵ ALMEIDA, 1999 Apud *Diário do CAV*, 1914, p. 13

¹⁶⁶ Edivaldo Boaventura em entrevista concedida ao autor em 12/01/2004

¹⁶⁷ José Newton de Souza em entrevista concedida ao autor em 07/01/2004

¹⁶⁸ Edivaldo Boaventura em entrevista concedida ao autor em 12/01/2004

Ainda tratando sobre o tema educação sexual ministrada no CAV, o prof. José Newton de Souza afirmou:

Quando ali lecionei, jamais presenciei diálogos freqüentes em que tal matéria [educação sexual] pudesse vir à tona. Sei que nos retiros fechados e abertos a matéria era tratada, sobretudo por causa do sexto e nono mandamento bíblico, nisso jamais eles foram omissos, era uma obrigação explicar a matéria, creio que nas aulas de Religião a matéria era devidamente tratada... possivelmente também nas aulas de Biologia [...] essas questões geralmente eram de confessionário e não vinham assim à tona através de diálogos espontâneos.¹⁶⁹

Todavia o esmero dos educadores do CAV em promover a castidade entre os alunos e o fato de tratarem da esfera sexual no âmbito confessional não surtia o efeito esperado e tais orientações eram recebidas pelos alunos com resistência, o que se refletia na esfera da vida pessoal de alguns, que não seguiam as orientações de abstinência sexual e preferiam seguir os códigos e valores que configuravam os padrões de masculinidade leiga da época:

Mas os meninos não prestavam muita atenção a isso não, quando saíam iam para as Casas, etc. e tal, isso se comentava muito entre a gente, sabe? Essas coisinhas. Eu me lembro de alguns alunos que foram a uma Casa dessas e ficaram presos ... mas eles voltaram para o colégio, foram repreendidos, mas não foram expulsos não. Na verdade foram alunos da Divisão dos Maiores, nessa época eu era dos Médios, numa das saídas da quinta-feira à tarde, eles saíram para esta dita Casa e acabaram sendo presos. Não sei que diabo fizeram por lá, deve ter sido coisa de rapaz mesmo, aprontaram alguma. Eu só sei que chegou a notícia lá no colégio que eles estavam presos. Quando chegaram, já de noite, houve repreensão, mas eles não foram expulsos.¹⁷⁰

Um fato interessante no caso descrito foi a maneira comedida como os educadores do CAV lidaram com os alunos envolvidos na peripécia, o que demonstra a influência das representações de gênero na sociedade, ou seja, o fato de jovens de família serem freqüentadores de prostíbulos não inferia em algo que merecesse punição mais severa, pois isso fazia parte dos padrões masculinos da época. Muito provavelmente se o caso envolvesse homossexualidade, o evento não se desenrolasse de maneira tão tranqüila. Perguntado sobre questões de homossexualismo entre os alunos o Dr. Boaventura assim se pronunciou:

Não me lembro de nenhum aluno ser flagrado. Agora falava-se que fulano de tal era homossexual, isso se comentava, mas era uma coisa muito velada. Eu não me lembro de nenhuma transgressão sexual que pudesse ser relatada, assim uma coisa muito grave. Agora veladamente se comentava.¹⁷¹

¹⁶⁹ José Newton de Souza em entrevista concedida ao autor em 07/01/2004

¹⁷⁰ Edivaldo Boaventura em entrevista concedida ao autor em 12/01/2004

¹⁷¹ Idem

No capítulo seguinte retomarei a discussão sobre a sexualidade, de qualquer jeito seguirei aqui tentando elucidar de outras posturas referente ao gênero masculino que faziam parte dos colégios. É importante salientar que a masculinidade possui códigos que variam ao longo dos anos, embora ocorrendo de maneira lenta, essas mudanças retratam valores que são compartilhados entre as pessoas de determinado grupo de uma dada geração naturalmente. Um desses códigos é a questão do consumo de bebida alcoólica e fumo entre os alunos:

Não observei nenhuma ostentação de alunos quanto ao fumo, devo dizer, entretanto, que nos almoços era oferecida a cervejinha que o irmão Franco preparava, nada comercial, não passava de um experimento, era mais um refrigerante de boa qualidade para o complemento das refeições.¹⁷²

A opinião do Dr. Edivaldo Boaventura, difere um pouco da opinião do prof. José Newton de Souza quanto ao uso do fumo pelos alunos:

Alguns alunos fumavam... no recreio se fumava. Eu mesmo tentei fumar várias vezes, mas não consegui. Não se fazia isso dentro da sala de aula, mas se fumava, era um hábito da época, depois do 14, 15 anos se usava até carteira no bolso, fumavam mesmo.

Bebia-se muito pouco, a juventude daquela época quase nunca via bebida. Tinha uma cerveja feita lá pelo próprio colégio, que era servida quando se tinha festa ou num almoço... acho que era feita no próprio colégio. Não havia ainda naquela época tanta ênfase em se condenar a bebida, pois não se bebia muito. No colégio a bebida era condenada como vício, era uma vez ou outra que se tomava uma cerveja. Na Bahia daquele tempo, se tinha a gasosa de limão da Fratelli Vita, depois é que chegou a Coca-Cola.¹⁷³

Os alunos do CAV recebiam também toda uma formação voltada para o comportamento nas convenções sociais: almoços, encontros com senhoras, reuniões familiares e outros eventos.

Era estimulado que os alunos tivessem boas maneiras onde chegassem, que andassem limpos, mas como o banho é uma virtude brasileira, tomava-se banho de tarde, depois do futebol, essa cultura é muito do Brasil. De manhã tinha banho, logo quando a gente descia, lá pelas cinco horas da manhã, à noite e à tarde também. Quem jogava ou quem não jogava subia para tomar banho. Um menino educado não devia interromper as pessoas, o colégio primava muito pela educação moral e cívica, pela civilidade, né? O padre Mariz, por exemplo, tinha um livro sobre Civilidade ou Código de boas maneiras; não cuspir, não falar nomes feios na frente de mulheres e senhoras, o colégio cultivava, não exageradamente, mas cultivava as boas maneiras.¹⁷⁴

No capítulo seguinte farei uma discussão mais detalhada sobre a transmissão dos valores e a educação dos corpos dos alunos. Nesse sentido foi de muita valia o Código de boas maneiras citado¹⁷⁵ nesta passagem pelo Dr. Edivaldo Boaventura, do qual encontrei três

¹⁷² José Newton de Souza em entrevista concedida ao autor em 07/01/2004

¹⁷³ Edivaldo Boaventura em entrevista concedida ao autor em 12/01/2004

¹⁷⁴ Idem

¹⁷⁵ COSTA, Antonio Macedo *Compêndio de civilidade cristã*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1928

exemplares na biblioteca do colégio. Na própria *Conferência de 1921*, houve discussões sobre a importância do ensino prático e teórico da civilidade cristã entre os alunos. Essa formação moral cristã dos alunos vieirenses entre as décadas de 1910 e 1940, baseava-se nos ideais de piedade, mas, sobretudo no espírito de emulação:

Tenho a convicção de que os jovens que ali estudaram e depois militaram na Medicina, no Direito, na Engenharia, guardam do colégio a melhor das impressões [...] quem dali foi aluno, sempre demonstrou no proceder sua competência, pois ali receberam uma formação que os plasmou para a vida profissional e sem dúvida nenhuma para a liderança [...] quem por ali passou na condição de professor ou aluno, guarda uma agradável e profunda lembrança de lá ser um educandário, uma casa de formação que oferecia ao corpo discente condições para exercer depois uma cidadania plena.¹⁷⁶

A contribuição do CAV para a sociedade baiana foi muito grande, nós sempre ouviamos: *Vocês estudam e trabalham para que amanhã estejam dirigindo esta sociedade!* Isso eu ouvi muito lá no Vieira, escutei muito esta frase. E de fato a quantidade de ex-alunos do CAV que ocupam postos de liderança é muito grande: no conhecimento, na política... não que o colégio firmasse uma educação política, mas existia uma crença na educação que poderíamos chamar de liberal, não no sentido estrito da palavra, mas sim no sentido de se ter uma posição de mando, de liderança na sociedade, isso foi muito claro e foi muito forte. Uma frase que sempre ouço entre vários colegas que eu reencontrei na Universidade depois era: *Ah, ele foi aluno do Vieira, foi meu colega do tempo do Vieira.* Isso me marcou muito.¹⁷⁷

Através destes depoimentos, evidenciou-se que um dos objetivos formativos do CAV: a formação de líderes foi algo realmente marcante na sociedade baiana, o colégio conseguiu imprimir nos educandos determinados *habitus* de classe que entre outras coisas se reverteu em fundar uma tradição vieirense, ou seja, é muito grande o número de ex-alunos que matricularam seus filhos e até mesmo os seus netos nesta instituição de ensino, como fizeram questão de frisar os entrevistados.¹⁷⁸ Os alunos internos, como já disse, eram das classes mais abastadas e aqueles que tiveram destaque na sociedade baiana estudaram como alunos internos.

Para se ter uma idéia do poder aquisitivo das famílias que matriculavam seus filhos no internato vieirense, basta fazermos um breve comparativo de preços: no ano de 1931, a mensalidade mais elevada (das séries finais do internato, ou seja, 3,^a 4^a e 5^a) custava 300\$000. Essa mensalidade era cobrada por trimestre, assim no ato da matrícula das séries citadas, os responsáveis tinham que desembolsar um total de 900\$ 000, que eram pagos nos meses de

¹⁷⁶ José Newton de Souza em entrevista concedida ao autor em 07/01/2004

¹⁷⁷ Edivaldo Boaventura em entrevista concedida ao autor em 12/01/2004

¹⁷⁸ Os dois entrevistados possuíram filhos que se educaram no CAV, nos anuários é muito grande a quantidade de ex-alunos alunos que também seguiam esta tradição.

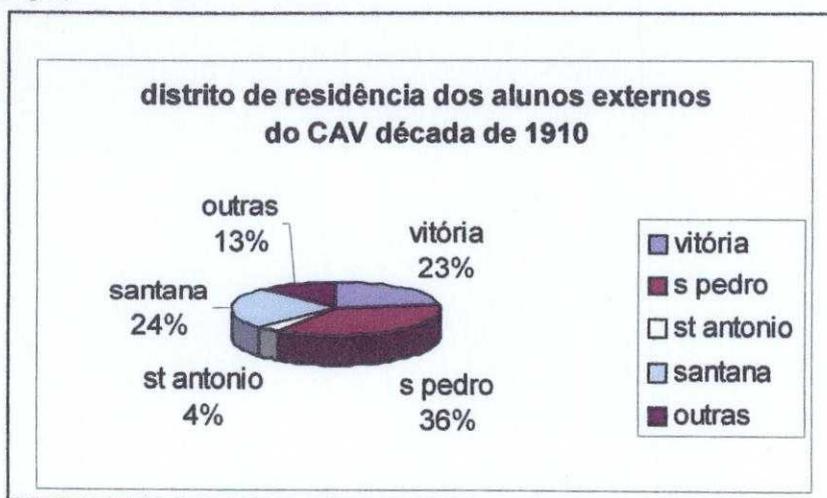
março, junho e setembro, respectivamente.¹⁷⁹ Nesse mesmo ano, a remuneração dos Diretores do Ginásio da Bahia e da Escola Normal, estava fixada em 500\$000.¹⁸⁰ Assim sendo, pode-se concluir que o acesso ao internato do CAV ficava restrito aos alunos da chamada elite econômica.

Além dos alunos internos, existiam os semi-internos (em menor número). Esses diferiam apenas dos externos porque ficavam no turno oposto ao do seu estudo regular para as bancas (revisão das aulas dadas) e por almoçarem e lancharem no colégio. Geralmente residiam nas freguesias mais afastadas, sobretudo, Brotas e Penha.

Já os externos eram moradores, em sua maior parte, das Freguesias centrais de S. Pedro e Vitória. Esse contingente de estudantes do colégio, pagavam as mensalidades mais baixas. As séries finais (4ª e 5ª séries) em 1931, custavam 110\$000, se os alunos optassem por almoçar, lanchar e jantar, acrescia-se ao valor anterior mais 250\$000. Portanto subentende-se que nesta categoria se encontravam jovens de estratos sociais menos abastados que os da categoria dos internos. Mesmo assim as chamadas classes populares estavam longe de serem clientes do Vieira, só para deixar claro este aspecto, basta lembrar que o salário mínimo da Bahia, instituído em 1940, era de 90\$000.¹⁸¹

Investigando nos anuários procurei identificar como se distribuía a população de externos do CAV. Para se ter uma visão geral dessa distribuição por freguesias, elaborei os gráficos que seguem. Vejamos primeiro a distribuição dos externos na década de 1910:

(Fig. 2)



Fonte: Livros de Matrícula, 1912 e 1913, Anuário do CAV, 1917

¹⁷⁹ *ESTATUTOS do CAV*. Salvador, 1931, p. 1

¹⁸⁰ FARIAS, Gelásio de A. e MENEZES, Francisco da C. *Memória histórica do ensino secundário oficial na Bahia*. Salvador: Imprensa Oficial do Estado, 1937, pp 325-326

¹⁸¹ IBGE. *Estatística do século XX*. São Paulo, 2003, p.221

Nesta década, a clientela vieirense concentrava-se na área central da cidade, a qual abrigava as famílias mais tradicionais de Salvador era também a região onde se concentravam as clínicas médicas, as farmácias e as casas comerciais frequentadas pela população mais endinheirada.

Entre os alunos externos predominava a chamada burguesia comercial e alta classe média composta pelos filhos de profissionais liberais já consagrados, neste grupo aparecia também em menor número os filhos de militares de alta patente e também um certo contingente das famílias tradicionais da elite intelectual baiana, este grupo heterogêneo residia na freguesia de S. Pedro. Incluo também neste grupo, os chamados “novos ricos”, filhos de profissionais liberais e comerciantes que já residiam no Distrito da Vitória.

Em seguida vinham os alunos oriundos de uma pequena burguesia comercial que habitavam as freguesias de Santana e Sto. Antônio (nesse grupo, pude notar que existia uma descendência espanhola muito presente), sendo este formado por comerciantes médios e alguns militares de patente menor.

Por fim aparecia os filhos de proprietários de terras de freguesias mais afastadas do centro como Brotas, Itapagipe e o subdistrito da Caixa D'água (Freguesia de Sto. Antonio), provavelmente famílias que buscavam capital simbólico através de uma educação de qualidade: essas famílias geralmente não possuíam mais de um filho matriculado no CAV, ao contrário de outras que residiam nas freguesias centrais.

Para a década de 1920 a configuração do externos possuía a seguinte distribuição:

(Fig. 3)

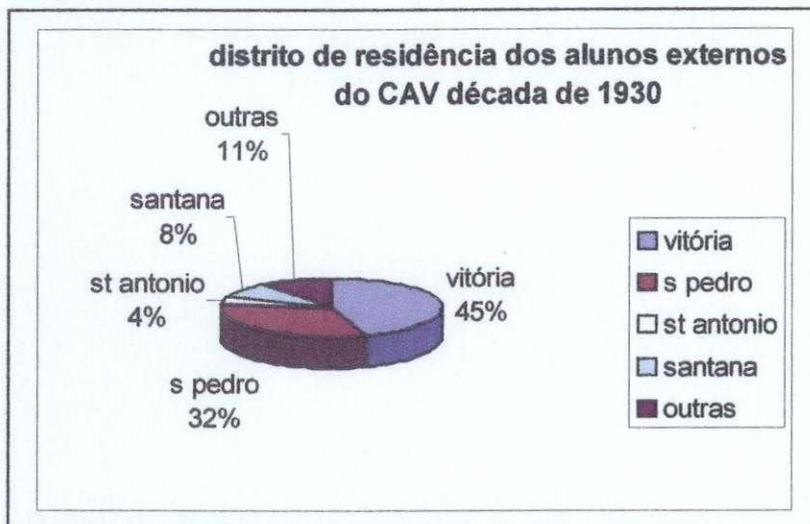


Fonte: Anuários do CAV 1921, 1925 e 1929

Neste decênio, a maioria dos alunos ainda residia na Freguesia de São Pedro que ainda abrigava as famílias baianas mais tradicionais. Em relação à década passada, o Distrito da

Vitória apresentou um crescimento de três pontos percentuais, esta era a região para onde se mudavam os novos ricos da cidade, na qual as obras de melhoria urbanística ocorriam de maneira bastante significativa. Ou seja, os meninos matriculados no CAV mantinham o perfil sócio-econômico da década de 1910. Vejamos a situação na década seguinte:

(Fig. 4)



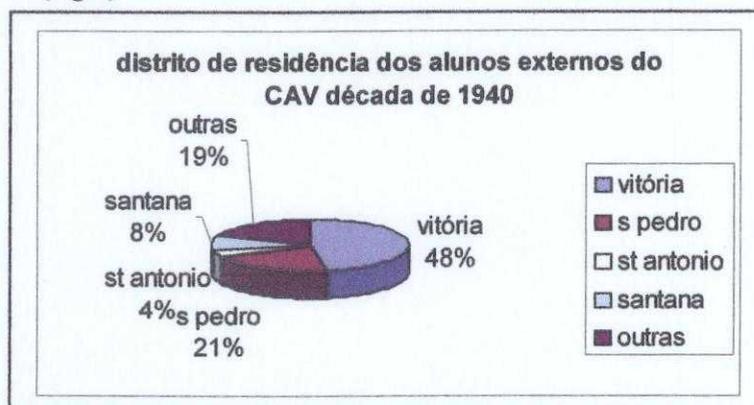
Fonte: Anuários do CAV 1930, 1935 e 1939

Nos anos de 1930, ocorreram duas modificações significativas na distribuição geográfica dos alunos externos. Em primeiro lugar, o Distrito da Vitória se consolidou como a área da cidade mais procurada pela elite econômica de Salvador e disparou como a região de maior contingente dos alunos do CAV, deixando a Freguesia de São Pedro para trás.

Nos endereços declarados nos anuários do colégio, percebi que famílias tradicionais da cidade, antes residentes na Freguesia de S. Pedro, mudaram-se para bairros como Canela, Graça e Barra, todos circunscritos ao Distrito da Vitória. A outra mudança importante nesta distribuição foi a redução significativa da participação da Freguesia de Santana na população dos alunos externos. Um outro motivo para esse aumento decorreu da própria mudança da sede do colégio da Rua Coqueiros da Piedade (S. Pedro) para o Garcia (Vitória), tendo em vista que os pais geralmente buscavam estabelecimentos de ensino mais próximos de suas residências, tendo em vista que uma grande parte do contingente de alunos era de crianças entre 8 e 10 anos, a mudança de sede também pode ser considerada como um fator relevante para o incremento dos números relativos ao Distrito da Vitória.

Para a década de 1940, temos a seguinte distribuição de alunos externos:

(Fig. 5)



Fonte: Anuários do CAV 1941 e 1944

Podemos observar que o Distrito da Vitória abriu uma grande vantagem em relação a Freguesia de S. Pedro, isso demonstra que a população de alunos externos do CAV continuou a ser basicamente constituída por alunos oriundos das famílias mais ricas da cidade, que naquele ínterim passaram a habitar a Vitória. Segundo Raymundo Gouveia, esta era a configuração socio-econômica dos bairros mais ricos na década de 1940:

Salvador possui algumas áreas específicas, a Zona 1 ou Central –É o centro da cidade, zona comercial, onde se acham as estações de transporte, os bancos e as casa de finanças, os grandes depósitos e estabelecimentos do comércio em grosso, os edificios públicos, as redações dos jornais, a rua principal (avenida central), as grandes lojas de moda e tecidos, móveis, artefatos de vários gêneros, drogarias, etc. Zona pouco habitada, destinada ao grande comércio. Compreende esta zona as ruas do Comercio da Cidade Baixa e Calçada , algumas zonas da cidade Alta (R. Chile, S. Pedro, Sé, Terreiro, BX dos Sapateiros) [...] Zona 4 ou Aristocrática: Zona residencial dos mais abastados, da burguesia endinheirada, onde moram as elites econômicas e para onde se transferem os novos ricos. [...] apartamentos e bangalôs vistosos, ruas quietas e arborizadas, alamedas e praças ajardinadas, parques, cinemas elegantes, mercearias luxuosas, clubes de recreação social privativos.

Estão compreendidas nesta zona os principais trechos dos bairros da Vitória, Canela, Graça, Barra, Barra Avenida, Barris e núcleos isolados do Barbalho, Nazaré, Pitangueiras, Roma, Monte Serrat.¹⁸²

Já que a maior parte dos alunos vieirenses da década de 1940, residiam na chamada zona aristocrática, podemos concluir que a tendência do CAV em ter como público alvo, as famílias mais abastadas, manteve-se. Isso ratifica a opção do Colégio pelas camadas mais

¹⁸² GOUVEIA, Raymundo Nonato de A. *Puericultura social- natimortalidade, mortalidade neonatal e fenômenos correlatos, fatos demográficos, médicos sócio-econômicos e culturais, na cidade do Salvador-Bahia- 1940-46*. Salvador: Imprensa Oficial da Bahia, 1947, p.26. (tese de doutoramento)

abastadas. Como pudemos observar desde a década de 1910, o maior contingente de alunos possuía tal perfil sendo que naquela época, os mesmos residiam nas freguesias centrais de S. Pedro e Santana as quais abrigavam os mais ricos. No contexto sócio-econômico dos anos 40, as camadas mais ricas fixaram residência em grande número e, muitas vezes transferiam os seus locais de trabalho (escritórios, lojas ou consultórios) para o Distrito da Vitória (sobretudo na região do Rosário e Campo Grande). O Vieira continuou a educar a elite econômica da Bahia, em seguida aparecia a classe média alta que habitava o centro da cidade (Piedade, Dois de Julho, Carlos Gomes, etc.) ou nas Freguesias de Santana (Nazaré, Lapa, Campo da Pólvora) e Santo Antônio (Sto. Antonio, Lapinha, Barbalho, etc.).

Um fato interessante também foi o crescimento da participação das outras Freguesias na configuração dos alunos internos, sobretudo de Brotas e Itapagipe e em menor medida Plataforma, Periperi, Liberdade e Caixa D'Água, o que denota um possível crescimento da classe média baixa junto ao colégio, certamente em busca de melhores dias e que encontravam na escola uma possível via para ascensão social.

Para finalizar as análises acerca das classes sociais que compunham a clientela vieirense, procurei registrar as profissões dos pais dos alunos, que estão dispostas na tabela abaixo:

Ocupação dos Pais dos Alunos Externos do CAV

(Tabela 10)

Profissões dos Pais dos Alunos Externos do CAV	Década de 1910		Década de 1920		Década de 1930		Década de 1940	
	S	%	S	%	S	%	S	%
Doutor #	166	21	195	26	109	16.8	54	10.7
Oficial Militar	18	2.9	28	3.7	14	2.2	4	0.8
Alto Funcionário Público	8	1.2	8	1.1	4	0.6	4	0.8
Bacharel em Direito	6	0.9	5	0.7	24	3.8	2	0.4
Engenheiro	—	—	—	—	—	—	6	1.2
Comerciante ##	214	33	243	32.4	248	38	80	15.8
Sem Referência	236	41	271	36.2	252	38.6	340	67.2
Totais	648	100	750	100	653	100	506	100

Fonte: Livros de Matrículas e Anuários do CAV 1911 a 1944

Essa nomenclatura no CAV podia designar médicos ou pessoas com outros cursos acadêmicos.

Assim considerados pelo registro do endereço comercial (lojas, armazéns, farmácias, pensões, etc.) dos responsáveis pelos alunos.

Os índices da tabela anterior não conseguiram ser mais precisos devido ao grande número de omissões quanto ao registro das profissões dos pais dos alunos, o que não contribuiu para uma melhor elucidação do perfil social do alunado vieirense no período em questão.

É importante salientar que a partir da categoria de análise gênero, esmiucei alguns dados encontrados durante a pesquisa, transformando-os em subsídios para elucidar questões importantes no processo de construção da masculinidade. Um desses aspectos foi o destino dos ex-alunos do CAV.

Até a década de 1920, o CAV não possuía o curso Secundário (atual Ensino Médio), assim o seu principal intento era enviar os seus alunos para o Ginásio da Bahia:

O prestar exames no Colégio vae habituando os estudantes a apresentarem-se em público e serem interrogados por lentes diferentes dos seus professores, trazendo-lhes a vantagem de não arriscarem tanto o êxito do exame do Gymnásio official [...] a reputação de um Colégio depende grandemente dos exames officiaes [...] é reconhecida a superioridade dos nossos estudantes nos exames officiaes do Gymnásio, tendo por vezes Lentes e companheiros de outros Colégios, perguntado aos nossos alumnos, qual era o segredo que o Collégio Antonio Vieira possuia para apresentar os seus alumnos tão bem preparados.¹⁸³

De fato os índices de aprovação para o Ginásio da Bahia parecem ser altos devido ao destaque dado pelos educadores quando se referiam ao número de alunos do CAV que eram aprovados no Ginásio da Bahia. É bom lembrar que esta era a principal porta de entrada para os cursos de nível superior. Assim sendo, no ano de 1921, quarenta e quatro alunos vieirenses conseguiram ingressar no referido ginásio; em 1923 o número de egressos do CAV que foram aprovados nos exames oficiais, subiu para quarenta e sete¹⁸⁴. Isso refletia-se no número de ex-vieirenses que ingressavam em cursos acadêmicos. No ano de 1924, dezesseis dos formandos da Faculdade de Medicina da Bahia tinham saído do CAV.¹⁸⁵ Em 1937, esta tendência de formar futuros médicos se manteve: naquele ano, trinta dos novos médicos formados pela mesma Faculdade, eram ex-alunos do Vieira.¹⁸⁶

O curso de Medicina, naquela época, era majoritariamente masculino, ou seja, estudar na Faculdade de Medicina da Bahia, após sair do CAV indica que, no mínimo, era estimulado entre os formandos, a busca por cursos com perfil masculinizado, isso era parte do processo formativo da masculinidade na escola.

Os ex-alunos vieirenses que possivelmente buscavam cursos acadêmicos menos procurados (magistério no Ensino Secundário, por exemplo) eram minoria. Para ilustrar este ponto, basta dizer que no ano de 1926, apenas dois professores titulares do Ginásio da Bahia,

¹⁸³ MEYER, 1921, pp. 93, 95 e 102.

¹⁸⁴ ANUÁRIOS DO CAV 1921 e 1923, p. 63.

¹⁸⁵ DIÁRIO DO CAV Vol 1, 1924, p. 273.

tinham sido alunos do CAV: Nelson Spínola Teixeira (professor titular de Física) e Duarte Moniz Barreto de Aragão (professor titular de Ciência Jurídica),¹⁸⁷ mesmo assim de disciplinas circunscritas a áreas dominadas pelo gênero masculino.

Os educadores do CAV, na década de 1940, assim se referiam às carreiras e ao destino seguidos pelos seus ex-alunos:

Há por graça de Deus exemplos consoladores de fruto copioso nos dois colégios. E vê-lo-íamos todos, se pudesse enumerar os nomes de acadêmicos, de médicos, de juristas, de engenheiros, de políticos, de proprietários e chefes de família que honram a nossa educação dada na Baía e no Recife.¹⁸⁸

As carreiras indicadas estavam de acordo com as representações de gênero na época, ou seja, o CAV conseguia, de fato, encaminhar seus alunos para o desempenho das funções que normalmente se esperava para os homens dos estratos sociais médio e superior, quais sejam, seguir carreiras promissoras ou serem chefes de família. Em outras palavras, no que tange à formação para a vida material, os objetivos do CAV se cumpriam de maneira bastante satisfatória, mas existia também a questão da formação sacerdotal:

As vocações não faltam, mas são afogadas pela oposição das famílias e pela corrupção do ambiente [...] falta a tradição, mentalidade nacional e familiar favorável à vida religiosa [...] é a indiferença de grande parte das famílias que não ajuda à formação religiosa quando não a neutraliza ou a destrói [...] é sobretudo para todos no Colégio e depois do Colégio a corrupção do cinema que empolga, absorve, move como o principal orientador e mata assim todas as idéias e bons desejos que lhes instilamos nas inteligências e corações.¹⁸⁹

O Apostolado da Oração caiu muito entre os internos, e é para lastimar, pois é uma arma excepcional para aumentar o fervor dos alunos Congregados e não Congregados [...] são os externos que mais têm correspondido aos nossos esforços educativos, pelo menos no que toca à formação religiosa e moral. Não nego que em relação à formação intelectual os internos deram mais resultados [...] nos tempos áureos do CAV, a média de comunhões dos externos aos domingos era de 80, hoje está reduzida a pouco mais de 20.¹⁹⁰

No que diz respeito à formação espiritual, o discurso acima permite avaliar que os resultados da ação educativa do CAV nos anos de 1930/1940, não eram tão frutuosos como se esperava e os padres enfrentavam uma intensa falta de vocação religiosa entre os educandos, ou seja o modelo masculino “piedoso” já não encontrava lastro familiar e social para se firmar: os alunos internos justamente aqueles que recebiam uma educação mais

¹⁸⁶ DIÁRIO DO CAV Vol 2, 1937, s/n.

¹⁸⁷ FARIAS, Gelásio de A. e MENEZES, Francisco da C. *Memória histórica do ensino secundário oficial na Bahia*. Salvador: Imprensa Oficial do Estado, 1937, pp 325 e 346.

¹⁸⁸ Pe. VICE PROVINCIAL “Fim dos nossos colégios” In: *Conferências Pedagógicas*, 1940 p. 15.

¹⁸⁹ Idem. pp 16-17

¹⁹⁰ TORREND, Camilo. “Formação espiritual” In: *Conferências pedagógicas*, 1940, pp. 35-36.

esmerada no CAV, na verdade se utilizavam da mesma mais para fins materiais que para a vida espiritual. Os alunos incorporavam em suas vidas o modelo masculino que estava de acordo com as representações da sociedade leiga ao invés do modelo casto e piedoso proposto pela instituição dos jesuítas.

A aceitação dos valores religiosos nos anos de 1910/1920 era maior, embora naquela época os professores já se queixassem das críticas tecidas por alguns ex-alunos que faziam parte do meio intelectual, mas, de qualquer modo o modelo masculino piedoso encontrava maior aceitação, como se pode ver nos discursos da *Conferência* de 1921:

Só os alumnos internos têm o mimo espiritual de assistir, todos os dias, ao santo sacrificio da missa. Os alumnos externos, congregados, todos os domingos e dias santos, vêem para as reuniões e missas, os Externos não congregados pouco freqüentam [...] A prática da confissão e a freqüência da sagrada comunhão, felizmente, são consoladoras entre os alumnos internos do nosso Collégio, é na verdade avultado o número de alumnos que se apresentam diariamente à mesa eucarística. Os congregados externos também acodem, nos domingos, em bom número a receber a Nosso Senhor. [...] na vida espiritual dos Externos, deverão augmentar-se as práticas religiosas e intensificar os nossos cuidados.¹⁹¹

Ao contrário do que ocorria nos anos de 1930/1940, a incorporação dos valores espirituais entre os externos era menor que entre os internos, isso levou os educadores a desenvolverem estratégias para otimização da doutrina nas aulas e fora delas, com o intuito de cooptar os alunos externos. Essa tática parece ter dado certo, uma vez que o colégio conseguiu uma melhor aceitação dos valores religiosos no externato, mas por outro lado, o mesmo não se verificou com os internos, estes cada vez mais davam mostras de não internalizarem os dogmas católicos a ponto de seguirem a carreira sacerdotal, como o almejavam os educadores jesuítas.

Os valores morais que o CAV transmitia aos seus educandos refletiam os papéis de gênero que estavam em evidência, um deles era prevenir qualquer sinal de homoerotismo entre os mesmos, vejamos as recomendações para os passeios dos alunos, no ano de 1921:

Ajudará também uma constante vigilância (sem imprudências) quer dos Prefeitos quer dos Professores, sobre os vários modos de proceder dos alumnos que quando mais ou menos viciados, facilmente se trahem pelas suas maneiras palavras, gestos, etc.[...] Como remédio preventivo contra as faltas exteriores deve-se procurar, quando possível, evitar o agarrarem-se, sobretudo demoradamente), deitarem-se ao chão uns sobre outros, juntarem-se em grupos, sempre os mesmos, e principalmente afastados dos demais.¹⁹²

Essa questão moral, além de se esmerar no combate às questões de possíveis sinais de

¹⁹¹ CHORÃO, Raul. "Educação moral e religiosa" In: *Conferências pedagógicas, 1921*. pp. 143, 145 e 154

¹⁹² MIRANDA, João de "Disciplina Collegial: alumnos externos como conseguir a formação moral e religiosa"

homossexualismo. também incluía a “civilidade cristã”, ou seja, pretendia-se que os alunos demonstrassem cortesia, bons modos, pudor e outras virtudes típicas da tradição educacional católica. Para este fim os professores mais conceituados, reservavam uma parte de suas aulas (10 ou 15 min) para a discussão destes assuntos de oito em oito dias e, quinzenalmente, tinham uma aula específica sobre as regras de civilidade.¹⁹³

Formar homens significava cultivar nos educandos valores nobres, que estavam ligados aos papéis do gênero masculino daquele tempo/espço. Entre estes valores apareciam com destaque no cotidiano dos alunos, em diversos documentos do colégio, o cultivo da virilidade, da honradez, da responsabilidade, da disposição para o trabalho e respeito em relação às mulheres. Estas e outras questões serão o assunto do próximo capítulo.

In: *Conferências pedagógicas, 1921* p. 178

¹⁹³ Idem p. 184

3. EDUCANDO CORPOS E MENTES

3.1 A arte de educar os corpos

Um estudo sobre a masculinidade no CAV, não podia deixar de abordar a questão do controle dos corpos, tema que ultimamente tem ocupado lugar de destaque nos estudos históricos. Segundo Antony Giddens: “*o corpo torna-se [na época moderna] um foco do poder disciplinar. Mais que isso, torna-se um portador visível da auto-identidade*”¹⁹⁴. Resolvi dedicar especial atenção, falando sobre esse assunto específico justamente por causa da questão identitária que envolve o processo educativo. O CAV formava cidadãos que deviam, em princípio, mostrar pelo menos duas identidades: a masculina e a católica. Entender os mecanismos de controle do corpo na formatação dessas duas identidades, em um determinado modelo educacional e tomar como base o prisma do gênero, é o meu objetivo neste capítulo.

Como seria a arte de modelar os corpos dos jovens, desenvolvida pelos jesuítas na primeira metade do século XX? De que maneira o CAV imprimia nos corpos dos alunos as marcas de uma formação católica destinada à futuras lideranças? Tentando responder a tais questionamentos, descobri que a questão ocupava lugar central na proposta formativa do colégio. Antes acredito ser necessário discutir um pouco sobre a tradição europeia de impor determinados padrões de posturas corporais aos gêneros masculino e feminino. Seja através do Estado ou de outras instituições tais como a Escola ou a Família, a sociedade tenta controlar os hábitos e as posturas das pessoas, impondo limites de comportamento e categorizando-as em seres masculinos ou femininos.

Atualmente ainda existe certa preocupação quando as pessoas rompem com os cânones tradicionais dos papéis de gênero. Há alguns séculos atrás, pelo menos desde a época Medieval, essa preocupação era ainda mais intensa. A subversão desses hábitos assolava, sobretudo os educadores e os religiosos, de tal sorte que um possível efeminamento dos homens bem como a masculinização das mulheres causava indignação na maioria das pessoas. Esta preocupação, não ficava apenas circunscrita ao ambiente escolar católico, mas pairava no imaginário social mais amplo do mundo ocidental.

Para tratar desse assunto, recorri às proposições de Tomas de Laqueur. Segundo ele, desde o século II, começou a se esboçar tal temor no imaginário ocidental, afirmando que à

¹⁹⁴ GIDDENS, A. *A transformação da intimidade*. São Paulo: Editora Unesp, 1993, p. 42

época acreditava-se em “*mulheres hirsutas, viris – a virago – [...] quentes demais para procriar e tão valentes quanto os homens; e [...] homens fracos, efeminados, frios demais para procriar e talvez ainda mais femininos na sua vontade de serem penetrados.*”¹⁹⁵ Nesse discurso, nota-se que a inquietação gira em torno de uma das funções tidas como mais “sagradas” entre os seres humanos: a reprodução da espécie que dependeria em grande parte das condições térmicas do corpo humano.

Assim, homens que não demonstrassem uma característica masculina bastante louvada, qual seja, a “quentura” típica da energia viril de boa qualidade, estariam fora do rol dos “machos” reprodutores. Desenvolvimentos científicos à parte, as pessoas vão acreditar, inclusive com o aval de alguns intelectuais da época, no “fantasma” da transmutação dos órgãos genitais das mulheres “*pensamentos ou ações impróprias ao seu gênero podiam transformar as mulheres em homens [...] parece que comportamentos impróprios podiam realmente causar mudança de sexo.*”¹⁹⁶ Com relação aos homens, mudar de sexo não aparecia como algo possível de ocorrer, diz Laqueur, mas no que tange ao papel de gênero masculino, a inversão podia acontecer.

A maior parte dos registros elencados pelo autor (a maioria do século XVII) citam casos de fantásticas mudanças nos órgãos sexuais femininos (os ovários converteriam-se em testículos e o clitóris em pênis, pois se acreditava que anatomicamente, a mulher era um homem invertido). Mas a efeminação ou mesmo a realização, por parte de alguns homens, das funções biológicas femininas¹⁹⁷, também são citadas por Laqueur: “*as histórias de homens que se efeminam são mais problemáticas [...] em certo sentido, talvez essas histórias deversem ser vistas como expressões de interesse próximos ao que poderíamos chamar de papéis de gênero.*”¹⁹⁸

Os papéis de gênero, há pelo menos quatro séculos atrás, apresentava-se como uma questão relevante e ao mesmo tempo delicada, a ponto da anatomia sexual das mulheres ser vista como algo cambiante. Para os homens os limites da alteração física eram mais restritos, o que normalmente as pessoas acreditavam ser mutante as atitudes, a moral, ou seja, a

¹⁹⁵ LAQUEUR, Tomas. *Inventando o sexo, corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume/Dumará, 2001, p.66

¹⁹⁶ Idem, p. 162

¹⁹⁷ Ver a esse respeito, a pg. 129. Ao longo da obra, Laqueur cita diversos autores que descrevem casos de mudanças biológicas no corpo dos homens, mas nunca do órgão sexual, todos os casos envolvendo homens que não apresentavam características típicas da virilidade esperada para os varões nos moldes eurocêtricos. Dentre esses casos, destaca-se a crença na lactação de homens orientais e a representação iconográfica do próprio Jesus Cristo com seios femininos, datada do século XVII.

¹⁹⁸ LAQUEUR, 2001, p. 160

assuntos ligados ao comportamento sexual e ao papel desempenhado por estes nas relações sócio-políticas.

Ainda de acordo com o autor citado, a crença (de efeminação ou masculinização das pessoas) persistiu ainda no século XVIII: “*os homens quando em contato muito acentuado com as mulheres [...] podem desenvolver um semblante suave e feminino por meio de um super-refinamento [...] cuidar-se como se cuidam as mulheres mais libertinas e desonestas do mundo [...]*.”¹⁹⁹

Mais adiante, Laqueur afirma que essa crença adentrou ainda o século dezenove: “*o modelo de sexo único continuou a existir [...] os próprios médicos falavam na linguagem do modelo do sexo único, como os que temiam que as operárias alemãs que tinham ocupações pouco femininas se tornassem mulheres masculinizadas.*”²⁰⁰ O fato é que se na realidade do mundo europeu essa crença permaneceu até o século XIX, não seria de se estranhar que tais crenças ainda tivessem em vigor no Brasil das primeiras décadas do século XX.

Deixarei de lado essa discussão mais ampla, para deter-me mais especificamente ao controle do corpo no CAV que, a bem da verdade, parecia ainda estar assentado no imaginário ocidental ao qual reporte-me nas linhas anteriores, como veremos mais adiante.

O caráter regulador que têm caracterizado, ao longo da história, as instituições educacionais, sobretudo as de caráter confessional, é uma das características mais marcantes do mundo ocidental. Segundo Foucault: “*o internato aparece [no século XVIII] como o regime de educação, senão o mais freqüente, pelo menos o mais perfeito.*”²⁰¹ No CAV o objetivo do corpo docente e da direção era atingir esta “perfeição”, para tanto não se poupavam esforços e se esmeravam para colocar em prática um regime extremamente controlador.

A disciplina nos colégios jesuítas, dependia desse controle e se constituía em um dos pressupostos pedagógicos dos mais importantes. Este poder disciplinar podia ainda ser facilmente perceptível nas primeiras décadas do século XX e permeava o cotidiano do CAV em vários momentos. Isso se dava através de vários mecanismos de controle, um dos mais simples e conhecidos era o controle do horário das atividades. Desde o amanhecer, até o recolhimento dos alunos em seus quartos, as atividades eram cuidadosamente planejadas seguindo uma lógica seqüencial. No espaço escolar do Vieira, a busca de uma disciplina impecável apoiava-se no controle dos detalhes, essa era a tônica no ambiente de

¹⁹⁹ GLEAUD apud LAQUEUR, 2001, p 67

²⁰⁰ LAQUEUR, 2001, pp 190-191

²⁰¹ FOLCAULT, M. *Vigiar e punir*. São Paulo: Vozes, 2002

aprendizagem e esses detalhes logicamente englobavam o controle dos corpos. Como exemplo disto, temos a constante organização das filas: na chegada dos alunos, ao saírem para o recreio, na hora do almoço e na saída das aulas.

A categoria de análise gênero, permite a observação de nuances mais ricas e significativas acerca dos padrões exigidos pela sociedade junto às pessoas comuns. Apesar de tratar neste estudo de um internato masculino, cabe aqui assinalar que os códigos de postura corpora! para os alunos do CAV baseavam-se, sobretudo na busca do não assemelhamento com as mulheres.

Vimos, anteriormente, que o medo do efeminamento dos homens era algo ventilado há mais ou menos quatro séculos, ocupando razoável espaço no imaginário social. Essa postura persistiu mantendo o seu vigor na sociedade baiana do século XX. Era notório, nessa época, a divisão explícita de determinadas posturas corporais. Algumas deviam ser cultivadas e outras severamente reprimidas, tanto entre os homens como entre as mulheres. Tornar-se um homem, como vimos no capítulo primeiro, não tem sido algo fácil em diversas sociedades, pois exige que os jovens aprendam muito mais “o que não se deve ser”, e assim desempenhar determinados papéis sociais tradicionais. Aprender estes papéis sob a égide dos métodos e regras de um colégio confessional jesuíta era algo bastante intenso, pois os jovens eram persuadidos por dois ideais formativos: o religioso (piedoso) e o social (liderança).

A aparência dos alunos vieirenses, devia contemplar essas duas formações, é aí que o controle do corpo entra de maneira significativa. Assim determinadas posturas deviam ser evitadas, sobretudo, gestos “incomuns” e indesejados para os padrões vigentes em relação ao gênero masculino da época: ainda mais se os mesmos caracterizassem efeminamento desses alunos.

Na biblioteca do colégio, encontramos alguns livros²⁰² que dedicam várias páginas a descreverem qual seria o modelo corporal para os jovens e crianças “civilizados”. isto é, educados sob a orientação católica. No geral as recomendações dos educadores jesuítas eram direcionadas para que o corpo denotasse modéstia e virtuosismo que não devia ser latente, afinal “*pelo exterior se conhece um homem, afirma a Escripura,*”²⁰³ essa afirmação deixa explícita a importância dada ao controle e aparência dos corpos, preocupação esta que

²⁰² *Conferências dos professores da Baía e Recife*. Salvador: Tipografia Beneditina, 1940; *REGULAMENTO DOS ALUNOS DO CAV*, Salvador: Duas Américas, 1926 e COSTA, Antonio Macedo *Compêndio de civilidade cristã*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1928.

²⁰³ COSTA, Antonio Macedo *Compêndio de civilidade cristã*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1928, p. 15

acredito não ser exclusiva da instituição em questão, mas dos colégios confessionais, em geral.

O porte corporal dos alunos vieirenses devia denunciar ao mesmo tempo, decoro, caridade, honestidade e virilidade e, o curioso é que os próprios padres não explicavam de maneira convincente, como, através da postura corporal, os sujeitos poderiam expressar tantas virtudes. O contrário do virtuosismo, porém, podia ser detectado facilmente, segundo os educadores. Vejamos o que diz o trecho abaixo:

O movimento do corpo é a voz da alma [...] há de se evitar posições affectadas, um andar sacudido demais, ou requebrado e balançado denunciando ânimo leviano e desenvolto [...] não tomes o costume de encurvar as costas [...] nem faça trejeitos e contorsões. [...] Enfim debes evitar quanto é contrário à decência, ao decoro e ao respeito.²⁰⁴

Uma das coisas que chamou a atenção foi o uso constante do vocábulo *affectar*, pesquisando em um dicionário do colégio, encontrei as seguintes definições: “*Affectar, fazer uma coisa com ostentação...abusar.*”²⁰⁵ e: “*Afectação, falta de naturalidade, vaidade.*”²⁰⁶

A partir dos verbetes dos dicionários, pode-se concluir que o uso insistente deste vocábulo reforça a tese de que no imaginário dos educadores, a não aproximação do comportamento dos alunos com o perfil feminino seria uma premissa na garantia de uma sólida construção do arquétipo masculino. Objetivava-se com isso que os mesmos não demonstrassem qualquer tipo de assemelhamento neste sentido. Não ser *affectado*, *a priori*, seria não ser vaidoso, ostentador, não dedicar-se a cuidados estéticos muito apurados; características estas tidas como femininas. Se assim não o fosse, aos olhos das famílias e educadores, a masculinidade daqueles jovens poderia estar comprometida ou mesmo já definitivamente dissipada em meio aos trejeitos femininos.

Além da recomendação geral da postura, existia uma série de outras recomendações, que se ocupavam de estabelecer padrões de apresentação e asseio pessoais; na verdade para cada parte específica do corpo, uma linha de cuidados a serem tomados. Vejamos a cabeça:

A cabeça há de se conservar-se direita e naturalmente levantada [...] bambeá-la sempre e balanceá-la sobre o pescoço é de gente parva, cabeçinhas de vento [...] Aos cabellos nem os desgrenhe, nem os alinhe com esmero; devemos evitar dois extremos: de um lado desalinho e desasseio; e de outro vaidade e affectação ridículas, própria de gente adamada e sem juízo. [...] É desonra para um moço trazer cabellos crescidos e arranjados com affectação.

²⁰⁴ Idem, pp 16-17.

²⁰⁵ Vários autores. *Encyclopédia e diccionario internacional*, vol 1. R. de Janeiro - Nova York: W.M. Jackson Editores, 1935, p.30

²⁰⁶ DA LUZ, José Batista (org). *Dicionario de lingua portuguesa*. S. Paulo: Nacional, 1949, p.18

[...] Passar, pois, tempo considerável diante do espelho a arranjar os cabellos, é próprio de ânimos effeminados, vãos e incapazes de nobres estímulos.²⁰⁷

Uma das preocupações fundamentais dos educadores católicos era apagar possíveis sinais de modos femininos entre os educandos, ainda mais em se tratando de uma parte do corpo tradicionalmente associada à questão do comando masculino: a *cabeça*. Porquanto, um corpo educado sob os moldes do jesuitismo não devia dar sinais da qualidade “imoderada” da vaidade.

Analisando as imagens encontradas no CAV, encontrei algumas fotos trazendo alunos que fugiam ao padrão de apresentação recomendado para os cabelos e selecionei a foto que segue na página de fotos deste capítulo (observar o segundo aluno da esquerda para a direita da primeira fila (**fig. 6**)).

A “desobediência” a um padrão recomendado de apresentação era mínima, como se pode observar nos diversos registros iconográficos do CAV, e suscita algumas interrogações: O menino possuía alguma cicatriz em seu corpo e queria ocultá-la com seu cabelo mais longo? Ou simplesmente os pais do mesmo não queriam seguir os padrões da época? Por mais que se diga que “uma fotografia vale mais que mil palavras” as imagens por si só deixam algumas lacunas, que só poderiam ser preenchidas com o complemento das fontes escritas ou orais, infelizmente não consegui

²⁰⁷ COSTA, 128, pp. 20-22

(Fig. 6) Alunos menores da 1 comunhão, 1930.



tal complementação. Por outro lado, foi através das imagens que observei um fato relevante no processo de construção da masculinidade na escola: o controle dos corpos entre os alunos menores, nos grupo fotográficos, era mais brando.

Analisando outras imagens, pude constatar esse aspecto (figs. 7 e 8.) Nesses registros pode-se notar que alguns alunos menores encontram-se em posições mais informais, mais próximas da naturalidade própria das crianças, na verdade o próprio fardamento, entre estes era menos padronizado, não denotava o rigor em termos estéticos, sinal que para aquela faixa etária, permitia-se até uma certa variação nas indumentárias. Ao contrário disso temos, entre os alunos maiores, um maior rigor nos fardamentos, os sapatos lustrosos, como bem chamou atenção Stela Almeida é bastante visível e, a própria postura é mais séria, mais aristocrática.

Essas fotografias demonstram alguns aspectos importantes para os estudos sobre masculinidade: elucidam a eficácia do controle dos corpos desenvolvida pelos colégios confessionais, isso no caso dos educandos ingressarem nas séries iniciais, demonstrando assim que o controle era assimilado e incorporado aos educandos de uma maneira efetiva. Isso sugere, antes de mais nada, a assimilação de um rito de passagem para o mundo masculino, onde a postura ocupava lugar central.

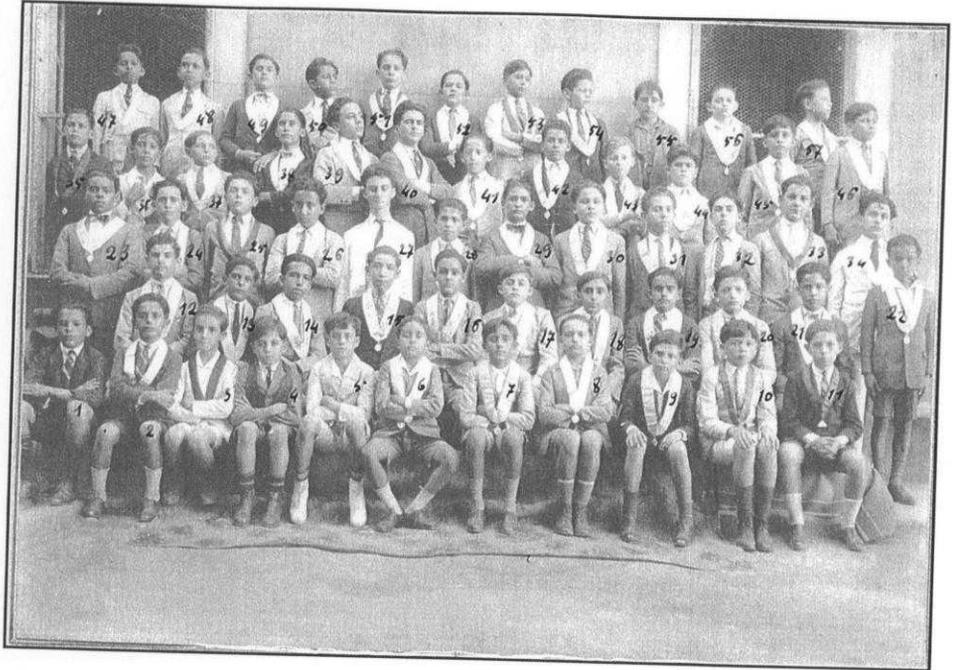
No quinto ano ginásial, tendo ou não o aluno um histórico num colégio confessional, era preciso que se demonstrasse um “jeito de homem”, um dos códigos para o mundo adulto com os seus limites e suas exigências numa sociedade baiana ainda agro-mercantil: ou seja, existia uma “pressão” mais intensa nesse sentido sobre os alunos mais velhos.

Além do aspecto físico em si, não se pode esquecer da questão psicológica. Em geral, acreditava-se que determinados gestos denunciavam o que se passava na mente, assim o comportamento feminino delatava, à primeira vista, a “inferioridade” deste gênero humano por conta de determinados “tiques” que geralmente indicariam: descontrole emocional, medo e menor inteligência.

Vimos no primeiro capítulo e, brevemente nos parágrafos anteriores, que determinados códigos de comportamento mostrariam ou não qualidades indistintas, tais quais, falsidade, inconstância, futilidade, vaidade, dentre outros sentimentos menos nobres e tidos como “próprios” da natureza feminina, portanto “impróprios” para a formação do caráter dos homens cristãos. Destarte, os jovens deviam se acostumar, desde muito cedo, a enquadrarem-se às exigências para ingresso no mundo masculino.

Um dos pressupostos básicos era mostrar

(Fig. 7) Alunos menores, 1926



(Fig. 8) Alunos maiores, 1920



disposição para o trabalho e para o cumprimento de horários. No CAV, isso era bastante evidente tanto nos anuários como nos manuais de comportamento do colégio:

Dormir mais que o necessário é molleza e sensualidade, perigosa tanto aos costumes como a saúde. É o homem, além d'isso, feito para lidar no trabalho [...] portanto os primeiros raios do sol nunca o devem achar deitado [...] os meninos já crescidos e que não têm enfermidade, devem ser acostumados a acordar desde o primeiro clarão d'aurora, e para isso cumpre se deitem na hora certa e cedo[...] grande erro é deixa-los prolongar o sono além da hora marcada sem necessidade, ou permitir que fiquem na cama acordados e ahí se entretenham e brinquem.²⁰⁸

O verbo “brincar,” utilizado nesse discurso pode ter sido utilizado como um eufemismo para substituir o verbo “masturbar”, em resumo o que os educadores queriam era que os responsáveis pela fiscalização nos dormitórios estivessem atentos para os alunos não desviarem a atenção para as zonas erógenas do corpo e acabassem consumando o ato masturbatório.

A disciplina imposta aos alunos tinha como intróito justamente o controle do tempo destinado ao seu descanso. O horário marcado para que os alunos internos acordassem, diferia apenas de 1 hora em relação ao dos padres da comunidade, estes levantavam-se às quatro e meia e aqueles às cinco e meia da manhã. Em ocasiões especiais, tais como, o último dia do Mês de Maria (31 de maio), estes horários eram antecipados em quinze minutos.²⁰⁹ Essa tradição de regular os horários remonta a um passado mais distante das ordens religiosas católicas, que assim colaboraram para a otimização da chamada *economia do tempo e dos gestos*.²¹⁰

À noite, antes de deitar recomendava-se, “*encomendar-se a Deus, despir-se com modéstia, e adormecer ocupando-se de bons pensamentos.*” Ao acordar os educando deviam seguir impreterivelmente os seguintes passos: “*levantar-se sem demora, vestir-se, lavar-se: rezar e começar o seu trabalho ou estudo.*”²¹¹

A questão do trabalho remunerado que garantiria o sustento da família, aparece nessa e na citação anterior, como uma das características a ser cultivada entre os jovens estudantes, ou seja, a instituição queria formar bons provedores e chefes famílias; reforçando um dos papéis de gênero masculino mais ventilados na época.

O espaço escolar vieirense era extremamente meticuloso quanto ao controle do tempo. Dessa forma, a escola confessional jesuíta, utilizando-se da regulação de determinadas

²⁰⁸ COSTA, 1928, p. 43-44

²⁰⁹ Anuários do CAV, 1917-1944

²¹⁰ FOUCAULT, 2002, p. 126

²¹¹ COSTA, 1928, pp 44-45

conjunturas internas, restringia o domínio particular do corpo, imprimindo nos mesmos o “ritmo” da instituição.

Os dispositivos de regulação dos corpos também incluía detalhes como a empostação da voz, esta que até os dias atuais ainda é um dos indicativos da masculinidade entre os homens. Eis as recomendações quanto aos padrões da voz :

Os que falam lentamente mastigando as palavras, ou as proferem de modo effeminado e languido, tornam-se insípidos e insupportaveis na sociedade. Os que pronunciam de arrancada e asperamente, merecem tambem critica e reparo. Entre nós ha tendencia quasi geral para pronunciar as consoantes de modo um tanto frouxo, o que da ao falar brasileiro não sei que molleza e flacidez, que desdiz da máscula energia da língua de Vieira e de Camões.²¹²

Esse discurso guarda alguns aspectos interessantes para as análises de gênero. Primeiro, deixa explícito que os educadores entendiam a efeminação como algo desprestigiado para um jovem da sociedade baiana, reparem que o simples fato de não demonstrar uma “fala máscula”, tornava a pessoa “insuportável” e “sem graça.” Segundo, passa a impressão de que a falta de uma “europeização” no falar, ou seja, do frisar a pronúncia das consoantes - ao contrário do que fazem maioria dos indígenas brasileiros e africanos - daria também uma má impressão quanto à masculinidade.

No Norte, Nordeste e Centro-Oeste brasileiros, a descendência indígena e africana é bastante acentuada, o que deveria causar um empenho maior dos educadores jesuítas para formatar a pronúncia “máscula” dos alunos destas regiões. Para os professores, esses traços de “abrasileiramento” da língua dos antigos colonizadores da *terra brasilis*, era também como um ceifamento de sua virilidade, de sua força (características masculinas), deixando-a, por outro lado, flácida e sem energia (características femininas). Terceiro, para os jovens que falassem de maneira um tanto quanto rude as restrições eram menores, pois apesar de não ser o ideal para os padrões de educação masculina da época, pelo menos não dava a impressão de efeminamento, o que não suscitaria maiores repercussões negativas à imagem do colégio.

Falar da regulamentação e da modelação do corpo em uma instituição confessional, é sem dúvida falar sobre o controle da sexualidade, tendo em vista que esse tipo de colégio trabalhava em regime de internato e com um público jovem. Em se tratando do CAV, ainda somava-se a tudo isto, o fato de se ter um efetivo de alunos bastante elevado e em contato com alunos externos, todos submetidos a uma disciplina rígida.

Assim, no Vieira destacava-se a intensa preocupação dos educadores em resolver o problema do controle da sexualidade, para tanto um forte aliado era a inculcação da moral

²¹² *Idem*, pp 35-3

cristã. Até os anos de 1940, a Igreja defendia de maneira veemente a idéia de que a instrução necessariamente deveria ser distinta para homens e mulheres. A escola devia estimular a castidade não só do corpo mas, antes de tudo, da mente. O sistema de ensino misto ou co-educacional como era chamado na época, crescia em nível mundial e esse fato era encarado pelos jesuítas como um problema primordial, pois aumentaria os riscos da promiscuidade sexual entre alunos e, por outro lado, podia promover a “masculinização” das mulheres.

Quanto mais viril for o homem e feminil a mulher, mais rica, será também a sociedade. O verdadeiro progresso biológico, consiste em fazer bem homem aos homens e bem mulheres às mulheres [...] no lar os vínculos de sangue, a vigilância e solícitude dos pais e o próprio ambiente de respeito e pudor que se estabelece entre irmão e irmãs, é uma incomparável salvaguarda contra os riscos morais [...]²¹³

Homens viris e mulheres femininas, esse ideal formativo, ainda vivo na mentalidade dos educadores jesuítas, não poderia concretizar-se, segundo eles, se os gêneros cohabitassem o mesmo espaço educativo. Isto está de acordo com as orientações dadas nas encíclicas papais, que na verdade era alimentada desde épocas mais antiga.

Como vimos no início deste capítulo, o temor da efeminação ou da masculinização de homens e mulheres era algo bastante difundido na Europa e ao que parec também no Brasil. Os gêneros seriam investidos pela própria natureza a desempenhar, nas relações sociais, papéis que estariam ligados a uma “ordem natural.”

Pai e mãe, pôr imperativo da própria natureza, não só biológica, mas psicologicamente, unem-se e completam-se num só complexo, ordenado a fazer de cada filho um tipo masculino e de cada filha um tipo feminino. A intimidade precoce, embota os sentimentos de cortesia, que tanto elevam e espiritualizam as relações do homem com o sexo fraco, e masculiniza a mulher.²¹⁴

O trecho acima exhibe um outro ideal defendido pelos educadores do CAV: o do respeito e cortesia que os alunos deviam demonstrar frente às “filhas de Maria”. Esse pensamento fundamentava em grande parte a prática pedagógica na instituição. Segundo os

²¹³ SANTOS, 1940, p 466

²¹⁴ *Idem*, p. 469

jesuítas. além do risco da promiscuidade sexual, o contato entre sexos distintos no ambiente escolar, quebraria a aura espiritual que deveria existir nas relações homem/mulher e, fomentaria a masculinização do “sexo frágil”. Essa última crença encontrava-se, inclusive muito aflorada na época, devido ao crescimento das práticas desportivas nas escolas de orientação protestante e nas de formação laica.

A idéia de formar jovens viris, porém, não significava dizer que os educadores católicos não se preocupavam com a castidade dos seus alunos, pelo contrário. Isso alimentou um paradoxo: enquanto o modelo de masculinidade hegemônica profana ganhava força no imaginário da sociedade baiana, a formação oferecida pelo CAV valorava a castidade pré-nupcial. Os alunos se viam no meio de um verdadeiro embate entre esses dois tipos de masculinidade. O trecho abaixo espelha a opinião dos católicos em relação à conjunção carnal na juventude:

O se lançar prematuramente ao exercício genésico, malbaratando ou pervertendo as energias físicas e morais de que tanto precisam para o seu desenvolvimento físico e intelectual, faz com que se ostente os estigmas do vício como gloriosos troféus da virilidade em distrações prostibulares²¹⁵

Continuando as considerações em torno do controle do corpo, falarei um pouco sobre uma das orientações mais difundidas e também uma das mais difíceis de ser administrada nos internatos: o controle da masturbação.²¹⁶ Nem só os educadores católicos, com sua disciplina austera, visualizavam a prática da masturbação como um grande mal que atuava como dissipadora da força intelectual. Essa perspectiva de encarar as práticas masturbatórias enquanto uma doença “*que solapava as energias vitais dos jovens, um perigo sorrateiro e difícil de ser vencido.*”²¹⁷ estava bem de acordo com imaginário da população mais esclarecida, o qual se apoiava nas teorias médicas da época, tanto no Brasil como no exterior. Segundo Thomas Laqueur:

Desde o século XVIII todas as cabeças coroadas da intelectualidade europeia, de Rousseau a Kant, de Kraft-Ebing a Freud, se deram a tarefa de explicar a natureza da peste que punha em risco o equilíbrio da espécie e da sociedade. O “vício solitário”, o “auto-estupro”, a

²¹⁵ ROCHA, Antonio. “Educação sexual” In: *Brotéria vol. XVIII*, 1934, p 316.

²¹⁶ Segundo Brenot, a palavra masturbação vem do latim clássico e aparece pela primeira vez nos escritos de Montaigne (por volta de 1776) “a palavra subsistirá sob duas formas, que coexistirão por mais de um século – manustupração (de manus, mão, stupratio, ação de sujar, macular, manchar) e masturbação (do latim masturbatio, ou talvez do grego mastropuein, prostituir” In: BRENOT, P. *Elogio da masturbação* Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 1998, pp. 18-19.

²¹⁷ COSTA, Jurandir F. “O lado escuro do Iluminismo” In: *Folha de São Paulo* 11/05 2003. p. 14.

“auto-emasculação”, o “auto-abuso” se tornou a quintessência do Mal e, nos finais do século XIX, apavorava adultos e crianças em escolas, conventos, lares burgueses, quartéis e fábricas. A indústria e o comércio, por seu lado, responderam prontamente ao apelo do mercado. Um arsenal de “poções e pílulas antimasturbatórias”, “alarmes contra a ereção”, “bainha para pênis”, “luvas de dormir” etc. foi fabricado para combater o “vício secreto”. Esse cenário moral permaneceu mais ou menos intocado até os anos 50-60 do século 20.²¹⁸

Com a aceitação e a difusão desta idéia na Bahia, os católicos, o meio acadêmico e a sociedade esclarecida, tinham a convicção de que o “vício solitário” era algo perigoso e portanto passível de ser combatido, não só a partir da utilização de várias técnicas, mas sobretudo pela força da palavra e da doutrina cristã:

A juventude, sentindo em si os apetites sobreexcitados pôr continuados e poderosos aliciantes, estalam numa ânsia de gozo ilimitado. A causa da extensão do mal do vício solitário, está na falta de instrução, tanto dos pais e educadores, como na juventude. A educação indirecta da castidade é, e sempre será o meio mais eficaz para defendermos a criança contra o perigo da incontinência, deve-se inculcar no espírito infantil princípios de castidade pela prática da virtude e da religião, pela direcção da sensibilidade da vontade e, até por cuidados higiênicos [...] a imoralidade nos jovens constitui-se, não só um grave perigo para o indivíduo, mas sobretudo uma calamidade para a raça.²¹⁹

Uma das práticas educacionais mais valorizadas entre os católicos, com vistas ao combate do “vício solitário” era a prática de esportes, segundo Stela Almeida:

Eduardo Hoonart vê o incentivo aos esportes na Companhia de Jesus como uma maneira de ocupar os jovens, canalizando sua atenção para exercícios que minimizassem desejos e vontades marcantes nessa fase da vida, numa tentativa de ocultar ou mesmo de transferir libidos para esta atividade, criando assim, menos tensões e conflitos na adolescência.²²⁰

Analisando as fontes, sobretudo os artigos da *Brotéria*, as fotografias do colégio e os anuários, observei que realmente havia forte incentivo para os esportes no CAV. Isso tinha como objetivo canalizar parte da energia juvenil masculina para a prática de atividades físicas, mas “nem muito, nem tão pouco”, pois os exageros eram considerados prejudiciais ao

²¹⁸ LAQUEUR, Thomas. Apud COSTA, Jurandir F. “O lado escuro do Iluminismo” *Folha de São Paulo*. 11/05 2003. p. 14.

²¹⁹ ROCHA, Antonio. “Educação sexual” In: *Brotéria vol. XVIII*, 1934, p. 323

²²⁰ ALMEIDA, Stela Borges de. *Negativos em vidro: coleção de imagens do colégio Antonio Vieira 1920 - 1930* Salvador: Edufba, 2002 p.250

rendimento escolar. Também não se tratava apenas de se praticar um esporte e assim garantir a tão necessária castidade, era necessário dosar a sua intensidade, escolher bem a modalidade a ser praticada pelos alunos e investir em professores capacitados a trabalharem com a “latinidade”, tendo em vista que os exemplos da propalada esportividade dos anglo-saxões não eram muito benquistos entre os padres jesuítas portugueses.

Numerosos artigos temos publicado a reprovar o êrro da educação moral pelo despôrto. O êrro veio da América, que viu mal o despôrto inglês, e julgou que o povo britânico tentou fazer educação pela atividade desportiva. O despôrto é apenas um pretexto de uma educação moral já solidamente feita na família, na escola e na sociedade. ²²¹

Nesse discurso nota-se a preocupação que os defensores da educação católica expressavam com relação às novidades do modelo educacional norte-americano, que no artigo é expresso apenas pela desaprovação a uma suposta “sobrecarga” no que tange a atividade física. Na verdade o que incomodava não era só isso. É preciso ter em vista que as diferenças dos modelos educacionais católico e protestante diferiam em outros pontos tais como a co-educação entre os sexos, conteúdo (educação técnica versus educação humanística) e, por último, a maneira e a intensidade da prática dos esportes. Quanto a esta última questão, um outro artigo da *Brotéria* retrata os objetivos desta prática entre os católicos, bem como suas diferenças:

Distingamos claramente a diferença entre a educação física e o despôrto [...] estamos de acôrdo que a educação física é útil e mesmo necessária e a prova é que ela sempre se praticou nos colégios católicos, quanto ao despôrto, já não encontramos a mesma unidade de pareceres [...] mas será o despôrto, só por si, uma escola de castidade? Um meio eficaz para lutar contra a praga que ameaça a juventude, o hábito dissoluto que esgota, nos jovens a fonte da vida? É certo que a vontade mais forte resiste às tendências sexuais. Por outro lado graças a uma fadiga sã (cansar a bêsta diriam os antigos) que o exercício físico fomenta a inclinação para o mal se torna menor [...] o facto da obsessão pelo desafio desportivo evita imaginações impuras e conversas obscenas [...] porém a experiência não prova que o desportista se ache mais disposto a praticar boas acções que os outros. Já é tempo de nos referirmos aos abusos que se cometem a despeito do despôrto: nudismo e exibicionismo [...] contra o nudismo, a Igreja recomenda a virtude do pudor, contra o exibicionismo, recomenda-se a separação dos sexos nos exercícios de gymnástica e no despôrto. ²²²

²²¹ CALADO, 1939, pp 156-174.

²²² ROCHA, Antonio “Desporto e castidade” In: *Brotéria* vol. XXXIII, 1941, pp. 537-542.

A educação física aparece, nesse contexto, como um dos antídotos a serem ministrados contra a sexualidade latente dos jovens alunos, mais uma forma de controlar os corpos e auxiliar os educadores no processo de contenção dos pecados da carne na juventude, princípio básico da moralidade católico-cristã. As práticas esportivas que mais se destacaram no CAV foram: “*o esgrima, a ginástica e o futebol [...] onde as indumentárias próprias, bem ao estilo da época, revelavam traços influenciados pela tradição européia.*”²²³ O futebol aparece como a modalidade mais privilegiada, em termos de registros fotográficos. Esse fato permitiu notar duas mudanças significativas, em primeiro lugar, que no final da década de 1940, o estilo das roupas futebolísticas ficou mais leve, mais próximo dos padrões que atualmente são usados, denotando um certo abrandamento no controle dos corpos, pois passou a ser permitido aos alunos maiores mostrar uma maior parte das pernas (**comparar as fig. 9 e 10**). Em segundo lugar, a própria pose dos alunos parece mais solta e demonstram maior proximidade entre eles.

A educação física pode ser considerada como um dos alicerces para a construção da masculinidade na escola; no CAV, ela ganharia especial destaque, sobretudo nos anos 20 e 30 nos quais era ministrada preferencialmente por militares que não deixavam de lado treinamentos com bastão (**fig. 11**). Segundo José Madureira, “*há [no CAV] jogos de movimento, obrigatório para todos os alunos, além da escola de gymnastica e exercícios militares, a cargo de um oficial do Exército.*”²²⁴ Os objetivos dos educadores do CAV era, através de tais atividades, aguerrir o corpo dos jovens ensinando-os a defenderem-se e, ao mesmo tempo, reforçar o aspecto disciplinar, tão necessários para os padrões masculinos da época. A ginástica servia para incentivar a superação dos limites dos alunos e oferecer modelamento viril aos corpos. (**fig. 12**)

Se na realidade dos colégios jesuítas, o fato de fazer os jovens “cansar a besta” com a devida moderação (principalmente através dos esportes coletivos), não garantia o controle absoluto das energias sexuais, necessário se fazia um sólido lastro moral para inculcar nos alunos a castidade e virtuosismo moral, bem como alertar para os “perigos” advindos das práticas “imorais”, pois nas representações católicas acerca da sexualidade do gênero masculino, a tendência geral era acreditar na “fraqueza” do homem perante as tentações carnis, esta “fraqueza” seria a disponibilidade permanente para a prática da atividade sexual quando o homem se sentisse provocado pelas mulheres.

²²³ ALMEIDA, 2002, p. 248.

²²⁴ MADUREIRA, J. apud ALMEIDA, 2002, p. 248

O controle da sexualidade não era apenas tratado nos artigos da revista *Brotéria*. os educadores da instituição também deixaram registradas algumas de suas impressões por meio de algumas regras disciplinares ligadas a tal problema. Isso demonstra parte da realidade moral vivida pelo alunado. Eis a impressão de um professor do CAV, em 1940, quanto ao rigor da fiscalização da moral existente nas dependências do colégio:

(Fig. 9) Time de futebol de alunos do CAV, anos 20



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA
- BIBLIOTECA
Nº 528640
16/04/08

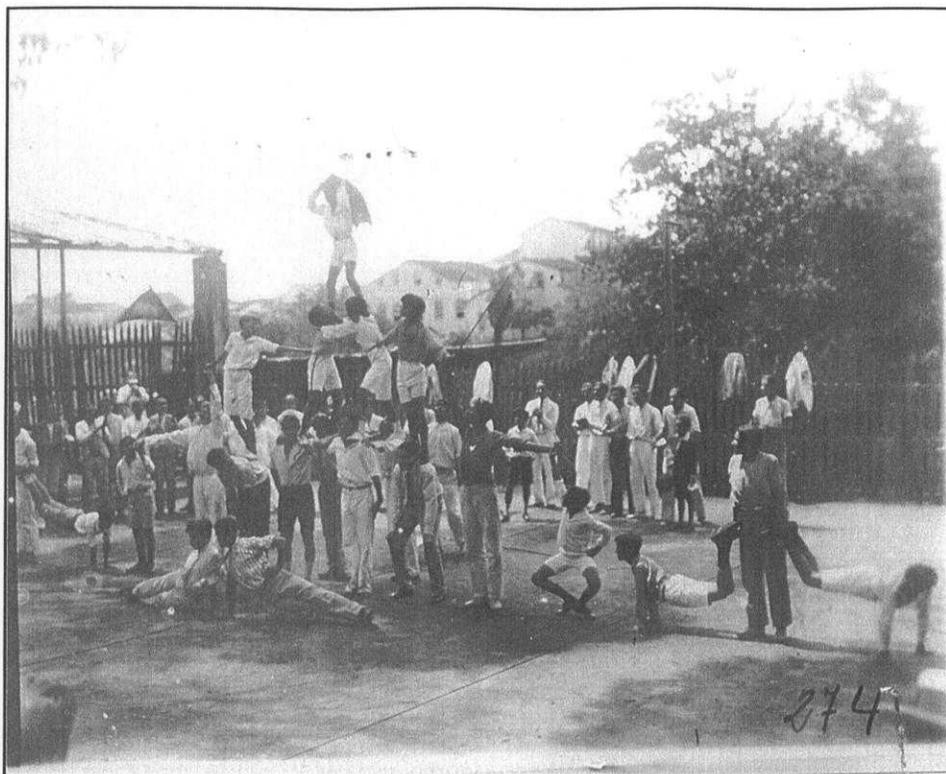
(Fig. 10) Time de futebol de alunos do CAV com um professor jesuíta, anos 40



(Fig. 11) Alunos do CAV praticando exercicios de bastão com militares, anos 20



(Fig. 12) Alunos em aula de ginástica, anos 20



O nosso regime é quase todo proibitivo. Num livrinho admirável sobre os colégios jesuítas, escrevia, em 1931, o P. Ayala, S.J. em relação à vigilância excessiva nos nossos colégios: “O que sentimos é que se exagera muito o princípio evidente da necessidade de vigilância e disciplina em nossos colégios: por que desta vigilância excessiva e temor contínuo de perigos morais nasce um estado de desconfiança mútua entre educadores e educandos: desta desconfiança, origina-se a destruição da liberdade. A destruição desta leva a um estado contínuo de violência e de mal-estar e finalmente este estado de espírito conduz a imoralidade.” Este é o resultado do excesso de vigilância: exaspera a sensibilidade e esta leva a buscar compensação!²²⁵

Naquela época os próprios padres já teciam análises críticas acerca da práxis pedagógica jesuíta, chegando ao ponto de um membro do corpo docente expressar sua desaprovação em relação ao rigor disciplinar aplicado no colégio, mas essas críticas não conseguiram atrair de maneira significativa os educadores da instituição. Isso está relacionado com a própria mudança da mentalidade da própria elite econômica da sociedade baiana que estava se afinando com propostas educacionais mais democráticas. Na segunda metade da década de 1940 (como veremos no tópico seguinte deste capítulo), apesar de todo um esforço dos jesuítas em contrário, o velho humanismo católico cedia espaço para os cursos de cunho mais *científico*, o que retratava as demandas sociais da época.

A postura daquele padre crítico passa a ser mais atípica, quando analisamos o contexto geral vivido pela educação brasileira durante o Estado Novo. Segundo Maria Lucia Hilsdorf “entre 1937 a 1945 as Leis Orgânicas procuraram regulamentar o cotidiano de professores e alunos, são visíveis no período do Estado Novo: [...] o controle do recreio e da disciplina, a adoção das classes homogêneas e do método único de leitura, a verificação do asseio corporal [...]”.²²⁶ Apesar do ambiente educacional brasileiro passar por um processo de intervenção governamental no sentido de intensificar o aparelho disciplinador nas escolas, no Colégio Vieira, mais uma vez um dos professores sinalizava para a necessidade de reavaliação deste aparelho. Essa posição tinha dupla finalidade: criar um ambiente mais agradável entre educando e educador, atraindo mais alunos e, ao mesmo tempo, prevenir atos imorais entre o alunado.

Com relação à questão da desconfiança entre padres e educandos, pude observá-la nos regulamentos do colégio dos anos de 1926 e de 1948, que evidenciam a existência de tal fato, bem como as punições específicas para os atentados contra a moralidade, em vários de seus artigos, senão vejamos:

²²⁵ BRAGANÇA, Francisco. “O internato” In: *Conferências dos professores da Baía e Recife*. Salvador: Tipografia Beneditina, 1940.p. 70

²²⁶ HILSDORF, Maria Lucia S. *História da educação brasileira*. S.Paulo:Thomsom, 2003. p. 102

reavaliação deste aparelho. Essa posição tinha dupla finalidade: criar um ambiente mais agradável entre educando e educador, atraindo mais alunos e, ao mesmo tempo, prevenir atos imorais entre o alunado.

Com relação à questão da desconfiança entre padres e educandos, pude observá-la nos regulamentos do colégio dos anos de 1926 e de 1948, que evidenciam a existência de tal fato, bem como as punições específicas para os atentados contra a moralidade, em vários de seus artigos, senão vejamos:

Comportamento Moral- 1926

10- Tratem de conservar a innocencia e a pureza de alma [...] estejam certos de que o aluno de coração viciado não pode ser grande estudante.

11-Saibam que tudo o que for palavra ou obra ofender os bons costumes será falta grave contra este ponto do regulamento.

12- É severamente prohibido aos alunos escrever ou passar bilhetes de uns para outros e também separarem-se para falar a sós e em segredo e buscarem-se com preferência os mesmos.

15- Não se permitem grupos nos recreios, nem que habitualmente andem dois a sós.

40- Na Enfermaria [...] é rigorosamente prohibido sair de um quarto sem licença e ainda mais o entrar no outro quarto.²²⁷

Parece mesmo que em meados da década de 1920, a questão da sexualidade aparecia de maneira mais evidente no cenário baiano, pelo menos no campo das artes; é o que relata um congregado mariano acadêmico no ano de 1925:

²²⁶ HILSDORF, Maria Lucia S. *História da educação brasileira*. S.Paulo:Thomsom, 2003. p. 102

²²⁷ REGULAMENTO DOS ALUNOS DO CAV, Salvador: Duas Américas, 1926

Houve entre nós, um cinema que não contente com as cenas indecorosas diariamente repetidas dentro de suas paredes, anunciou um desses espetáculos Só para Homens. Espalharam-se programas por toda a cidade, e no dia marcado, quando todas as famílias esperavam que a polícia não consentisse na realização de tal immoralidade, quem passasse pela rua onde está situada a immunda casa de diversões, pensaria tratar-se de uma briga, tal aglomeração de homens, se é que esse nome de homem pode ser applicado aos que ali tinham ido atraídos por tão baixos instintos [...].²²⁸

Essa realidade da vida social devia exacerbar a preocupação dos padres jesuítas no que se refere a questão do aumento da vigilância entre os alunos, principalmente entre aqueles de idade mais avançada, pois estes poderiam acessar de uma maneira mais efetiva as diversões consideradas como “deturpadoras morais”, que para os jesuítas seriam os filmes, panfletos e os livros sensualizantes. Isso sem falar nos prostíbulos. Isso fazia com que a questão da vigilância entre fosse levada muito a sério no CAV, os dormitórios, por exemplo eram constantemente vigiados e as camas eram dispostas de maneira a facilitar esse processo. (fig. 13)

O Problema Moral

- 1- Há grande imoralidade nos colégios, sobretudo nos internatos:
- 2- Sobretudo na segunda divisão, ou seja, onde o desenvolvimento das crianças se torna mais acentuado e o complexo sexual mais agudo;
- 3- O tristíssimo fato de que muitos vêm inocentes para os colégios e se pervertem antes do fim do ano;
- 4- Os alunos que saem do internato ou que nele vivem, *ceteris paribus*²²⁹, costumam, por via de regra, serem mais maliciosos que os outros;

Não se deve atribuir tudo ao caráter nacional, porque é falso. Na Alemanha, a imoralidade, sobretudo o homossexualismo, é superior à do Brasil.

²²⁸ LOPES, Octacílio de Carvalho. “Influência do cinema na sociedade.” In: *Congregação Mariana Acadêmica. Archivo Mariano Acadêmico*. Salvador: Imprensa Oficial do Estado, 1925 p 505

²²⁹ *Ceteris paribus* expressão do latim que significa: em todas as condições.

(Fig. 13) Dormitório do CAV, anos 20



Contudo a questão das “imoralidades” e das doenças venéreas entre os alunos internos, assustava, em 1948, um dos professores do colégio:

Como se pôde observar, mesmo o CAV não sendo um colégio co-educacional, teve que desenvolver mecanismos de fiscalização e punição específicas para os delitos da esfera sexual, tendo em vista que o controle da sexualidade, seja ele em um colégio coeducacional ou não, era algo difícil de ser administrado. Segundo Foucault o prédio da escola moderna “devia ser um aparelho de vigiar [...] prevenir a devassidão e a homossexualidade, imperativo de moralidade.”²³¹ Em se tratando de um colégio religioso, pude observar que as metas desse controle de maneira alguma, se dava como planejaram os padres jesuítas. Em outras palavras, o colégio não conseguia fazer dos próprios alunos do internato, homens piedosos e “castos”. objetivo maior da Companhia de Jesus para os seus futuros representantes.

A questão do comportamento moral dos alunos ainda deixava muito a desejar para os padrões da educação cristã oferecida pelo CAV. No ano de 1948, pude notar que a tentação do sensualismo era tido como um problema relevante entre os alunos, e parece ter aumentado, pois no regulamento daquele ano, já aparece uma regra expressa para punição dos alunos que atentassem contra a moralidade dos mesmos ou que induzisse os colegas a fazê-lo.

Comportamento Moral- 1948

21 - Será imediatamente despedido do Colégio todo aluno que se tornar culpado de ofensas contra a moralidade. Cometem falta grave contra esta regra os alunos que introduzem no Colégio quaisquer publicações ou escritos atentatórios aos bons costumes, assim como os que guardam ou passam aos colegas. [...]

39 - É expressamente proibido aos alunos formarem pequenos grupos, agarrarem-se, deitarem-se no chão, sair do recreio sem licença, jogar ou andar pelos pátios e muito mais dentro da casa sem camisa. [...]

79- No dormitório devem guardar o mais profundo silêncio e devem ter todo o cuidado com a limpeza e a boa ordem das coisas; No dormitório não podem comunicar com os outros, muito menos brincar, provocar desordens ou impedir o descanso dos colegas; Todos devem deitar-se e levantar-se na hora marcada; Todos devem vestir o roupão para irem ao banheiro. ²³²

²³¹ FOUCAULT, 2002, p. 147

²³² *REGULAMENTO DOS ALUNOS DO CAV*, Salvador: Duas Américas, 1948.

Os vários artigos dos regulamentos deixaram a impressão de que os educadores tinham grandes preocupações em evitar contatos mais íntimos entre os alunos. É de notar também que na década de 40, o problema se ampliou como veremos abaixo, porém isto não pode ser entendido como prova da existência de práticas homossexuais.

Entre estes educadores, parecia existir uma insegurança no que diz respeito à âncora sexual do gênero masculino. Em outras palavras pairava na verdade o medo de que os alunos escapulissem dos padrões e códigos que diziam respeito à masculinidade hegemônica. A impressão que ficou foi a de que a escola devesse funcionar como um porto seguro para esta âncora, a fim de garantir uma sedimentação dos papéis de gênero. Por outro lado, o CAV queria que seus alunos fossem exemplos de jovens castos, piedosos e refinados. E isso naturalmente dependia de um controle efetivo do nível físico dos educandos. Para o controle dos corpos surtir efeito cabia também o laborar do nível psíquico, isto é, uma transmissão de valores eficiente e bem planejada, é disso que tratarei no tópico seguinte.

3.2 A transmissão dos valores

Para a tradição católica de ensino, o ideal educativo norteador das suas atividades pedagógicas era a realização plena da natureza humana calcada na esfera espiritual, de acordo com os desígnios divinos. Dentro da visão jesuítica, esse ideal básico assumia proporções mais amplas: preparar o Homem para enfrentar os desafios da vida na seara material e, concomitantemente, aparelhar a sua alma para vencer os desvios espirituais que porventura surgissem como bloqueio ao desenvolvimento pleno e coeso de seu auto-conhecimento, um dos pressupostos básicos no seu caminho para a consagração divina.

A busca pelos melhores postos tanto materiais quanto espirituais se constituiu no ideal-mor dos jesuítas, sendo que o método para atingir este estado foi detalhadamente estudado. Grosso modo a ideologia dos inicianos pode ser desdobrada em cinco pontos basilares, os quais uma escola da Companhia devia se esmerar: a) estimular no homem a busca responsável da abundância de recursos para os embates da vida material; b) fornecer uma sólida formação estimuladora do espírito de liderança tanto para a esfera pública como para a privada; c) despertar a natureza racional e espiritual nos homens, objetivando atingir a “perfeição”; d) assegurar e dinamizar, através dos alunos, a defesa e a difusão da religião católica; e) difundir entre os homens que o compromisso maior e último destino do Ser Humano era a sua religião com Deus.

Na práxis pedagógica, o objetivo-mor concretizava-se a partir de algumas finalidades específicas, quais sejam: preparação formal para a realidade sócio-histórica da época e concomitantemente a manutenção do conteúdo humanístico proposto no *Ratio Studiorum*; esforço em melhorar as aptidões naturais dos educandos; negação, no que fosse possível, o ensino enciclopédico, utilização do lúdico nas atividades extra-classe: teatro, jogos e passeios. Essas características delineavam o enfoque básico dado ao ensino no primeiro grau do CAV (atualmente chamado de Ensino Fundamental I e II). Aliando-se a tais pressupostos, aparecia também a obediência às diretrizes emanadas pelo governo, mas nem por isso perdia-se de vista a dimensão humanística no ato de educar.

Já no segundo grau (atualmente chamado de Ensino Médio) a pedagogia do CAV adquiria características mais voltadas para alguns interesses imediatos da vida material: a preparação dos alunos para o ingresso ou no Colégio da Bahia (até início dos anos 40) ou nas Faculdades, o que tornava o currículo mais afinado com a formação laica. Este objetivo foi tão bem articulado que sua eficácia, permitiu ao Vieira colher, ao longo dos anos ótimos resultados, tendo o colégio inserido um grande número de alunos tanto no Colégio da Bahia como nos cursos de Nível Superior da Bahia.

Tratando-se de uma instituição confessional católica, a prioridade didática focava o inculcamento dos valores religiosos. Nesse sentido uma das disciplinas de maior peso era o ensino religioso, dividida em Catecismo (para os alunos menores) e Instrução Religiosa ou Apologética (para os maiores). A seguir, será trabalhada a transmissão dos valores religiosos e seu aspecto doutrinário para a formação religiosa, bem como a formação científica oferecida pela instituição. Dentre as estratégias empregadas para a inculcação dos valores religiosos e científico-culturais, destaco :

- a) *Integração* – nesse ponto tinha relevância a atuação das Congregações Marianas, espécie de agremiações que reunia crianças e jovens com o intuito de solidificar a formação católica de alunos e ex-lunos. Enquanto aporte secundário desse processo integrativo era também relevante a militância do escotismo junto ao colégio²³³.
- b) *Lições e preleções*, a primeira explorava os conteúdos da doutrina católica em geral e das outras disciplinas. Os alunos estudavam os conteúdos religiosos a partir de dois tipos de livro: um de Catecismo (pequeno, de conteúdo mais resumido,

²³³ Segundo ALMEIDA, 2002, p 230: “no CAV, o movimento dos escoteiros foi organizado nos anos 20 e 30 pelo padre Francisco Bragança de Tavares, que se tornou, dentre os jesuítas, um de seus principais responsáveis”

destinado às séries iniciais do primário) e outro de Apologética (de conteúdo mais denso, destinado às últimas séries do ensino fundamental I e ao ensino fundamental II). Já as *preleções*, referiam-se ao estudo da doutrina católica mais particularizada, baseando-se sobretudo em passagens da *Bíblia Sagrada*, tanto do Antigo como do Novo Testamento. As passagens escolhidas para estudo geralmente eram as passagens acerca das vidas de Santos e seus sermões e às datas festivas da Igreja.

- c) *Ações práticas*- consistia basicamente nas obrigações impostas aos alunos que incluía a ida compulsória às missas, o cumprimento dos horários e regras da instituição, a obrigatoriedade de assistir às aulas de religião e o estímulo à participação em rituais como a primeira comunhão e outros sacramentos

As congregações Marianas Masculinas (CC. MM.) foram instituídas pelo Superior Jesuíta João Leunius, em 1563 no Colégio Romano. Mais tarde, em 1584, foi reconhecida canonicamente pelo papa Gregório XIII. Em 1751, o Sumo Pontífice Benedito XIV, agregou às CC. MM., as Congregações Marianas Femininas. Depois disso a Igreja Católica, através de uma série de Bulas e outros decretos editados ao longo dos anos, veio aprovando a existência, homenageando as ações e concedendo privilégios a estas agremiações.²³⁴ O próprio Papa, em 1948 afirmava que essas Congregações “*devem ser tidas na conta de exército, valoroso e de forças espirituais empenhadas em defender, expandir e amparar a causa católica.*”²³⁵, atestando, o prestígio das Congregações.

Um conjunto de valores é mais eficazmente reforçado quando transmitido através de um processo operacional complexo, ou seja, a partir de um mecanismo que permite a vivência através de experiências cotidianas, nesse sentido a própria dinâmica das atividades desenvolvidas no dia-a-dia do CAV garantia tal processo. Mas a formatação dos comportamentos e ações destes alunos iam além das atividades escolares. Nesse sentido de reforço da ação pedagógica jesuítica e, a fim de divulgar os valores católicos junto a sociedade baiana, destacava-se a atuação das CC. MM.

Voltando à relação da transmissão de valores no CAV, destaco o papel das CC. MM., por entender que neste processo o “exército jovem” da Igreja Católica conseguiu marcar não só o cotidiano do colégio, mas a vida cultural da sociedade baiana. Elas dividiam-se em duas

²³⁴ ANTHURUS, Alonso. *Manual dos congregados marianos*. Confederação Nacional das Congregações Marianas: Rio de Janeiro, pp. 7-10

²³⁵ ARTHURUS, 1949, pp. 2-3

categorias: a Congregação Mariana Acadêmica (CMA) e as diversas Congregações Marianas dos alunos, ambas primavam pela defesa dos valores católicos.

Os jesuítas da Província Portuguesa, em pouco tempo nas terras baianas, 1912, fundaram uma CC.MM., que logo foi seguida por outras, entrando as mesmas rapidamente em pleno funcionamento. Nesse ínterim surge também a CMA, segundo Stela Almeida:

Os padres jesuítas fundaram em Salvador, em 1916 a Congregação da Imaculada Conceição e São José, mais conhecida como CMA. Esta Congregação teve um papel significativo na sociedade baiana dos anos 20 e 30, agregando segmentos sociais de destaque na vida política, econômica e religiosa da cidade.²³⁶

O anuário de 1917 indica que naquele ano já existiam três CC.MM.: Nossa Senhora do Bom Conselho e Santo Estanislau, Nossa Senhora da Assunção e São João Berchmans, Nossa Senhora da Anunciação e São Luiz Gonzaga.²³⁷ No ano de 1922, aparece uma outra Congregação Mariana, a de Nossa Senhora da Apresentação e do Anjo da Guarda. Daí em diante, não há nos anuários, referências à criação de novas CC.MM. Essas Congregações estruturavam-se e funcionavam segundo várias normas:

o que importa sobretudo, ao número de sodalícios são as normas e leis, que por assim dizer, os Congregados [...], graças especialmente ao uso de meios proveitosos, sejam aplicados na formação de perfeitos sequazes de Cristo, que pratiquem os Exercícios Espirituais, a freqüência aos Sacramentos, a sinceridade e a docilidade filial para como o padre espiritual e a inteira e perene doação de si mesmo ao serviço da Virgem Santíssima e finalmente o propósito de adquirir a perfeição cristã.²³⁸

Além de assumir tais compromissos, os congregados tinham que respeitar as estruturas hierárquicas do clero. As CC. MM. podiam ser regidas por padres jesuítas, pelo Bispo da cidade ou por párocos do clero secular, mas a jurisdição geral das mesmas recaía sempre sobre o Bispo. Estas Congregações “*proclamavam suas próprias leis aprovadas pela Igreja*”²³⁹ elas possuíam estatutos próprios, compostos pelas *Regras Comuns* e pelas *Regras específicas* ou *particulares*.²⁴⁰

Seus associados agrupavam-se em três categorias, cada uma delas desempenhavam papéis correspondentes ao seu “status quo”. No topo, sempre próximo ao padre Diretor, vinha os dignatários ou Oficiais Maiores²⁴¹ que refletiam a imagem de uma elite política dirigente.

²³⁶ ALMEIDA, 2002, p. 185

²³⁷ Anuário do CAV de 1917, p. 59

²³⁸ ARTHURUS, 1949, p. 4

²³⁹ Idem, p. 12

²⁴⁰ “A alma das Congregações são as Regras. Umam referem-se a todas as Congregações e chamam-se comuns. Outras só servem para algumas Congregações, regulando atos peculiares delas, chamam-se particulares. In: ARTHURUS, 1949, p. 33

²⁴¹ “Para ajudar o Padre Diretor, há um corpo de Congregados, constando do Presidente, dois Assistentes,

uma espécie de diretoria que mantinham posição de destaque. Em segundo lugar, em número mais avantajado, apareciam os congregados que podiam ainda ocupar o posto de Oficiais Menores²⁴² e, em seguida, os candidatos ou aspirantes. Estes, para serem admitidos definitivamente, tinham que cumprir um tempo de observação nunca inferior a dois meses.

Além disso, uma outra recomendação das autoridades católicas para as Congregações Marianas era no sentido de se evitar a aproximação mais íntima entre classes sociais diferenciadas. Tal recomendação foi assim retratada no manual dos congregados: *“na Congregação de uma classe ou condição de pessoas não se pode admitir pessoa de outra classe ou condição, a não ser que o Diretor, por justas razões julgue de outro modo”*²⁴³.

A organização destas CC.MM. reproduzem, ainda que de forma sutil, a estrutura de uma sociedade de classes. Os dignatários, por exemplo, estavam no topo da organização e, eram os membros mais condecorados, isso devido ao ideal de emulação presente também nas Congregações. Na verdade estimulava-se ao alunado aceitar e, de certa forma, reproduzir os valores ideológicos de classe, nesse caso os da elite econômica, isto é, assumir os postos de direção na sociedade. Vejamos o que dizia o padre Camilo Torrend, em 1931, sobre a atividade dos congregados acadêmicos de Natal:

O pe. Torrend ficou maravilhado ao ver a pujança daqueles 30 rapazes (membros da C.M.A.), com escola comercial própria deles, com banco para emprestar aos operários, com um diário “A ordem” semeador da boa doutrina, e com uma influência extraordinária, por todo o estado [...] em 1935, um surto comunista implantou o regime vermelho em Natal e os exaltados queriam arrasar o banco do congregados [...] era o banco que aliviava a classe pobre da cidade.²⁴⁴

Nota-se assim que os congregados acadêmicos realmente formavam um grupo seletivo e reduzido²⁴⁵, que não só reproduziam a estrutura de classes sociais local e os papéis de gênero (notar que as Congregações femininas não gozavam desta estrutura bem montada e apareciam muito menos que as masculinas), mas utilizavam-se inclusive de um dos aparelhos ideológicos mais eficientes na perpetuação de valores na época, a imprensa escrita. As

Secretário, seis ou mais Consultores, Instrutor dos Candidatos e Tesoureiro, são estes os oficiais Maiores.” In: ARTHURUS, 1949, pp. 41 e 42

²⁴² “ São Sacristães, Bibliotecários e Leitores que exercem ofícios meramente executivos.” In: ARTHURUS, 1949, p.42

²⁴³ Idem, p. 43

²⁴⁴ TORREND, Camilo. *Alguns dados biográficos de C.T.* Salvador, 1948, p. 46 mimeografado.

²⁴⁵ Segundo ALMEIDA, 2002, pp 185-187: a CMA de Salvador foi “inicialmente composta por cinco acadêmicos das escolas superiores, acrescida, a seguir por mais três membros [...] ao longo dos seus dez primeiros anos de funcionamento passou a agregar centenas de jovens [...] em fins de 1921, chega a Salvador o estandarte da Congregação [...] as imagens do mesmo evidenciam sinais de opulência e riqueza.”

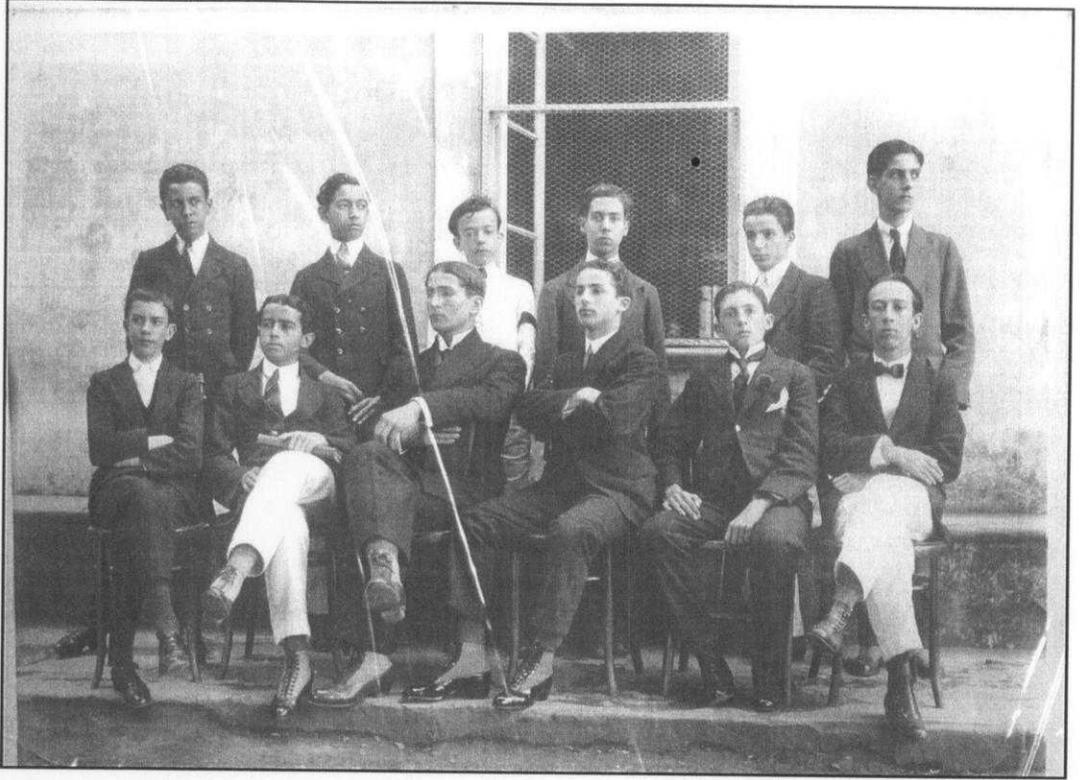
imagens dos *Grupos Fotográficos* do CAV, não deixam dúvidas sobre a elitização e opulência desta agremiação (**fig. 14**).

Nas congregações assim como nos colégio, os alunos distribuíam-se de acordo com a faixa etária (maiores 1ª divisão, médios 2ª divisão e menores 3ª divisão). Os menores geralmente agregavam-se na Congregação de Nossa Senhora da Apresentação e do Santo Anjo da Guarda, já os maiores afiliavam-se às de Nossa Senhora do Bom Conselho e Santo Estanislau e a de Nossa Senhora da Anunciação e São Luiz Gonzaga. Ao ingressar numa dessas CC.MM., os alunos, além de aceitar as regras descritas anteriormente assumiam ainda um compromisso importante: imitar as virtudes dos santos patronos. Assim quem era afiliado à Congregação de Santo Estanislau deveria primar pelas virtudes marcantes desse santo, quais sejam: humildade, paciência, obediência e assim por diante. Como dito anteriormente, as Congregações Marianas ocupavam um lugar de destaque dentro do CAV, a dos Acadêmicos organizava, inclusive, festas de grande importância na vida social da cidade: até a década de 1930 as mesmas ocorriam em locais freqüentados por autoridades da Bahia:

A festa da Congregação Mariana Acadêmica e do Colgo ocorreu no Gabinete Português de Leitura, presidindo-a o Governador do Estado [...] o Dr. Governador felicitou a todos depois de ter proferido a fé católica e elogios aos colégios que levam os alunos a practica da cidadania[...] durante a sessão tocou a banda militar. Assistiram os alunos e alguns professores ²⁴⁶.

²⁴⁶ *DIÁRIO DO CAV vol 1, maio de 1924, p.265*

(Fig. 14) Congregados Marianos, anos 20



Formar lideranças católicas, tanto para ocupar posições dentro da estrutura eclesial, como para atuar na esfera social fora da Igreja, eis o principal objetivo destas Congregações. Assim, o culto à Maria era uma atividade de relevo, não só para quem era de alguma das Congregações, mas para o corpo discente e docente da instituição como um todo.²⁴⁷ Nesse sentido as homenagens à referida virgem e as outras atividades das CC.MM. não deviam chocar-se com os horários das atividades pedagógicas do CAV, nem tampouco com os ideais formativos, a questão era oferecer formação complementar de acordo com as deliberações da Igreja Católica:

Não é portanto, mera casualidade o colocar da Igreja a educação dos rapazes debaixo da proteção da Santíssima Virgem. Talvez alguns julgassem mais apropriado o patrocínio dos Santos jovens; mas nós temos de reconhecer que a Igreja deu provas dum profundo conhecimento do Homem, ao colocar os jovens debaixo do patrocínio de Maria.²⁴⁸

As homenagens à Santa Maria, no CAV, eram mais numerosas e suntuosas que as prestadas ao próprio Santo Inácio, patrono da Ordem dos Jesuítas, e isso se revelou como algo intencional partir da análise de discursos como o retratado acima, que revela ser, tal culto, algo intencional. Tratava-se de uma reverência e respeito a uma “mulher exemplar”, detentora de qualidades exaltáveis, e não a um homem. O culto a Maria veio revelar aspectos importantes para a compreensão das relações sociais e de gênero no CAV:

O jovem que ainda não se corrompeu, tem um grande respeito por sua mãe. Nos anos de juventude vê muito melhor o que lhe deve do que nos anos de infância. Assim se explica que, embora, regra geral, aconselhemos aos rapazes o culto dos Santos e às raparigas o das Santas, façamos excepção quando se trata do culto a Maria, e, por ela ser a mãe de todos os cristãos, como tal a proponhamos aos jovens, colocando-os debaixo de sua especial protecção [...] Outro dado também muito interessante é a experiência que no-lo oferece: o culto de Maria não comunica aos jovens sentimentalismo, brandura, efeminação; ao contrário, muda-se em fonte riquíssima de energia varonil, de vontade firme, de heroísmo moral.²⁴⁹

O discurso acima indica o peso que os papéis de gênero ocupavam na preleção católica, segundo o qual as mulheres “normais” poderiam passar para os homens apenas sentimentos feminis, o que poderia comprometer a formação “saudável” da masculinidade e

²⁴⁷ Em várias anotações dos Diários do CAV entre as décadas de 1910 a 1940, encontrei referências sobre os rituais de homenagem à Virgem Santíssima durante os meses de maio (mês de Maria), junho, agosto e outubro.

²⁴⁸ TOTH, Tihamer. *Como educar a juventude*. Coimbra: Coimbra Editora Ltda., 1953. p. 193

vice-versa. Daí a recomendação geral da Igreja católica ao culto compartimentado em termos de gênero, ou seja, *a priori*, os rapazes deviam cultuar santos homens e as moças prestar homenagens às santas. Mas eis que existia uma exceção e, naturalmente esse papel cabia à mãe de Jesus Cristo, uma mulher exemplo de pureza e virtuosismo. Mas a relevância do culto à Virgem Santíssima não se resumia apenas ao reforço das características masculinas nem no respeito às mães, ia além:

O culto a Maria aumenta o respeito do jovem pelo sexo feminino, e ele [o estudante] que ama com amor puro a Maria, não amará com amor impuro a outra mulher [...] A devoção a Maria é a primeira homenagem que a humanidade presta à mulher, homenagem que se não dirige ao sexo, mas ao eterno ideal feminino.²⁵⁰

Aparece aqui mais duas premissas que regiam as relações entre os gêneros na primeira metade do século XX, quais sejam, o cultivo de um ideal romântico para fins matrimoniais e o respeito que deveria ser cultivado pelos homens em relação ao “sexo frágil.” isto é, existia um “ideal de mulher”, qualquer transgressão que maculasse essa visão idealizada do modelo feminino, seria passível de censura. Assim era necessário reforçar no elemento masculino esta visão idealizada:

Um dos melhores resultados do cristianismo é ter guiado o homem a tais sentimentos [de respeito às mulheres] e ter-lhe revelado a mulher, justamente para o salvar da mulher. Maria contra Eva! Maria... em defesa de Eva e também em defesa do nosso velho Adão.²⁵¹

Nesse trecho, pode-se também observar que os padres não escondiam o objetivo-mor dos colégios confessionais de formar alunos castos, fosse para engrossar o quadro efetivo da Igreja católica, fosse para aprender a arte de dominar os impulsos genésicos (no caso dos alunos não demonstrar inclinação para o sacerdócio). O culto a Maria (**fig. 15**), então, aparece como um sublimador do desejo dos meninos em terem, de alguma forma, contato com a presença feminina. Eis que, trazendo para junto dos mesmos uma aura feminina “santificada” esse desejo estaria sendo aplacado.

A luta contra o pecado, não é mais que um aspecto – o aspecto negativo – da educação cristã, mais importante é a educação dos jovens para as virtudes positivas...A grande lacuna dos nossos manuais de moral é tratarem muito mais do “pecado”, do mal, do que da “virtude”, do bem [...] As palavras que seguem contêm uma profunda observação psicológica. No jovem são, há muita energia que se deve aproveitar, porque a essência da força é que quer abrir caminho.²⁵²

²⁴⁹ TOTH, 1953. p. 193

²⁵⁰ *idem*, p. 145

²⁵¹ FOERSTER *Orientação da vida*. Berlim, 1909, apud TOTH, 1953 p 145

²⁵² TOTH, 1953. p.12

(Fig. 15) Imagem de Nossa Senhora, anos 20-30



Além do objetivo descrito, era melhor aproximar e incentivar os alunos a respeitarem o modelo feminino puro (Maria), a deixar que os mesmos se deixassem seduzir pelo modelo feminino “impuro” (Eva), trazendo para o meio escolar uma questão básica contida no mito fundador da espécie humana: a eterna luta da virtude contra o pecado, do imaculado contra o maculado.

Mesmo os alunos que não tivessem um comportamento cristão exemplar uma (das regras para ingresso nas Congregações) eram estimulados a freqüentarem outras agremiações de menor porte e de organização mais simples, como o Apostolado da Oração.²⁵³ Os jesuítas empenhavam-se para que, se não todos, pelo menos a maioria dos alunos fizesse parte destas agremiações religiosas, reforçando uma formação católica mais sólida.

Cabe aqui também analisar as estratégias desenvolvidas pelo CAV no sentido de formar lideranças não católicas, como foi dito anteriormente, os jesuítas já haviam percebido que os seus esforços em formar futuros padres não rendiam tanto frutos como esperavam, portanto no final dos anos 30, os padres despendiam energia também na formação de líderes católicos.

Com efeito, é desse período a ligação do colégio com a Ação Católica (A.C.). Segundo a Pastoral Católica a A.C.:

Marcou a Igreja em todo o mundo por quatro décadas de 1930 a fins de 1960. Originalmente como uma forma de aglutinar os leigos católicos para campanhas contra o materialismo consumista do capitalismo e contra o comunismo, aos poucos transformou-se no grande veículo de participação dos leigos na vida intra-clerical.²⁵⁴

Teve a mesma muita influência na sociedade brasileira durante a década de 1930. “a Ação Católica [...] conseguia apoio em muitos setores das classes médias [...] e tinha algumas ligações com o Integralismo.”²⁵⁵ Uma das bandeiras defendidas pela A.C. era a formação de lideranças leigas. Nesse sentido, utilizavam uma bibliografia específica, que trazia passo a passo como despertar o espírito de comando nos jovens.²⁵⁶ Essa proposta estava de acordo com o ideal formativo do CAV, que a *priori* queria unir esse “espírito” de liderança com as virtudes da piedade e castidade, mas os tempos eram outros e o despertar de vocações

²⁵³ Os anuários do colégio trazem os nomes de alunos que participavam desses grupos e seus presidentes, muitos deles de tradicionais famílias baianas.

²⁵⁴ PASTORAL DA JUVENTUDE CATÓLICA. *Breve História da Ação Católica*. Disponibilizado em <http://www.jjimp.org.br/historia> Acessado em 12/12/2003

²⁵⁵ SCHWARTZMAN, Simon “A política da Igreja e a educação: o sentido de um pacto” In: *Religião e sociedade*. Rio de Janeiro: FGV, 1986, pp 108-127.

²⁵⁶ ORTIZ, Carlos. *Dai-nos chefes, senhor!* Campinas: Tipografia Paulista, 1939

religiosas nos alunos estava cada vez mais difícil, portanto a estratégia da formação das lideranças podia priorizar, naquele momento, os leigos.

Segundo Ortiz, cabia à Ação Católica e também à Igreja como um todo, formar os dirigentes leigos e assistir, posteriormente, as suas ações: *“chefes leigos, eis o que precisamos[...] para triunfo da A.C. em terras do Brasil. falta-nos chefes, precisamos de chefes.”*²⁵⁷ Em outras passagens o autor exorta a necessidade de totalitarismo na formação dos jovens:

A formação dos chefes leigos deve ser totalitária [...] sim porque a A.C. é totalitária, por que a Igreja é totalitária [...] pois o homem pertence inteirinho à Igreja [...] para os leigos da A.C. o que importa, além da formação moral e religiosa é a formação intelectual, social, profissional, sentimental e familiar.²⁵⁸

A opinião apresentada defende os dirigentes totalitários, é o reflexo da conjuntura política dessa época, já que o Brasil vivia sob a ditadura do presidente Getúlio Vargas no chamado Estado Novo. Este presidente era simpatizante do nazi-fascismo que estava em voga no momento, portanto o “clima” era de defesa de governos “fortes”. Essa postura do governo Federal encontrou eco no catolicismo que desde a Intentona Comunista, passou a apoiar de maneira irrestrita a Ditadura de Vargas, na chamada “reação conservadora” que acentuou a união entre Igreja Católica, movimento integralista e Forças Armadas.²⁵⁹

A doutrina católica aproxima-se cada vez mais das idéias políticas daquele contexto, até a “piedade”, uma das virtudes mais exaltadas pelos educadores do CAV, não era incentivada e nem recomendada pelos membros da A.C.:

Enganam-se os que pensam na possibilidade dessa formação de A.C. ser piedosa [...] como se podem por a solucionar num ambiente de Congregação Mariana, por exemplo, problemas tipicamente sociais ou profissionais, problemas operários, sindicais, pedagógicos, etc. Como se estudarão num ambiente de filhas de Maria, os problemas que hoje se põe num lar moderno? [...] a formação religiosa em A.C., nós a encaramos de modo bastante diverso de como a encaram geralmente as rodas piedosas²⁶⁰

Essa postura, de crítica à formação piedosa se compreendida pelo prisma dos fatores políticos, encontra eco em dois fatos importantes na época: a postura da ditadura de Vargas em colocar a educação a serviço do Estado e o próprio combate empreendido pelo mesmo em barrar o crescimento das idéias socialistas no Brasil.²⁶¹ No diário do Colégio, encontrei referência também à visita do líder integralista Plínio Salgado ao CAV, sendo o mesmo muito

²⁵⁷ ORTIZ, 1939, p. 11.

²⁵⁸ Idem, p. 61.

²⁵⁹ SCHWARTZMAN, 1986, p.121

²⁶⁰ ORTIZ, 1939, pp. 61-62

²⁶¹ Ver a esse respeito, dentre outros: GHIRALDELLI JR, P. *História da educação*. Rio de Janeiro: Cortez ,

homenageado,²⁶² além disso existem vários artigos científicos escritos pelos padres jesuítas e por intelectuais que criticavam o “materialismo comunista”²⁶³

Estudando a transmissão de valores no CAV, identifiquei pelo menos três fases distintas que marcaram o funcionamento do colégio no período de 1911 a 1949: a primeira vai de 1911 até a primeira metade dos anos 20 – fase de consolidação, da reação de setores contrários aos jesuítas, da busca por espaço na área educacional; a segunda, vai da última metade dos anos 20 até final dos anos 30 – fase do apogeu, da mudança de sede, de um currículo mais humanista e, a terceira começa nos anos 40– fase de novos desafios (implantação do 2º grau e mudanças no curso primário na instituição), de uma educação menos rígida e de adaptações a Lei de Diretrizes e Base de 1946

Na primeira fase, a disciplina austera era a tônica da vida do CAV, os alunos eram exortados a cumprir regras que cuidavam de pequenos detalhes da vida cotidiana do colégio. A disciplina estava presente em tudo, desde a entrada na instituição, durante as aulas, nos recreios e se estendendo até a saída dos alunos. Através de um esmerado controle dos corpos, como descrito por Octávio Bulcão, buscava-se inculcar valores hierárquicos:

O subdiretor do colégio era o organizador das filas, conhecido pela disciplina que impunha [...] colocava-se no topo da escada, entre os dois platôs dos recreios [...] trazia na cintura uma faixa e no pescoço uma fita de seda preta, prendendo um apito niquelado que representava o poder de sua autoridade. Ele mantinha uma disciplina rigorosa, principalmente nas filas, em que reunia todos os cursos. [...] ele sabia impor-se era um verdadeiro representante da autocracia: com um simples levantar de dedo indicador, as filas se formavam, em número de sete, correspondentes aos diversos cursos [...] os alunos impecáveis observavam seus gestos e os toques de apito. As palavras eram raras e quando pronunciadas eram secas e duras [...] gesticulando com o dedo indicador, ele fazia o sinal para os diversos cursos, assim iniciava-se a marcha das diversas filas. [...] quando acontecia algum aluno tropeçar, quase sempre devido à brincadeira de algum colega, ou sair da fila, ele o chamava para o seu gabinete e dava um castigo: copiar 40 páginas da Antologia Nacional.²⁶⁴

Observa-se que o aspecto disciplinar do CAV dos anos 20, era mais ou menos parecido com a de um quartel, ou seja, exigia uniformidade do corpo discente, respeito profundo ao aspecto hierárquico, podendo ser inclusive punitivo quando a autoridade do orientador não era acatada. Mais adiante veremos que isso se refletia na transmissão dos conhecimentos, bem como na organização do currículo da época.

1997.

²⁶² Diário do CAV, vol. 2, 1936 p 287

²⁶³ Vários artigos da revista *Brotéria* criticam severamente as ideias socialistas em todo o mundo, a exemplo: TAVARES, J.S. “O bolchevismo”, 1920, Vol XVIII pp 129-132

²⁶⁴ BULCÃO, Octávio de A. *O colégio Antonio Vieira do meu tempo: 1927-1933*. Salvador: Sem editora, 1977, pp. 56-57

Consultando a documentação referente ao currículo do Colégio, observamos que as disciplinas ministradas no CAV, organizavam os saberes escolares de acordo com as convicções da instituição, mas não esqueciam as demandas sociais. Nesse sentido o currículo variava ao longo do tempo no sentido de atender às necessidades do contexto social. Um dos aspectos que refletem mudanças é o disciplinar. no CAV a modificação pode ser traduzida pela importância dada ao quesito comportamento na formação dos alunos. Para se ter uma idéia, entre as décadas 1910 a 1930, tal quesito era bastante exigido por parte da instituição, fosse nas séries iniciais ou no último ano do curso existente no Colégio. Já na década de 1940 a exigência em relação a tal quesito passou a ser mais amena. **(ver anexo)**.

Estudando os currículos consegui identificar algumas mudanças no processo da transmissão de valores no que tange às disciplinas. Essas mudanças tanto refletiam as exigências legislativas e sociais da época, quanto as deliberações mais específicas da Companhia.

A grade curricular da instituição revelou aspectos interessantes nesse sentido. No início da década de 1910, notei que o CAV ainda se adaptava à realidade cultural baiana e não colocava em prática, na seara da transmissão dos conhecimentos, todo o potencial jesuítico que se poderia explorar em termos das humanidades. Entre 1911 a 1914, o latim, não aparecia entre as disciplinas obrigatórias do currículo, em nenhuma das séries existentes no colégio.

No último ano do curso primário de 1912, por exemplo, os alunos estudavam uma língua moderna (francês), por outro lado, a matemática era lecionada seguindo a divisão clássica (aritmética e álgebra) e, os alunos não tinham acesso a conhecimentos ligados às ciências naturais, denotando assim, certo peso humanístico. A última série do curso ginásial, por seu turno, guardava as mesmas características da série descrita anteriormente, ou seja, a ênfase nos estudos das línguas modernas (francês e inglês) e, em contrapartida, pouca intensidade nos estudos das ciências naturais (química e física ministradas numa única cadeira).

A partir de 1916, porém, um ensino mais humanístico passou a ser ensinado no CAV. O latim começou a ser ministrado em todas as séries do curso ginásial (do 1º ao 4º ano), mantendo-se assim até o final da década.

Nos anos 20, as estratégias mudam. Em primeiro lugar destaco a questão disciplinar, a qual passa a ser mensurada e acompanhada de uma maneira mais precisa. Além do comportamento continuar a ser importante dentro de todas as outras disciplinas (a média em cada uma delas era o resultado de três avaliações: comportamento, oral e escrita), o mesmo passou a ter uma cadeira exclusiva que era dividida em modalidades específicas (civil,

religioso, aplicação e disciplinar). Isso reforça o que escreveu Octávio Bulcão (ex-aluno dos anos 20) em seu livro de memórias do Colégio, onde destacou o peso da questão disciplinar no final da segunda década do século XX. Em termos curriculares as mudanças são sutis, apenas diminuiu-se a ênfase no estudo das línguas modernas.

A segunda metade da década de 1930 trouxe consigo mudanças mais vigorosas com relação ao currículo, sobretudo no que tangia aos estudos humanísticos, que no geral, perderam espaço (ministrado apenas nos dois últimos anos do ginásio). Na última série do curso primário, por exemplo, passou-se a ministrar uma disciplina na área das ciências naturais. Ganhou mais espaço também no curso ginásial, o ensino das ciências exatas e naturais (história natural, física e química começaram a aparecer separadas). Embora a divisão clássica da matemática persistisse, aparecia também o estudo da trigonometria e da geometria.

Uma outra mudança foi o ensino do desenho já no curso primário. Com relação à cadeira de comportamento, a única mudança foi o surgimento de uma nova modalidade (jogos), reflexo do crescimento dessas atividades na sociedade baiana e das orientações do Governo Federal o resultado disto foi que no CAV a tradição esportiva ganhou mais espaço.

Os anos de 1940 guardaram uma série de desafios para o corpo docente do CAV. Em primeiro lugar tem-se a questão das mudanças propiciadas pela nova Constituição de 1937 do governo de Getúlio Vargas, que sistematizou e aumentou a burocracia no setor educacional brasileiro e exigiu também mudanças nos programas das disciplinas, tais como, ênfase no nacionalismo e nos estudos acerca da cultura e do espaço nacionais e na formação cívica. Vivendo nessa atmosfera, o colégio procurou adaptar-se a nova realidade da educação brasileira. A partir de 1943, além de cumprir as exigências do Estado Novo, a instituição passou a ter os cursos de segundo grau em duas modalidades: Científico e Clássico.

O currículo da 4^a série dos cursos primário e ginásial continuou a dar ênfase nas humanidades, isso se refletia no estudo do latim apesar de manter o ensino das línguas modernas naquela série (português, francês, inglês e latim). Nessa época, os jesuítas portugueses empreendiam uma verdadeira cruzada para tentar recuperar a influência e o prestígio do ensino tradicional das humanidades:

O problema escolar não pode ser resolvido apenas com a bifurcação dos cursos em ciências e letras [...] essa bifurcação ocasiona forçosamente uma baixa no nível dos estudos [...] a única solução é voltarmos pura e simplesmente aos programas humanísticos [...] esta é a solução encontrada por pelos grandes professores e pedagogos lá fora (França, Inglaterra e EUA). Arlindo Vieira, na obra citada por nós (O problema do ensino secundário, R. de Janeiro, 1936), conta que o pedagogo francês George Readers, depois de seis meses de observação do ensino secundário no Brasil, como director do Liceu Luso-Brasileiro de São Paulo, teve uma impressão desfavorável [...] tanto ele como outros professores franceses resolveram trabalhar na reabilitação do ensino brasileiro [...] não acharam outro remédio [...]

senão a adoção do humanismo clássico e o conseqüente abandono do enciclopedismo ridículo [...] tratou de conciliar o ensino do latim com os actuais programas.²⁶⁵

Ainda que os educadores do CAV procurassem seguir a recomendação dos jesuítas portugueses de revitalização do ensino das humanidades, ao mesmo tempo, tentavam oferecer uma educação moderna, nesse sentido, adotavam cada vez mais um currículo híbrido. Porquanto, ensinava-se o latim da 1ª a 4ª série do curso ginásial, em concomitância com as disciplinas exigidas pelos tempos modernos, por exemplo, em 1944, incluiu-se no currículo Trabalhos Manuais²⁶⁶ que conviviam durante todo ginásio com a disciplina Canto Orfeônico.

É também dos anos 40, outras duas mudanças curriculares das mais importantes: o fim da exigência do registro formal das notas para Instrução Religiosa (catecismo e apologética), bem como da disciplina Comportamento. Isso demonstra claramente um novo rumo na transmissão de valores do CAV, que na verdade não destoa da orientação geral da Companhia de Jesus, isto é, adaptar os currículos tantas e quantas vezes fossem necessárias, com o objetivo maior de manter a qualidade e o bom funcionamento de suas escolas em todo o mundo. Não poderia deixar de assinalar também a tendência dos alunos vieirenses em buscar os cursos acadêmicos de Medicina, pois as turmas do Clássico eram muito menores que as do Científico, ou seja, os alunos tentavam ingressar carreiras tidas como masculinas e na verdade o era, como vimos no capítulo primeiro.

Durante esta década e nas anteriores, o CAV não adotava nenhuma disciplina específica em seu currículo para formação do gênero masculino, ao contrário do que acontecia com as escolas femininas da época. O próprio escotismo, que nas décadas de 1910 e 1920 tinha a função de estimular através de exercícios práticos, realizados optativamente e em regime extra-classe, uma formação complementar sedimentadora de valores masculinos entre os jovens, já não existia mais nos anos 40. O Dr. Edivaldo Boaventura, assim se referiu ao mesmo:

Escotismo? Não me lembro de escotismo nesta época, de atividade complementar tinha os aficcionados em futebol, era praticamente esse o esporte... e também a corrida, mas o escotismo não é de minha época. Tinha também a Congregação Mariana e o Coral, eu participei muito dessas duas últimas atividades.²⁶⁷

O quadro pedagógico e administrativo do CAV era formado só por figuras masculinas, ou seja, buscava-se educar pelo exemplo, seguindo a orientação católica de não comprometer

²⁶⁵ ROCHA, A. "A formação pelas humanidades" In: *Brotéria*, vol 33 Lisboa, 1941, pp 22-24

²⁶⁶ Notar que nesta época disciplinas como esta estavam sendo adotadas na maioria dos colégios de Ensino Fundamental (5ª a 8ª séries) devido à influência do movimento escolanovista que se baseava nas idéias do educador e filósofo americano John Dewey, defensor de uma educação mais prática.

a formação dos gêneros com a presença do sexo oposto, como nos informa o ex-professor José Newton de Souza:

O corpo docente era completamente masculino, bem como o discente e o administrativo... nesse ambiente se cultivava uma harmonia sem prejuízo da graduação hierárquica. fosse entre o corpo docente, discente ou no administrativo.²⁶⁸

Através das fontes orais e escritas ficou explícito que a transmissão de valores no CAV era bastante consistente, sendo criteriosa desde a seleção dos mestres, passando pela organização dos currículos, que se adaptavam às exigências temporais, chegando aos alunos, que tinham que ser os melhores em dote humanos e sociais com a missão de salvar a massa de pessoas comuns.²⁶⁹ Tudo isso sem nunca perder de vista os valores católicos e o ideal de emulação tão característico da educação jesuítica.

²⁶⁷ Dr. Edivaldo Boaventura em entrevista concedida ao autor em 12/01/2004

²⁶⁸ Sr. José Newton De Souza em entrevista concedida ao autor em 07/01/2004

²⁶⁹ *PRINCÍPIOS EDUCATIVOS DA COMPANHIA DE JESUS*. Rio de Janeiro: Tipografia Particular, 1963, p. 68

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No período estudado, o imaginário social acerca das representações de gênero variou pouco. ou seja, mantiveram-se em evidência os tradicionais papéis atribuídos a homens e mulheres. dessa maneira a formação dos alunos vieirenses, também estava de acordo com esse imaginário social mais amplo, na medida em que reforçava entre os alunos tais papéis, que compartilhados pela Igreja Católica e pelo próprio Estado. Por isso, procurei entender a formação dos corpos, a inculcação dos valores, enfim, a educação desenvolvida pelo Colégio Vieira, enquanto um dos desdobramentos do poder, pano de fundo das relações entre homens e mulheres nas várias sociedades que compõem o mundo.

Ao final do texto o leitor pôde perceber que os educadores jesuítas, mesmo com sua organização disciplinar rigorosa e metodologia calcada numa operacionalidade organizada e na maior parte dos casos eficaz na transmissão dos valores formativos, não conseguiram impor de maneira plena em seus alunos, o modelo de masculinidade pretendido. Um dos motivos para que isso ocorresse foi a própria postura das famílias. Assim, mesmo sendo educados de determinada maneira no CAV, as interfaces entre os educandos e o mundo leigo influíam na formação dos alunos.

A construção da masculinidade, processo no qual a escola toma parte de maneira significativa, não pode ser pensada de maneira universal, isto é, sem se levar em conta a religião, a raça, a classe do grupo estudado. A educação oferecida pelo CAV atendia uma clientela que tinha o seguinte perfil: católico, em sua maioria brancos e pertencentes aos setores sociais mais ricos da sociedade baiana. Essa clientela, sobretudo os alunos internos, era preparada para assumir os postos diretivos, quero dizer com isso que a dominação hegemônica masculina na sociedade baiana, entendida enquanto estrutura macro-social, uma ideologia que sustentou e sustenta a desigualdade entre os gêneros, oculta diferenças que existem no próprio universo masculino, isto é, existem “masculinidades” diferenciadas.

Estudei no nível micro-social, um colégio que formava garotos dos estratos econômicos mais ricos, cultivando entre os mesmos determinados códigos de conduta, sem dúvida, alguns dos valores recomendados coincidiam com aqueles almeçados pelos homens das classes populares, outros não.

A educação ministrada pelo CAV além seguir os pressupostos do método jesuíta reproduzia um “padrão” cultural que estimulava os rapazes à imitação de alguns valores partilhados pela sociedade como típicos dos homens. Nesse sentido destaque e incentivo para

que os alunos exteriorizassem posturas, capacidades e competências tidas como exemplares para no gênero masculino, com efeito, destacava-se também a busca pelo controle emocional: o camuflar das fragilidades e inseguranças e, por fim a demonstração da virilidade. Tudo isso sem nunca perder de vista o gênero oposto, assim os meninos aprendiam sobretudo a evitar semelhanças com as moças e até manter-se afastado das mesmas buscando-se assim afastar os riscos de uma efeminanção.

A educação do CAV, própria para rapazes, era organizada de maneira meticulosa, preocupando-se desde o conteúdo curricular até a fiscalização das ações cotidianas, tais quais: o andar o falar, o se vestir, dentre outras especificidades. Essa “economia dos detalhes” reforçava estereótipos com relação aos gêneros ratificando assim o típico binômio: força/fraqueza, ímpeto/comedimento, coragem/temor, virilidade/docilidade, liderança/odediência; regente-mor das relações entre os sexos na sociedade baiana agro-mercantil.

Reforçando a tese de que a construção da masculinidade na escola guarda estreita ligação com a relação de poder entre os gêneros, aparecia o ideal de emulação muito presente na metodologia jesuítica que instigava os rapazes a buscarem os melhores postos coincidiu na vida escolar e fora dela, sendo estimulada a formação de lideranças católicas, políticas e econômicas. Nesse sentido, o CAV, notabilizou-se por formar pessoas que vieram a ocupar posições de destaque na sociedade baiana. Essas pessoas guardam até hoje alguns traços da ideologia que lhes foram transmitidas.

O mesmo sucesso formativo não se com as vocações sacerdotais, que desde os anos 20 era considerada pelos educadores jesuítas como rarefeitas: à medida que as décadas avançavam. Com o passar do tempo o aproveitamento das vocações sacerdotais só fez decair. fato que colaborou para a desativação do internato nos anos de 1950.

Aprender a ser “homem”, sobretudo apenas entre homens, é um constante papel de negação do feminino. Os alunos do CAV aprendiam mais o que “não” deviam fazer para não se tornarem semelhantes às mulheres não é a toa que se regulava: porte, comportamento, fala, vestimenta, horários, dentre outras coisas.

No Colégio Vieira estimulou-se um modelo de masculinidade que tinha como base a castidade, mas a construção do gênero masculino possui uma estreita ligação com aspectos simbólicos da vida social cotidiana, com seus códigos e significados. Esse fato acabou impondo valores e comportamentos entre os educandos, pertencente à chamada masculinidade leiga, típica do contexto cultural brasileiro, essa fomentava entre os rapazes, o contato sexual com o gênero feminino ainda na adolescência, fato este que muitas vezes contava com a

cumplicidade de membros mais velhos das respectivas famílias dos jovens. Esse peso do imaginário social mais amplo fez com que o modelo casto não florescesse tanto, quanto imaginavam os educadores inacianos.

Mesmo em um colégio jesuíta, com seu método mundialmente reconhecido pela sua eficácia e disciplina austera, o processo de construção identitária masculina não ocorria sem conflitos, pelo contrário, guardava momentos de tensão em seu contato com o mundo exterior e suas representações de gênero dominantes. Nesse sentido, os padrões educativos do CAV não se traduziram mecanicamente na prática, ou seja, os rapazes do Colégio Vieira, no plano sexual e afetivo, geralmente renegavam as orientações do colégio, mas no plano sócio-econômico, absorveram as recomendações, aceitando subir no “palco” construído culturalmente para o gênero masculino.

O domínio dos homens no “mundo da razão”, apoiava-se no discurso da superioridade física, intelectual e psicológica masculinas, que, no CAV traduziu-se na prática cotidiana dos esportes e na busca incessante por melhores resultados na vida estudantil e profissional. O Colégio Vieira mesmo não se abrindo para o gênero feminino, tornava-o simbolicamente presente entre os alunos, fosse no culto à Maria, fosse nas recomendações de não assemelhamento com as mulheres ou nas proibições de determinadas leituras ou, o que demonstra que a construção de uma determinada identidade de gênero, seja ela qual for, sempre se constrói a partir do “outro.”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E FONTES:

Referências Bibliográficas

- AGUIAR, Antonieta Nunes de. “Política Educacional na Bahia por Ocasão da República.” In: *Revista Estudos Acadêmicos*. Faculdade Rui Barbosa, Salvador, 2000.
- ALMEIDA, Miguel Vale de. *Senhores de si uma interpretação antropológica da masculinidade*. Lisboa: Fim de Século, 1995.
- ALMEIDA, Stela Borges de. *Educação, História e Imagem: Um estudo do Colégio Antonio Vieira através de uma coleção de negativos em vidro dos anos 20/30.*, Salvador, UFBA, 1999 (tese de doutoramento).
- _____. *Negativos em vidro: coleção de imagens do Colégio Antonio Vieira. 1920-1930*, Salvador: Edufba, 2002.
- BANGERT, Willian V. *História da Companhia de Jesus*. São Paulo: Edições Loyola/Livraria Apostolado da Imprensa, 1985.
- BORDIEU, Pierre “Uma ciência que perturba” e “Algumas propriedades dos campos”, In: *Questões de Sociologia*. R de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BRENOT, P. *Elogio da masturbação* Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 1998.
- CODINA, Gabriel. “A Ratio Studiorum: Quatrocentos Anos (1599-1999)”. In *Revista CEAP*, S. Paulo, 1999.
- COSTA, Jurandir F. “O lado escuro do Iluminismo” In: *Folha de São Paulo*, S. Paulo, 11/05 2003. p. 14.
- COSTA, Rosely G. “De clonagens e paternidades: as encruzilhadas do gênero” In: BESSA, Karla Adriana M. (Org.) *Cadernos Pagu* nº11. Campinas: Ed. Unicamp, 1998. pp. 157-199.
- FRANCA, Leonel. *O Método pedagógico dos jesuítas: introdução e tradução da “Ratio Studiorum”*. Rio da janeiro: Agir, 1959.
- FRANCO, José Eduardo. *Brotar educação*. Lisboa: Roma Editorial, 2001.
- GIDDENS, A. *A transformação da intimidade*. São Paulo: Editora Unesp, 1993.
- GHIRALDELLI JR, P. *História da educação*. Rio de Janeiro: Cortez Editora, 1997.
- GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA, Lisboa: s/ editora, 1990.
- HILSDORF, Maria Lucia S. *História da educação brasileira*. S.Paulo:Thomsom, 2003.
- HOLLANDA, Heloísa B. de. *Tendências e impasses*. R. de Janeiro, Rocco, 1994.
- LAQUEUR, Tomas. *Inventando o sexo, corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume/Dumará, 2001.

LOPES, Octacilio de Carvalho. "Influência do cinema na sociedade" In: *Congregação Mariana Acadêmica. Arquivo Mariano Acadêmico*. Salvador: Imprensa Oficial do Estado. 1925. Bahia. 21 de julho de 1923 pp 501-510.

LOURO, Guaracira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação*. Petrópolis: Vozes, 2001.

MACCIOCCI, Maria Antonieta "As mulheres e a travessia do fascismo" In: *Elementos para uma análise do Fascismo*. Lisboa: Bertrand, 1977 p.107.

MAGALHÃES, Joana Fialho. A relação entre as políticas de cultura e de turismo na cidade de Ilhéus Salvador: EDUFBA/Projeto Experimental em Comunicação, 2003.

MATOS, Maria Izilda. "História das sensibilidades: em foco, a masculinidade." *História. Questões e debates*. Ano 18, n.º 34, jan./jun. 2001. Curitiba: APAH/UFPR.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. "Discursos sobre a masculinidade" In: *Estudos feministas, Vol. 6, n.º 1*. R. de Janeiro: IFCS/UFRJ, 1999.

ORTIZ, Carlos. *Dai-nos chefes, senhor!* Campinas: Tipografia Paulista, 1939.

PASSOS, Elisete Silva. *Palcos e platéias, as representações de gênero na Faculdade de Filosofia*. Salvador: FFCH/UFBA, 1999.

_____ *Mulheres moralmente fortes*. Salvador: IFB, 1993.

_____ "Entre a autoridade e o afeto: Anfrísia Santiago e a educação feminina na Bahia" In: *Fazendo gênero na historiografia baiana*. Salvador,

FFCH/UFBA, 2001.

PASTORAL DA JUVENTUDE CATÓLICA. *Breve História da Ação Católica*. Disponibilizado em [http://: www.ijmp.org.br/historia](http://www.ijmp.org.br/historia) Acessado em 12/12/2003

SARDÁ, Maria M. *O androcentrismo*. Barcelona: Editora Icaria, 1991

SCHWARTZMAN, Simon "A política da Igreja e a educação: o sentido de um pacto" In: *Religião e sociedade*. Rio de Janeiro: FGV, 1986, pp 108-127.

SOIHET, Raquel. "Violência simbólica: saberes masculinos e representações femininas." In: *Estudos feministas*. Vol. 5, no. 1, 1997. R. de Janeiro: IFCS/UFRJ

TOTH, Tihamer. *Como educar a juventude*. Coimbra: Coimbra Editora Ltda., 1953.

VANIN, Iole Macedo. *Ginásio de São Bernardo: a construção da masculinidade (1939-1969)*. Salvador: UFBA, 2002. (dissertação de mestrado).

Fontes Manuscritas e Impressas:

ANTHURUS, Alonso. *Manual dos congregados marianos*. Confederação Nacional das Congregações Marianas: Rio de Janeiro, 1931.

ANUÁRIOS DO CAV, Salvador, 1917-1944.

- BADINTHER, Elisabeth. *XY sobre a identidade masculina*. R. de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BARROSO, Gustavo. "Leilão de moças" In: *A Tarde*. Salvador. 11/04/ 1931 p. 3.
- BERNARDO, José "A dedicação dos professores e prefeitos" In: *Conferências pedagógicas*. 1940 p.12.
- BRAGANÇA, Francisco. "O internato" In: *Conferências dos professores da Baía e Recife*. Salvador: Tipografia Beneditina, 1940. pp. 70-92
- BULÇÃO, Octávio de A. *O colégio Antonio Vieira do meu tempo: 1927-1933*. Salvador: sem editora, 1977.
- CALADO, B. Jorge. "O exibicionismo desportivo feminino" In: *Brotéria vol. XXVIII*. Lisboa, 1939. pp. 155-174.
- DA LUZ, José Batista (org). *Dicionário de língua portuguesa*. S. Paulo: Ed. Cia Nacional, 1949.
- DIÁRIOS DO CAV. vols. 1 e 2, 1911-1922 e 1923-1938.
- FARIAS, Gelásio de A. e MENEZES, Francisco da C. *Memória histórica do ensino secundário oficial na Bahia*. Salvador: Imprensa Oficial do Estado, 1937.
- HONORÉ, Luís. "O matrimônio cristão" In: *Brotéria vol. VII*. 1928, pp 112-125.
- JOMBART, E. "Sobre o casamento" In: *Brotéria vol. XII*, 1931. pp 234-255.
- LEITE, Serafim. "A formação integral da mulher cristão" In: *Brotéria vol XIV*, 1932. p. 347-350.
- LIMA, Hildebrando de e BARROZO, Gustavo. *Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, S. Paulo e Bahia: Civilização Brasileira, 1947.
- MADUREIRA, José M. A Liberdade dos Índios A Cia de Jesus Sua Pedagogia e Seus Resultados. Vol 2. Rio de Janeiro. Imprensa Nacional, 1929.
- MEYER, Leão "Educação intellectual" In: *Conferências pedagógicas*. Salvador: Typographia Brasil, 1921.
- OLIVEIRA, Ítala. *Da sexualidade à educação sexual*. Salvador: Fac. de Medicina da Bahia, 1927 (tese de doutoramento)
- PAULO VI. *Carta Encíclica "Humanae Vitae"*, São Paulo: Paulinas, 1968.
- PRINCÍPIOS EDUCATIVOS DA COMPANHIA DE JESUS*. Rio de Janeiro: Tipografia Particular, 1963.
- REGULAMENTO DOS ALUNOS DO CAV*, Salvador: Duas Américas, 1926

REGULAMENTO DOS ALUNOS DO CAV, Salvador: Duas Américas, 1948.

ROCHA, Antonio. "Educação sexual" In: *Brotéria vol. XVIII*, Lisboa, 1934, pp 316-323.

ROCHA, A. "A formação pelas humanidades" In: *Brotéria, vol 33* Lisboa, 1941, pp 22-24.

SÉGUIER, Jaime de *Diccionario práctico ilustrado luso-brasileiro*. Rio de Janeiro: Jornal do Commercio, 1913.

SANTOS, Orlando Tiago dos. *Considerações em torno da Família e suas relações com a escola*. Salvador: Faculdade de Medicina da Bahia, 1924. (Tese de Doutorado).

SANTOS, Gomes dos. "Coeducação II" In *Brotéria, vol. XXX*, Lisboa, 1940, pp. 460-469.

TAVARES, J.S. "O bolchevismo", 1920, Vol XVIII pp 129-132.

TORREND, Camilo. *Alguns dados biográficos de C.T.* Salvador, 1948. (Mimeografado)

VÁRIOS AUTORES. *Encyclopédia e diccionario internacional, vol 1*. R. de Janeiro - Nova York: W.M. Jackson Editores, 1935.

Fontes Orais:

BOAVENTURA, Edivaldo Machado, em 12 de janeiro de 2004.

SOUZA, José Newton Pereira de, em 07 de janeiro de 2004.

Fontes Iconográficas:

Álbuns do acervo fotográfico do Colégio Antonio Vieira. Salvador- Bahia.

Catálogo do acervo Memória Fotográfica do Colégio Antonio Vieira. Salvador-Bahia.

ANEXOS

Anexo A

DISCIPLINAS DO 2^o GRAU INSTRUÇÃO PRIMÁRIA- 1912	
Português	
Francês	
História	
Geografia	
Instrução Primária	Comportamento, Leitura, Ditado, Aritmética, Catecismo, Escrita

Fonte: Livro de Classificação dos Alunos do CAV, 1912

Anexo B

DISCIPLINAS DO 5^o ANO GINASIAL- 1912
Instrução religiosa
Português
Francês
Inglês
História
Geografia
Matemática
Física e Química
Ciências Naturais
Desenho

Fonte: Livro de Classificação dos Alunos do CAV de 1912

Anexo C

DISCIPLINAS DO 3^o CURSO PRIMÁRIO- 1920	
Português	
História	
Geografia	
Instrução Primária	Comportamento, Ditado, Caligrafia, Aritmética, Catecismo
Comportamento	Religioso, Civil, Disciplinar, Aplicação

Fonte: Livro de Classificação dos Alunos do CAV, 1920

Anexo D**DISCIPLINAS DO 5º ANO GINASIAL- 1920****Instrução religiosa****Latim****Matemática****Geografia****Química****Física****Ciências Naturais****Comportamento** | Religioso, Civil, Disciplinar, Aplicação

Fonte: Livro de Classificação dos Alunos do CAV, 1920

Anexo E**DISCIPLINAS DO CURSO COMPLEMENTAR PRIMÁRIO- 1931****História do Brasil****Geografia****Ciências Naturais****Geometria****Desenho****Instrução Primária** | Comportamento, Ditado, Leitura, Aritmética, Catecismo, Ciências Naturais, Geometria, Desenho**Comportamento** | Jogos, Religioso, Civil, Disciplinar, Aplicação

Fonte: Livro de Classificação dos Alunos do CAV, 1931

Anexo F

DISCIPLINAS DO 5^o ANO GINASIAL- 1931	
Instrução Religiosa	
Latim	
Filosofia	
História do Brasil	
Cosmografia	
Química	
Física	
História Natural	
Comportamento	Jogos, Religioso, Civil, Disciplinar, Aplicação

Fonte: Livro de Classificação dos Alunos do CAV de 1931

Anexo G

DISCIPLINAS DA 4^a SÉRIE GINASIAL- 1944
Português
Latim
Francês
Inglês
Matemática
Ciências
História do Brasil
Geografia do Brasil
Trabalhos manuais
Desenho

Fonte: livro de Classificação dos alunos do CAV, 1944

Anexo H

3ª SÉRIE DO CURSO CLÁSSICO²⁷⁰ - 1944
Latim
Grego
Português
Matemática
Física
Química
História
Geografia
Biologia
Filosofia

Fonte: livro de Classificação dos alunos do CAV 1944

Anexo I

3ª SÉRIE DO CURSO CIENTÍFICO²⁷¹ - 1944
Português
Matemática
Física
Química
Biologia
História
Geografia
Filosofia
Desenho

Fonte: livro de Classificação dos alunos do CAV 1944

²⁷⁰ Na única turma deste curso, em 1944, matricularam-se apenas cinco alunos.

²⁷¹ Já na turma do curso Científico no mesmo ano de 1944, efetivou-se a matrícula de 16 alunos. Essa supremacia do curso Científico sobre o Clássico manteve-se até o final da década de 1940.

3ª SÉRIE DO CURSO CIENTÍFICO²⁷² - 1944
Português
Matemática
Física
Química
Biologia
História
Geografia
Filosofia
Desenho

Fonte: livro de Classificação dos alunos do CAV 1944

²⁷² Já na turma do curso Científico no mesmo ano de 1944, efetivou-se a matrícula de 16 alunos. Essa supremacia do curso Científico sobre o Clássico manteve-se até o final da década de 1940.